

Flavia Fidelis De Paula

**CONTRIBUIÇÕES DO SILÊNCIO NA CONVERSA ELICIADA:
UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE DA CONVERSA E DAS
TEORIAS DE POLIDEZ**

Belo Horizonte

2018

Flavia Fidelis De Paula

**CONTRIBUIÇÕES DO SILÊNCIO NA CONVERSA ELICIADA: UM
ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE DA CONVERSA E DAS TEORIAS
DE POLIDEZ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Orientadora: Prof. Dra. Ulrike Schröder.

Belo Horizonte

2018

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Ulrike Schröder, por ter me acolhido no NUCOI, pela orientação, pela autonomia concedida, pela paciência e pela confiança.

Aos membros da minha banca de mestrado, Professores Alexandre Cadilhe e Gustavo Ximenes, que mesmo antes de lerem e avaliarem minha dissertação, fizeram contribuições valiosas para o desenvolvimento do meu trabalho, em diferentes ocasiões.

À Professora Renata Engels, da Universiteit Gent, por toda confiança, atenção, orientação e leituras compartilhadas, que tanto contribuíram para o desenvolvimento do meu trabalho.

Aos colegas do NUCOI, pela convivência e aprendizado compartilhados nestes anos. Gostaria de agradecer, especialmente, à Mariana Carneiro, pela solicitude.

Gostaria de agradecer à Adriana, à Carol, à Claudiene e à Marina Morena pela amizade, pelo apoio, alegrias e dificuldades acadêmicas que vivemos juntas. E mais ainda, obrigada por segurarem a minha mão todas as vezes que eu precisei.

À minha família, meu pai Celso e à minha mãe Neida, meus irmãos Marcel e Aulus pelo amor, respeito, suporte e apoio em todos os passos da minha trajetória. Agradeço especialmente à minha mãe *Neidinha*, por ser tão paciente e por sempre ter me encorajado e, principalmente, pelos dias em que me fez companhia durante as últimas semanas de escrita. Isso contribuiu de forma efetiva para a realização desta dissertação. Também agradeço ao meu irmão Aulus por ter feito as ilustrações deste trabalho.

Ao Laurens, pelo apoio, companherismo e respeito às minhas decisões.

Ao meu amigo Michael Paris pela ajuda em criar um programa executável e pela paciência em responder minhas questões estúpidas de matemática.

Aos meus amigos, em especial, à Maiana Abi, à Lara Spagnol, ao Bernardo Caldeira e ao Pil Ambrósio, pelo apoio, ajuda, escuta e principalmente pelas alegrias compartilhadas.

RESUMO

Em termos linguísticos, a noção de ‘silêncio’ pode veicular diferentes representações, conceitos e significados, ser uma percepção ou produção individual ou coletiva. O silêncio pode ainda marcar os limites entre uma afirmação e uma dúvida, um pouco semelhante à função de marcadores de pontuação em linguagem escrita. Um conceito que se relaciona ao silêncio é ‘pausa’, que para alguns analistas pode indicar o planejamento da fala (BUTTERWORTH, 1975) ou a produção de sintaxe complexa (GOLMAN-EISLER, 1968; BERNSTEIN, 1973). As pausas também podem ser relacionadas a diferentes níveis de percepção, como privação de ruído de fundo ou percebidas pelo ouvinte como marcador de hesitações ou reparos (DUEZ, 1993, p. 23). Apesar da aparente distinção proposta por muitos teóricos (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; TANNEN, 1985; DUEZ, 1985; NAKANE, 2007), este trabalho não discrimina os termos *silêncio* e *pausa*. Nesse sentido, o propósito deste trabalho é compreender o funcionamento dos **silêncios** que servem para estruturar a comunicação em suas funções **discursivas, sociais, cognitivas e afetivas**. Contudo, poucos estudos têm sido realizados para se analisar o silêncio na conversa eliciada. Observando essa lacuna, a presente dissertação tem como objetivo provar a aplicação das categorias discursiva, social, cognitiva e afetiva do silêncio a um *corpus* de conversa eliciada do português brasileiro, buscando compreender a relação entre o silêncio e a polidez linguística. A proposta para categorização das funções – discursiva, social, cognitiva e afetiva – e dos tipos de silêncio serem utilizados neste trabalho leva em conta as classificações apresentadas nos trabalhos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), Saville-Troike (1985), Brown e Levinson (1987), Jaworski (1993, 2003), Kerbrat-Oreccioni (2006) e Marcuschi (2003, 2015).

Palavras-chave: Análise da conversa. Conversa eliciada. Polidez. Pausas. Silêncio. Trabalho de face. Pragmática.

ABSTRACT

In linguistic terms, the notion of 'silence' can convey different representations, concepts and meanings, and be an individual or collective perception or production. Silence can also mark the boundaries between an affirmation and a doubt, somewhat similar to the function of punctuation markers in written language. A concept that is related to silence is 'pause', which for some analysts may indicate the planning of speech (BUTTERWORTH, 1975) or the production of a complex syntax (GOLMAN-EISLER, 1968; BERNSTEIN, 1973). The pauses can also be related to different levels of perception, as absence of background noise or perceived by the listener as a marker of hesitations or repairs (Duez 1993: 23). Despite the apparent distinction proposed by many theorists (Sacks et al., 1974; Tannen, 1985; Duez, 1985; Nakane, 2007), this work does not discriminate between the terms silence and pause. In this sense, the purpose of this project is the purpose of this work is to understand the functioning of the silences that serve to structure the communication in its **discursive, social, cognitive** and **affective** functions. Few studies have been carried out to analyze the silence in the elicited conversation. Observing this gap, this thesis intends to prove the application of the discursive, social, cognitive and affective categories of silence to a corpus of elicited conversation of Brazilian Portuguese, in order to understand the relationship between silence and linguistic politeness. The proposals for categorizing functions – discursive, social, cognitive and affective – and the types of silence used in this thesis take into account the classifications presented in the works of Sacks, Schegloff and Jefferson (1974), Saviile-Troike (1985), Brown and Levinson (1987), Jaworski (1993, 2003), Kerbrat-Oreccioni (2006) and Marcuschi (2003, 2015).

Keywords: Conversation Analysis. Elicited conversation. Politeness. Pauses. Silence. Face work. Pragmatics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1.	Macroestratégias de realização de FTAs	32
FIGURA 2.	Disposição dos participantes na sala de gravação	48
FIGURA 3.	Disposição dos participantes na interação 2014MuBr02.....	50
FIGURA 4.	Trecho de transcrição no Partitur-Editor	56
FIGURA 5.	Exemplo de uma tela do Partitur-Editor	58
FIGURA 6.	Exportação do trecho em arquivo .txt pré-editado.....	59
FIGURA 7.	Criando <i>corpus</i> no Exakt	60
FIGURA 8.	O <i>software</i> Exakt	61
FIGURA 9.	Sequência gerada de <i>output</i>	64
FIGURA 10.	Programa Executável para cálculo de pausas	65

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.	Correlações de conteúdo e segundos pares de adjacência	22
TABELA 2.	Interação 2013MuBr01	47
TABELA 3.	Perguntas norteadoras da interação 2013MuBr01	48
TABELA 4.	Interação 2014_Münster_Brasileiros2	49
TABELA 5.	Perguntas norteadoras da interação 2014MuBr	50
TABELA 6.	Pausas, Movimentos de respiração e Prolongamentos (...) 2013MuBr01	68
TABELA 7.	Pausas, Movimentos de respiração e Prolongamentos (...) 2014MuBr	69
TABELA 8.	Pausas pós pergunta 2014MuBr.....	69
TABELA 9.	Estrutura da interação 2013MuBr01	73
TABELA 10.	Distribuição das perguntas na interação 2013MuBr01	74
TABELA 11.	Estrutura da interação 2014MuBr	78

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Distribuição percentual das questões de eliciação na interação 2013MuBr01	75
GRÁFICO 2. Distribuição percentual (...) na interação 2013MuBr0.	77
GRÁFICO 3. Distribuição percentual das questões de eliciação na interação 2014MuBr.....	80
GRÁFICO 4. Distribuição percentual de pausas e silêncios na interação 2014MuBr.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise da Conversa
B1, B3, B4, B5	Participantes brasileiros do sexo masculino na interação 2013MuBr01
B2	Participante brasileira do sexo feminino na interação 2013MuBr01
B1, B2, B3	Participantes brasileiros do sexo masculino na interação 2014MuBr
B4	Participante brasileira do sexo feminino na interação 2014MuBr
FTA	<i>Face Threatening Act</i> – Ato ameaçador à face
GAT 2	<i>Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2</i> – Sistema de transcrição de análise conversacional 2
LTR	Lugar relevante para a transição de turno
UE	Unidade Entonacional
PV	Preenchimento vocálico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1. Pragmática.....	15
2.2. Análise da conversa.....	17
2.3. O silêncio.....	24
2.3.1. Fenômenos inerentes à conversa.....	26
2.3.1.1. Pausas e hesitações.....	27
2.4. Face.	28
2.5. A Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978 [1987])	30
2.6. Outras Contribuições para o Estudo da Polidez Linguística.....	37
3. METODOLOGIA	43
3.1. Os dados.....	43
3.2. A Ação Social da Conversa Elicida.....	45
3.3. Os participantes.....	47
3.3.1. A interação 2013MuBr01.....	47
3.3.2. A interação 2014MuBr02.....	49
3.4. A duração das interações.....	51
3.5. Transcrição: O Sistema GAT 2.....	52
3.6. O software EXMARaLDA: funções e ferramentas.....	55
3.6.1. A ferramenta de transcrição: Partitur-Editor.....	56
3.6.2. Mapeando as Ocorrências de Silêncio: a ferramenta EXAKT.....	59
3.7. Calculando Pausas, Prolongamentos Vocálicos, Movimentos de Inspiração e Expiração.....	63
4. A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	66
4.1. As Interações.....	66
4.2. A Interação 2013MuBr01.....	70
4.3. A Interação 2014MuBr.....	77
4.4. As Categorias de Silêncio.....	81
4.4.1. Categoria Cognitiva.....	82
4.4.2. Categoria Discursiva.....	89
4.4.3. Categoria Social.....	94
4.4.3.1. As entradas e as saídas da conversa eliciada.....	95
4.4.4. Categoria Afetiva.....	104
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	123

1. INTRODUÇÃO

Expressões que atribuem um valor ao silêncio, seja na fala cotidiana ou na literatura, são frequentemente produzidas. Enunciados como “falar é prata, calar-se é ouro”, “um bom silêncio vale mais que uma pergunta”, “silêncio também é fala”, figuram a lista dos ditos populares. Nas falas institucionais, a privação da fala é atestada como um direito nos tribunais “você tem o direito de permanecer calado”. Na bíblia, o hiato entre o antigo e o novo testamento é conhecido como ‘silêncio divino’. O silêncio permite a expressão de emoções, podendo atuar como expediente de conteúdos e contemplação em manifestações artísticas, como o teatro e o cinema mudo e até mesmo, na composição musical, como a peça “4’33”, de John Cage.

Na literatura, a recusa de Ulisses em revelar sua identidade é descrita como ato silencioso (FENIK, 1974, p. 20). Franz Kafka (1917) numa releitura do Canto XII, passagem amplamente conhecida da *Odisseia*, remonta o encontro de Ulisses e as sereias. O protagonista da narrativa kafkiana pode ser, ao contrário do heroico Ulisses do clássico, reduzido à ingenuidade e até mesmo à ignorância, uma vez que acreditou superar uma das maiores provações, quando de fato, não se atentou à real ameaça.

“Ulisses, contudo, – se é que se pode dizer assim – não escutou seu silêncio, mas acreditou que elas cantavam e que tão somente ele estava protegido do perigo de escutá-las.” (KAFKA, 2002, p. 104-105)

O Ulisses de Kafka é, portanto, destituído de sua aura heroica. Em “O silêncio das sereias”, o emudecimento dos seres mitológicos, em contraposição à passagem do texto canônico, configura o estranhamento, a incompreensão e, até mesmo, o caráter negativo que constantemente é atribuído ao silêncio. Ainda na literatura, vemos, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1977), que a escassez de falas das personagens parece sinalizar o traço distintivo das opressões as quais Fabiano e sua família estavam sujeitos. Em meio à aridez e miséria do sertão, o silêncio das personagens representa as frustrações, a sensação de impotência e de incompreensão diante da realidade circundante da obra.

Em termos linguísticos, a noção de ‘silêncio’ pode veicular diferentes representações, conceitos e significados, ser uma percepção ou produção individual ou coletiva. O silêncio pode ainda marcar os limites entre uma afirmação e uma dúvida, um pouco semelhante à função de marcadores de pontuação em linguagem escrita. Um conceito que se relaciona ao silêncio é ‘pausa’, que para alguns analistas pode indicar o planejamento

da fala (BUTTERWORTH, 1975) ou a produção de sintaxe complexa (GOLMAN-EISLER, 1968; BERNSTEIN, 1973). As pausas também podem ser relacionadas a diferentes níveis de percepção, como privação de ruído de fundo ou percebidas pelo ouvinte como marcador de hesitações ou reparos (DUEZ, 1993, p. 23).

Apesar da aparente distinção proposta por muitos teóricos (GOLMAN-EISLER, 1968; SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; TANNEN, 1985; DUEZ, 1985; LEVINSON, 2007 [1983]; NAKANE, 2007), este trabalho não discrimina os termos *silêncio* e *pausa*. Nesse sentido, o propósito desta dissertação é alinhar-se com o entendimento de Saville-Troike (2003) o qual aponta para a necessidade de se distinguir o silêncio que serve para estruturar a comunicação em suas funções sintáticas, pragmáticas e cognitivas, que ocorrem dentro e entre turnos de conversa (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 117).

Durante um encontro social, as pessoas precisam manter uma imagem de si mesmas através de estratégias comunicativas, que podem funcionar de modo mais ou menos consciente, dependendo do contexto, do grau de distanciamento e proximidade dos participantes e também do gênero conversacional. De modo geral, as pessoas tendem a se sentir conectadas e compreendidas quando existe certa sincronização dos ritmos de fala, sem muitas interrupções ou ainda sem que apareçam silêncios e pausas muito demoradas na conversa. Em decorrência disso, frequentemente, a noção de senso comum atribui ao silêncio uma carga negativa, associando-o a distanciamento, incompatibilidade ou até mesmo falta de compreensão mútua entre os falantes.

Contudo, nem sempre o silêncio é percebido com algo constrangedor e estranho à comunicação, ao contrário, o silêncio também pode regular a conversa e as relações sociais, marcar os limites entre a fala e a dúvida, a ideia e a palavra, a certeza e a hesitação. Entretanto, apesar de a literatura disponível mostrar algumas pesquisas sobre o silêncio em abordagens pragmáticas (EPHRATT, 2012; KURZON, 1998; HERNÁNDEZ-FLORES, 2002, 2003; CONTRERAS FERNÁNDEZ, 2008), em discursos políticos, jurídicos (STOKOE; EDWARDS, 2011; 2015), na sala de aula (NAKANE, 2007; OLIVEIRA TOMAZ, 2008), poucos estudos têm sido realizados para se analisar o silêncio na conversa eliciada.

O interesse pela temática do silêncio surgiu da observação da interação 2014MuBr02, que integra o corpus utilizado nesta pesquisa, durante a análise e discussão desta sequência na disciplina de Análise da Conversa ministrada por Schröder. A trajetória de conclusão desta conversa ocorre a partir dos três minutos e meio (3.5) finais do encontro, quando um dos estudantes, B3 (ver seção 3.3.2) relata um acontecimento sobre a temática

‘experiências negativas’. Após descrever o episódio por aproximadamente um minuto, nenhum outro participante toma o turno para si. Nenhum dos estudantes avalia, comenta ou demonstra empatia diante do caso e de todas as emoções narradas pelo participante B3; não há nenhum alinhamento ou afiliação por parte dos demais estudantes e ninguém parece ter ou querer compartilhar algo, dando sequência à temática em questão.

Desse modo, os estudantes, poucos minutos antes do encerramento conversacional, começam a delinear uma trajetória de saída da interação, que é precedida por uma ausência significativa de fala – aproximadamente oito segundos. Esse momento de maior silêncio conversacional pode ser observado na linha 02 do trecho a seguir:

Trecho 00 - 2014MuBr02 ((30:50–31:01))

```
01   B3:   não me recordo de mais nada.
02       (8.3)
03       <<olhando para B4> alguém mAIs (.) para contar alguma COIsa?
04       estamos FEItos.>
```

O que despertou minha atenção durante esse momento da interação é o fato de os estudantes expressarem um enorme desconforto e estranhamento, não havendo, contudo uma ação que buscasse reparar a face dos envolvidos ou, ainda, uma tentativa de dar continuidade à conversa, indicando, portanto, uma dissociação passiva em relação ao projeto de fala do participante B3. O silêncio, neste momento da interação, parece atuar como um expediente de encerramento conversacional, que não só permite como viabiliza que os participantes possam sair da conversa de modo não abrupto. Tais observações despertaram meu interesse pelo entendimento sobre quais seriam as ações, passivas ou responsivas, que o silêncio poderia desencadear em uma conversa.

Desse modo, o trabalho a ser conduzido aqui investigará o silêncio na conversa eliciada, a saber, um método de coleta de dados cujo intuito é permitir que os falantes cumpram determinados objetivos de pesquisa, como falar sobre assuntos pré-determinados ou atingir algum objetivo específico proposto pelo pesquisador.

Assim, espera-se que, após a investigação de ambas interações, esta dissertação possa contribuir para o entendimento do silêncio na conversa, especialmente, no contexto da fala eliciada, o que pode levar a uma melhor compreensão do funcionamento das trocas comunicativas deste gênero conversacional, além de apontar alguns padrões responsivos na realização e estruturação da conversa de falantes do português brasileiro.

1.1 Objetivos

Partindo da análise de uma interação entre cinco estudantes brasileiros, quatro homens e uma mulher, filmada em agosto de 2013, e de uma interação com quatro dos cinco estudantes brasileiros que participaram da primeira filmagem, em julho de 2014, três homens e uma mulher, ambas filmadas durante o período de intercâmbio destes brasileiros em uma universidade estrangeira, esta dissertação tem por objetivo geral:

Investigar as funções do silêncio no nível linguístico, conversacional e interacional, a partir da observação do fenômeno em sua relação com outros elementos verbais, não verbais e paraverbais, em suas funções discursivas, pragmáticas, cognitivas e afetivas, que ocorrem dentro e entre turnos de conversa.

Desse modo, esta dissertação busca provar a aplicação das categorias discursivas, sociais, afetivas e cognitivas do silêncio a um *corpus* de fala eliciada, considerando a relevância desse método de coleta de dados para as pesquisas dos estudos da Pragmática e da Análise da Conversa. Para além da investigação e descrição dos diferentes categorias, significados e funções de silêncio na conversa, este trabalho também tem por objetivo ver como o silêncio atua enquanto estratégia de polidez, segundo as teorias de face propostas por Goffman (1967), e também das teorias de polidez linguística de Brown e Levinson (1978, 1987), Kerbrat-Orecchioni (2006) e Diana Bravo (1999, 2004).

Considerando o crescimento significativo do *corpus* do *Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação - NUCOI*¹ este trabalho propõe, inicialmente, uma pesquisa qualitativa acerca do fenômeno silêncio, a partir da coleta de dados em *corpus* já existente. Uma vez que os dados analisados são extraídos de conversas eliciadas, esta dissertação também pretende investigar o que o silêncio pode significar dentro desse ambiente de fala, explicitando algumas funções do silêncio que amparam, regulam ou ainda calibram o funcionamento da conversa eliciada; e ainda, averiguar se há uma tendência ao maior

¹ <www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi>

desconforto dos participantes durante as interações eliciadas. Essas hipóteses se justificam tanto pelo fato de as gravações apresentarem momentos críticos, a exemplo dos relatos sobre episódios conflitantes vivenciados no exterior, quanto pelo fato de que em um ambiente de fala eliciada as pessoas procuram demonstrar interesse e engajamento nos assuntos abordados.

A fim de se atingir os objetivos supracitados, serão apresentadas as teorias relacionadas à Pragmática, à Análise da Conversa, às teorias de Face e Polidez Linguística, bem como definições essenciais relacionadas ao silêncio, no Capítulo 2. No Capítulo 3, serão descritos os procedimentos realizados para a criação do *corpus* utilizado nesta pesquisa e os métodos utilizados para a análise. No Capítulo 4, serão realizadas a análise e discussão dos resultados, e, por fim, no Capítulo 5, será apresentada a conclusão dos resultados oriundos das análises empreendidas nesta dissertação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo se propõe a apresentar os princípios teóricos da Pragmática, da Análise da Conversa, do modelo de Face e da Polidez Linguística, os quais irão fundamentar o estudo aqui empreendido, além de fornecer uma apresentação dos conceitos de silêncio em sua relação com a linguística. Dessa forma, serão utilizadas as noções desenvolvidas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974, 1977, 2003), Goffman (1967), Brown e Levinson (1987), Levinson (2007 [1983]), Kerbrat-Orecchioni (2004, 2006) e Bravo (1999, 2004, 2008).

É importante ressaltar que esse trabalho parte de uma abordagem multidisciplinar, a qual pretende viabilizar o diálogo de aspectos relevantes provenientes de diferentes teorias, a fim de que se cumpram os objetivos propostos.

O silêncio é um fenômeno paraverbal que recebeu atenção apenas a partir da análise de língua no uso e como processo, quando foram incluídos fenômenos além do verbal. Por isso, é importante fazer um breve apanhado sobre o surgimento da Pragmática como disciplina que se desenvolveu a partir desse novo foco.

2.1. Pragmática

Definir uma disciplina tão ampla como a *Pragmática* parece ser uma tarefa árdua, mesmo para os autores que são referência no assunto. Para Searle, Kiefer e Bierwisch, “*Pragmática* é uma daquelas palavras (*social* e *cognitivo* são outras) que dão a impressão de que se está falando de algo inteiramente específico e técnico, quando, na verdade, muitas vezes, ela não tem nenhum significado claro” (SEARLE; KIEFER, BIERWISCH, 1980, viii *apud* LEVINSON, 2007 [1983], p. 7).

A noção de Pragmática como o estudo das relações dos signos para os intérpretes, criada pelo filósofo Morris (1938), foi o ponto de partida para que outros pragmaticistas pudessem definir o termo. Para Stalnaker (1972), Pragmática seria “o estudo dos atos linguísticos e dos contextos nos quais estes são realizados”;² Kasher (1998) define o termo como “o estudo da competência da língua em uso”;³ Wilson (2003) afirma que Pragmática é “o estudo de como as propriedades linguísticas e os fatores contextuais atuam na interpretação

² Em original “(...) the study of linguistic acts and the contexts in which they are performed.” (Stalnaker *apud* Kecskes, 2014, p. 22). Tradução livre.

³ “the study of the competence of language use”. (Kasher, 1988 *apud* Kecskes, 2014, p. 22). Tradução livre.

dos enunciados, possibilitando aos ouvintes superar a lacuna entre o significado da sentença e o significado proposto pelo falante”.⁴

Contudo, o entendimento de que a Pragmática deveria abordar como o significado é moldado e inferido durante as interações sociais não é uma questão tão simples. Kecskes (2014) problematiza a divisão descritiva (gramatical) em oposição à descrição do uso no campo dos estudos linguísticos, apontando a dificuldade que os linguístas têm em combinar estrutura e uso. Tais adversidades ecoam no trabalho dos pragmaticistas, uma vez que seus interesses de pesquisa também se encontram divididos entre os que procuram restringir ao campo questões puramente linguísticas – componente gramatical – e os que estariam interessados não apenas no código, mas na noção de pragmática enquanto *perspectiva* (cf. VERSCHUREN, 1999). Para Kecskes, a abordagem monolíngue pragmática mais comum na atualidade é “social” (MEY, 2001) e os fenômenos que não atingem o status de ‘gramaticalizados’ (LEVINSON, 2007 [1983])⁵ são ignorados em muitas versões pragmáticas.

Levinson (2007 [1983]) reconhece que o termo ‘pragmática’ abrange diversas definições e, em decorrência disso, destaca a dificuldade de se criar fronteiras claras nessas conceituações. Para o autor, a Pragmática poderia ser definida, de modo geral, como o estudo da língua em uso, em sua relação com a linguagem e o contexto.

Mey (2001, p. 6), por outro lado, evidencia o papel dos falantes e esclarece que a Pragmática não se preocupa apenas com a questão de língua enquanto produto final, mas principalmente com o processo de produção da linguagem e com seus produtores, propondo, desse modo, uma definição mais abrangente para o termo. Segundo Mey, Pragmática é “o estudo do uso da língua na comunicação humana na medida em que este é determinado pelas condições da sociedade.” (MEY, 2001, p. 6, tradução livre).⁶

Em suma, a Pragmática tem se mostrado um campo profícuo, especialmente para as disciplinas que buscam compreender como se dá a comunicação humana, seja na interação face a face ou quando as pessoas interagem à distância. Adicionalmente, a aplicação da Pragmática em diversos campos na linguagem que buscam identificar, compreender ou até

⁴ Em original “the study of how linguistic properties and contextual factors interact in the interpretation of utterances, enabling hearers to bridge the gap between sentence meaning and speaker’s meaning.” (Wilson *apud* Kecskes, 2014, p. 22). Tradução livre.

⁵ Mey (2001, p. 6) esclarece o termo gramaticalização: “This definition accepts only those uses of language as pragmatically relevant that have a distinct grammatical expression, i.e., that operate with phonological, morphological and syntactic elements under the direction of grammatical rules; this is what Levinson means by ‘grammaticalized’”.

⁶ Pragmatics studies the use of language in human communication as determined by the conditions of society.

mesmo solucionar problemas de comunicação permite que se estabeleça diálogo e interligação com várias disciplinas, como a Semântica, a Sociolinguística, a Psicolinguística e a Análise da Conversa. Nesse sentido, Levinson (2007) observa que o intercâmbio entre a Pragmática, a Sociolinguística e a Análise da Conversa, por exemplo, pode ser extremamente produtivo:

(...) a sociolinguística tem contribuído muito para certas áreas da pragmática, especialmente o estudo da dêixis social e dos atos de fala. Todavia, a pragmática, por sua vez, tem muito a contribuir para a sociolinguística; pois, ao tentar entender a importância social dos padrões de uso da linguagem, é essencial compreender as propriedades e os processos estruturais subjacentes que criam exigências à interação verbal.

(...) De fato, em geral, a análise da conversação tem muito a oferecer aos sociolinguistas. Por exemplo, o entendimento de que conversação é básica ou paradigmática e de que outras formas de intercâmbio verbal são especializações (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1978, 45 ss.; Atkinson e Drew, 1979) pode ajudar a colocar a etnografia da fala numa base comparativa mais sólida. (LEVINSON 2007, p. 481)

O referido autor (cf. 2007) ainda destaca que existe uma forte relação entre a estrutura conversacional e a estrutura da sentença, e ao que tudo indica, muitos processos sintáticos podem ser atribuídos aos aspectos da organização conversacional (alternância de turnos, organização das preferências, reparo), como será visto na seção 2.2. A aplicação da Pragmática a problemas de interação face a face e a eventuais dificuldades comunicativas também alcança as teorias do trabalho de face e da polidez linguística, cuja premissa é o gerenciamento do equilíbrio das relações interpessoais.

2.2. Análise da Conversa

A Análise da Conversa (doravante AC) surgiu no começo dos anos 1970 e deriva de um método étnico de pesquisa que veio a ser conhecido como ‘etnometodologia’. Esse método, por sua vez, teve suas origens a partir de um movimento de pesquisadores que não estavam de acordo com as imposições supostamente objetivas das técnicas quantitativas nas pesquisas de sociologia (LEVINSON, 2007). A discordância de muitos sociólogos com tais imposições os conduziram à criação de um conceito teórico e de um procedimento analítico cujas origens se centraram na produção e na interação social – a etnometodologia.

O termo ‘etnometodologia’ foi cunhado por Harold Garfinkel (1967) e inspirado pela fenomenologia social de Alfred Schütz (1964). As ideias defendidas por Garfinkel opunham-se à hipótese dos estudos sociológicos tradicionais de que é possível analisar as ações humanas a partir de uma perspectiva objetiva e orientadas pela noção de racionalidade. Dessa forma, Garfinkel (1967) propôs o estudo de pessoas comuns em situações cotidianas, as quais

permitiriam observar como os participantes se interrelacionam, entendendo que a realidade social é uma construção em realização, gerida pelos participantes, local e intersubjetivamente ratificada pelos membros de uma dada comunidade. Já a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), pode ser entendida como um desenvolvimento da teoria social de Harold Garfinkel (1967), uma vez que seu foco de atuação está direcionado para a compreensão de como os indivíduos atuam durante suas interações no espaço e no momento em que estas acontecem (GARCEZ, 2008).

Em seu artigo pioneiro *The simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation*, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) propõem um modelo de organização da tomada de turnos para a conversa que consiste, frequentemente, em um sistema de pares adjacentes (a exemplo de uma pergunta seguida de uma resposta ou uma oferta seguida de aceitação ou recusa), organizado sequencialmente. De acordo com esse sistema, a conversa deve ser ocupada sucessivamente por diferentes participantes e é idealmente caracterizada pelo princípio da alternância de turnos de fala em que uma só pessoa fala de cada vez (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). No referido artigo, os autores ressaltam que o silêncio desempenha um papel comunicativo especialmente entre os turnos de fala quando pode apresentar um sinal para um próximo falante falar. Por outro lado, lacunas prolongadas entre os turnos podem ser atribuídas à falta de interesse de um dos participantes em manter o fluxo da conversa (Kerbrat-Orecchioni, 2006) ou ainda serem consideradas falhas de gerenciamento da comunicação em relação ao sinal que os falantes emitem ao final do turno, a exemplo de um silêncio após uma piada (SACKS, 1974).

Buscando averiguar e descrever de que forma os participantes atuam durante uma interação, os analistas da conversa ocuparam-se, então, dos procedimentos e das habilidades que estariam envolvidas nesse processo. Para os precursores da AC, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (1974), tais interesses foram suscitados pelo entendimento da sequencialidade da conversa com seu sistema de pares adjacentes (como pergunta – resposta; oferta – aceitação etc.) e de alternância de turnos, o que, por sua vez, contribuiu para a inserção da conversa como objeto de estudo linguístico.

A definição de conversa abarca tanto o uso cotidiano da linguagem quanto a noção de um sistema organizado que permite a descrição e análise de seu funcionamento (GARCEZ, 2008). Portanto, é possível afirmar que a noção de conversa não se limita à comunicação verbal entre dois ou mais falantes, e integra, da mesma forma, elementos prosódicos, não verbais e paraverbais, o que ratifica o entendimento de que o silêncio cumpre um papel importante durante a comunicação.

Em seu uso cotidiano, a conversa, segundo Kebrat-Orecchioni (2006, p. 13), constitui um tipo particular no conjunto das interações verbais e pode ser definida como uma interação simétrica e igualitária entre um número limitado de participantes, entendendo que, a princípio, todos os indivíduos envolvidos em tal atividade possuem os mesmos direitos e deveres e cujos objetivos específicos são orientados pelo apreço à conversa. Ressalte-se ainda que a conversa também é caracterizada por uma relativa alternância tanto dos temas quanto das falas dos participantes e, por isso, geralmente ocorre fora dos contextos institucionais, como sala de aula, palestras, cultos religiosos etc.

No que concerne à sua estrutura, diz-se que a conversa é relativamente alternada, pois apresenta como característica principal a organização em alternância de turnos de fala. Ora, isso significa que em uma conversa entre dois participantes, entende-se que os turnos de fala serão constituídos da seguinte forma A-B-A-B-A-B, sendo que enquanto A detiver seu turno, B permanecerá em silêncio, aguardando sua vez de falar.

Segundo as teorias da AC, a conversa é organizada e gerenciada localmente pelos indivíduos durante uma interação. Essa organização pressupõe que, durante seu turno de fala, cada indivíduo fale por vez, evitando a sobreposição de falas ou pausas muito extensas. Todavia, é preciso considerar que é *na* interação e *pela* situação interacional que o papel desempenhado pelo silêncio irá emergir e, dessa forma, sua função e/ou relevância devem ser analisadas à luz de cada ocorrência:

Muitos tipos de ausências de fala dotadas de significação podem ser encontrados [...] e cada tipo chama a atenção do estudioso para os tipos fortes de expectativas que as diferentes organizações conversacionais, sejam elas de âmbito local, geral ou intermediário, impõem a segmentos sequenciais específicos. A demonstração é mais notável pelo fato de que o silêncio não tem traços próprios: todas as significações diferentes atribuídas a ele devem ter suas fontes nas expectativas estruturais engendradas pela conversa em que está inserido. (LEVINSON, 2007 [1983], p. 420-421)

Com efeito, Sacks, Schegloff e Jefferson postulam que a conversa é gerida localmente, parcialmente administrada e intencionalmente controlada pelos falantes, além de ser sensível ao contexto e organizada em turnos de fala. Vale lembrar que a organização em turnos serve às mais variadas atividades sociais, a exemplo do tráfego de veículos no trânsito, dos momentos em que os trabalhadores em hospitais se revezam para atender continuamente os pacientes, das atividades quem envolvem a troca de fala por parte dos interactantes presentes, a exemplo de leilões, sala de aula, palestras, tribunais etc. Dessa forma, a distribuição da conversa em turnos, ou *sistema de troca de turnos*, trata das regras de

ordenamento da fala dos participantes, analisando quais são as chances de se alocar turnos de conversa durante uma interação, ou dito de outro modo, sobre quais são as oportunidades que as pessoas têm de falar durante um encontro social.

O sistema de tomada de turno da conversa, por sua vez, apresenta dois componentes – a alocação e a composição de turnos – e um conjunto de regras em estreita coordenação (LODER; JUNG, p. 62). A alocação diz respeito aos lugares potenciais onde o falante pode decidir e/ou escolher quem será o próximo falante ou ainda se autosselecionar. A seleção do próximo falante pode ocorrer a partir do direcionamento verbal ou paraverbal a um dado interlocutor, com perguntas, gestos ou olhares, por exemplo. Também é possível que ocorra a autosseleção quando o participante toma o turno de fala para si. Frequentemente, a autosseleção surge a partir de uma sobreposição de fala ou após a percepção de uma pausa ou interrupção feita por quem previamente detinha o turno de fala.

A *composição*, por sua vez, relaciona-se ao conjunto de elementos que constituem a fala de um participante, em outras palavras, diz respeito às unidades básicas de organização dos turnos. Conforme observa Marcuschi (2003), as unidades de análise ou unidades comunicativas (UC) na Análise da Conversa não são meramente sintáticas, e sim, conversacionais. Dessa forma, os elementos constitutivos de uma UC são divididos entre componentes (a) verbais, fonológicos, lexicais e morfossintáticos, como sentenças, orações e locuções frasais; (b) paraverbais e prosódicos, como as pausas, as lacunas, as hesitações e os sorrisos; e (c) não verbais, como gestos, postura, olhar, aparência do interlocutor etc. O autor ressalta que geralmente as Ucs são marcadas por pausas, entonação e certos elementos lexicais ou paralexiais (MARCUSCHI, 2003).

Desse modo, a Análise da Conversa, é uma disciplina que permite a investigação e compreensão do sistema subjacente à conversa natural, e que não se limita à descrição da linguagem em si, mas fornece meios de se interpretar os recursos, os métodos e a articulação das ações sociais dos indivíduos durante a interação. Além disso, a AC atenta-se à perspectiva de quem participa da conversa, observando não apenas *o que* as pessoas falam, mas *como* falam.

Na sequência, serão apresentados alguns conceitos fundamentais da Análise da Conversa que servirão não apenas como suporte teórico, mas também contribuirão para os procedimentos que serão empreendidos na análise dos silêncios, pausas e lacunas conversacionais.

Turno de fala: também conhecido como *turno conversacional*, é definido por Marcuschi (2003, p. 18) como “aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio”. Tal noção evoca a ideia de sistema *de troca* ou

tomada de turnos, que de acordo com Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) trata das regras de ordenamento da conversa e da distribuição das oportunidades de fala. Outro conceito relacionado a turnos versa sobre os *locais relevantes para a transição* (LRT), que são sinais indicativos na fala do participante, como uma pergunta ou um marcador de contato (*entende?, sabe?, não é?*) ou indícios como pausas, marcas prosódicas, prolongamentos, hesitações etc. que demonstram que a pessoa concluiu o seu turno de fala. Esses sinais podem surgir a partir de articulações bem definidas, como uma pergunta/ oferta/ solicitação endereçada a um outro participante, ou ainda através de olhar, aceno de cabeça, gesticulação etc. O sistema de regras para as tomadas de turno (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1978) foi descrito da seguinte forma:

(1) Para qualquer turno, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno:

(a) Se o turno até aqui está construído de modo a envolver o uso de uma técnica de ‘falante corrente seleciona o próximo’, então a parte assim selecionada tem o direito e é obrigada a tomar o turno seguinte para falar; nenhuma outra parte possui tais direitos ou obrigações, e a transferência ocorre naquele lugar.

(b) Se o turno até aqui está construído de modo a não envolver o uso da técnica de ‘falante corrente seleciona o próximo’, então a autoseleção para a próxima vez de falar pode ser instituída, mas não necessariamente; quem inicia primeiro adquire o direito ao turno, e a transferência ocorre naquele lugar.

(c) Se o turno até então é construído de forma a não envolver o uso da técnica de ‘falante corrente seleciona o próximo’, então o falante corrente pode, mas não precisa continuar, a menos que outro se auto-selecione.

(2) Se, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno, nem 1a e nem 1b operaram, e, seguindo a provisão 1c, o falante corrente continuou, então o conjunto de regras a–c reaplica-se no próximo lugar relevante para a transição e recursivamente a seguir em cada lugar relevante para a transição, até a transferência ser efetivada.

(SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. 2003 [1974], p. 16-17).

Par adjacente / Sequência: Segundo Kerbrat-Oreccioni (2006, p. 56), “a sequência pode ser definida como um bloco de trocas ligadas por um forte grau de coerência semântica ou pragmática”. Desse modo, o que se observa na conversa é uma série de movimentos coordenados e que muitas vezes também criam, de certo modo, uma expectativa sobre a ação ou enunciação que será produzida pelos participantes. Os *pares adjacentes* constituem, assim, um tipo especial de sequência de duas partes enunciadas por dois participantes distintos, em dois turnos com valores ilocucionários complementares, como o convite-aceite /recusa e a pergunta – resposta.

Sobreposição de falas: A sobreposição ocorre quando dois ou mais participantes falam simultaneamente. Pode representar um contratempo no sistema de alternância dos

turnos, já que a expectativa conversacional é que uma pessoa fale por vez. Não deve ser confundida, contudo, com a interrupção (arbitrária ou não) que ocorre quando um participante toma o turno a si, antes que a outra pessoa tenha terminado de falar. A interrupção, muitas vezes, acontece após uma pausa intra-turno confundida com uma pausa de fim de turno. Nestes casos, é comum que a interrupção seja seguida de uma sobreposição (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Entretanto, as sobreposições geralmente são curtas, uma vez que a característica primária do sistema de troca de turnos diz respeito a minimizar lacunas e sobreposições que eventualmente possam surgir na conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Preferência: A noção de preferência refere-se aos comportamentos e expectativas, sociais e conversacionais, criados durante a interação. Vale destacar que o termo liga-se à noção estrutural da conversa, em suas sequências e turnos e não às características psicológicas dos participantes (SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977). Dessa forma, uma primeira parte do par adjacente sinaliza o tipo de segunda parte esperado (e.g. uma ofensa seguida de um pedido de desculpas, um elogio seguido de um agradecimento etc), porém como aponta Levinson (2007 [1983], p. 390) “nem todas as segundas partes portenciais de uma primeira parte de par adjacente têm o mesmo estatuto”. O autor apresenta uma relação entre diferentes sequências e as ações preferidas ou despreferidas, conforme se observa na tabela 1. É possível que haja uma elaboração maior dos turnos nos casos de ações despreferidas, com produção de atrasos, hesitações, iniciadas por marcadores discursivos, concordância simbólica, justificativas etc.

Tabela 1: *Correlações de conteúdo e formato em segundos de pares de adjacência*

PRIMEIRAS PARTES					
	Pedido	Oferta/ Convite	Avaliação	Pergunta	Culpa
SEGUNDAS PARTES					
<i>Preferidas:</i>	Aceitação	Aceitação	Concordância	Resposta esperada	negação
<i>Despreferidas:</i>	recusa	Recusa	Discordância	Resposta inesperada ou não resposta	admissão

Fonte: Levinson (2007 [1983], p. 430)

Reparo: As interações estão suscetíveis ao surgimento de problemas que podem dificultar o andamento da conversa. Isso pode ocorrer quando um participante não consegue ouvir o que outra pessoa diz, quando alguém interpreta equivocadamente um enunciado ou ainda, quando um participante precisa reformular sua fala ou parte do conteúdo a fim de se fazer compreendido. Logo, é possível realizar ações de reparo na própria fala (auto-reparo), na fala iniciada por outra pessoa ou ainda em algum ponto da interação onde algo necessite ser reparado (reparos de terceira ou quarta posição, SCHEGLOFF, 1992). Dentro do sistema de preferências, observa-se que as ações de auto-reparo constituem um tipo preferido, enquanto o reparo iniciado por outro seria de tipo despreferido (LEVINSON, 2007 [1983], p. 440).

Ao investigar como as pessoas vão construindo um texto oral a partir do desenvolvimento de uma conversa, Ataliba de Castilho tece algumas considerações sobre *reparo*, o que o autor chama de ‘sistema de correção’ no português falado. Castilho pontua que as pessoas geralmente fazem correções para reparar erros de planejamento, seja de ordem conversacional ou pragmática. Ele afirma que há correção quando os falantes estão “(i) truncando uma palavra que consideram inadequada, substituindo-a por outra; (ii) negando a palavra já pronunciada por inteiro e substituindo-a por outra; (iii) parafraseando sintagmas e sentenças, procurando identificar a expressão mais adequada à situação de fala.” Para Castilho, o “planejamento e a execução coexistem na língua falada” e, com efeito, o sistema de correção discursiva revela o constante monitoramento da conversação. (CASTILHO, 2012, p. 228 – 229).

Marcadores conversacionais: A noção de marcador conversacional compartilha muitas similaridades com a do marcador discursivo, o qual, por sua vez, é entendido segundo a ótica funcionalista e cognitivista como elemento linguístico que envolve algum aspecto da orientação discursiva, “sinalizando uma relação entre a interpretação do segmento que introduz[em] e o segmento anterior” e cuja “interpretação mais específica é ‘negociada’ no contexto em que ocorre[m]. (FRASER, 1999, p. 950).⁷ Segundo Marcuschi (2003, p. 61-74), os marcadores conversacionais podem assumir funções sintáticas ou comunicativas, para sustentar ou tomar o turno, preencher pausas, reorganizar a conversa, demonstrar intenções, estabelecer orientação entre os falantes e assim por diante. Para o referido autor, eles podem ser subdivididos em três tipos: verbais, não verbais e suprasegmentais; e aparecer tanto no início quanto no final de um turno ou unidade entonacional. Figuras a lista de exemplos de

⁷ “...they signal a relationship between the interpretation of the segment they introduce S2, and the prior segment S1. [...] specific interpretation is 'negotiated' by the context”

marcadores conversacionais as palavras como *olha só, então, bem, né?, certo?, tá claro? entende?*; os sinais não verbais, como gestos, meneio de cabeça, sorrisos, olhares; e os sinais supras-segmentais, como a entonação, as hesitações e as pausas.

2.3. O silêncio

Comumente, o termo *silêncio* é definido como “ausência de fala” (Saville-Troike, 2003, p. 117). Entretanto, os usos, as funções, as formas e as características que o fenômeno pode assumir dependem do foco de estudo. Para etnólogos da comunicação e linguístas, o silêncio relaciona-se tanto à ausência sonora entre as lacunas enunciativas quanto aos intervalos de fala dos sujeitos (AIKEN, 2011, p. 7). Na literatura, o silêncio pode aparecer nos espaços em brancos, nas reticências, nas hesitações ou na recusa das personagens em falar, ou ainda, nos desdobramentos e nas revelações postergadas. No tribunal, o silêncio pode ser um instrumento para resguardar o réu ou até mesmo um expediente para tentar induzir a fala da pessoa em julgamento, por parte da procuração (EDWARDS, EDWARDS, STOKOE, 2015, p. 294; EDWARDS, STOKOE, 2011, p. 31).

Ainda que muitas vezes seja associado à ausência de ruído ou ao pano de fundo da comunicação verbal, o silêncio assume funções discursivas, sociais, cognitivas e afetivas durante as interações face a face. O silêncio discursivo relaciona-se à pausa silenciosa ao final dos enunciados e às lacunas entre os turnos de fala, atuando como marcador limítrofe da sentença (JAWORSKI, 1993, p. 12). A função cognitiva do silêncio, por sua vez, corresponde ao silêncio enquanto organizador da fala, permitindo que o indivíduo administre a sua fala, planejando os enunciados e falando ao mesmo tempo, ou, por outro lado, atrasando os enunciados, enquanto o falante mantém o piso conversacional. Já a função social do silêncio, de acordo com a proposta de Jaworski (2000) baseada nos termos de Halliday (1978) sobre os atos metacomunicativos, representaria uma metafunção da linguagem que atuaria de forma análoga à conversa trivial em interações interpessoais.

Assim, Jaworski (*op. cit.*) defende que a distância interpessoal é um fator contextual capaz de modificar o significado do silêncio, a exemplo de situações em que as pessoas são forçadas a dividir determinados espaços sociais, como salas de espera, mesas de restaurantes *self-service*, lugares no ônibus ou avião e assim por diante. Nesses contextos, as opções de interação são restritas ao papel social de “estranhos / desconhecidos”, quando as pessoas quase sempre se limitam a não conversar, ou em alguns casos, podem recorrer à conversa fiada (*small talk*).

Ao observar as formas e usos do silêncio em um *corpus* extraído de fontes literárias, uma adaptação fílmica e outra televisiva, Jaworski (2000) mostra como a distância social é criada, mantida e reduzida pelo silêncio. De modo análogo, o jornalista e escritor Ruy Castro, falou em entrevista no programa Roda Viva (Rede Cultura, 2006) como, muitas vezes, recorreu ao silêncio enquanto expediente calibrador da comunicação e de que modo o empregava para criar proximidade com seus entrevistados:

A Playboy me ensinou certas coisas. Por exemplo, não fazer mais de uma pergunta de cada vez. Se você fizer mais de uma, fizer duas, o cara só responde à segunda ou responde à que for mais conveniente. Outra coisa é, quando dá aquele “branco” entre entrevistador e entrevistado, o entrevistador não tentar preencher o branco. Deixa o branco, deixa o silêncio. O entrevistado vai sempre dizer alguma coisa que ele não queria dizer.

(Técnica da entrevista. Mauro Malin. 01/03/2006. Grifo nosso. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/tecnica-da-entrevista/>. Acesso em 03/12/2017).

Adicionalmente, essa função social também estaria relacionada aos atos de polidez da face (BROWN; LEVINSON, 1987), uma vez que o silêncio pode ser usado como estratégia positiva quando empregado em sinal de afiliação e conformidade, e em contrapartida, uma estratégia negativa, como uma tática de recusa e distanciamento. Ademais, o silêncio também funcionaria como meio de controle social em sua função afetiva, evitando que algumas pessoas mantenham interações ou não permitindo que determinados conteúdos verbais sejam expressos, a exemplo das respostas negativas e despreferidas a convites ou pedidos de ajuda.

Dessa forma, a literatura sobre o silêncio provém de fontes e campos variados. Segundo Aiken (2011, p. 13), apesar de a percepção básica de silêncio estar relacionada à inatividade sonora, são a perspectiva e o contexto em que se inscrevem os estudos sobre o fenômeno que vão orientar suas múltiplas ocorrências.

Os estudos de Muriel Saville-Troike e Deborah Tannen (1985), no campo da Etnografia da Comunicação, oferecem diferentes classificações sobre o silêncio. Para as autoras, determinados tipos de silêncio podem carregar significados ou criar estruturas, atuando, dessa forma, como organizadores e reguladores das relações sociais. Tannen (1985), ao tratar o estilo comunicativo de falantes de língua inglesa, comparou dois grupos distintos, sendo um composto por pessoas da região leste dos Estados Unidos – judeus nova-iorquinos – e outro composto por dois californianos e um britânico, durante uma interação registrada em um jantar de Ação de Graças. A autora demonstra em sua análise que ambos os grupos

apresentavam diferentes estilos de conversa, destacando a tendência dos convidados nova-iorquinos de falarem mais rapidamente. Além disso, Tannen (1985) observa que os participantes dos dois grupos apresentavam níveis diferentes de tolerância ao silêncio, uma vez que a fala das pessoas do primeiro grupo era caracterizada pela preferência à sobreposição em lugar de pausas entre turnos de conversa.

Ao propor uma análise intercultural, em *Silence in intercultural communication*, Ikuko Nakane (2007) observa o silêncio nas interações entre alunos australianos e japoneses, investigando a performance e a experientiação do silêncio em sala de aula. A autora tem sua pesquisa ancorada pelas teorias cognitivas, socioculturais, individuais e situacionais. Além disso, a partir da classificação que propõe a distinção das ocorrências de silêncio em diferentes níveis, os estudos de Nakane (2007) contribuem para o reconhecimento e a compreensão do fenômeno, apontando para a complexidade do silêncio durante a comunicação, em especial, em relação à negociação de turnos de silêncios realizada por participantes de uma interação intercultural.

Em termos linguísticos, a noção de ‘silêncio’ pode veicular diferentes representações, conceitos e significados, ser uma percepção ou produção individual ou coletiva. É interessante observar ainda que, muitas vezes, a ideia de que o ‘silêncio’ enquanto percepção evoca o par *fala – silêncio*, cujos termos estariam em simples oposição, sendo atribuído à fala o caráter positivo da comunicação, ou seja, a fala seria o indício de que o sujeito estaria disponível e/ou interessado; enquanto o silêncio, em contrapartida, sinalizaria indisponibilidade, desinteresse ou até mesmo falta de empenho por parte do indivíduo.

Contudo, tal noção tem se mostrado limitada por dois motivos: (1) por categorizar os termos em noções de afeição (positivo / negativo); (2) por desconsiderar que a inversão dessas noções também seria possível, ou seja, o silêncio não seria uma recusa do sujeito em participar da comunicação, mas a indicação de disponibilidade, à espera pela iniciativa do outro, a não retirada do local, ou seja, “um sinal de que o canal comunicativo permanece em aberto” (JAWORSKI, 1993, p. 48). Tome-se o exemplo de uma situação em que uma pessoa X esteja reclamando de uma situação ou de uma pessoa para outro indivíduo Y, por vários turnos de conversa, até que em um dado momento da interação X e Y permaneçam em silêncio por alguns segundos. A não expressão verbal de Y pode indicar sua disponibilidade para continuar a ouvir o que X tem a dizer, sem criticá-lo ou ainda, evitando ameaçar a sua própria face ou a de seu locutor.

2.3.1. Fenômenos inerentes à conversa

Uma vez que este trabalho se propõe a analisar e compreender o silêncio em suas diferentes categorias, funcionalidades e tipologias, serão apresentados na sequência aspectos gerais sobre alguns dos conjuntos de fenômenos que se relacionam ao silêncio, como as pausas, preenchidas e silenciosas, e as hesitações. É importante destacar que embora os fenômenos estejam subscritos no campo da Análise da Conversa, não serão limitados, nesta dissertação, à noção de organizadores de turno ou marcadores conversacionais.

2.3.1.1. Pausas e hesitações

Ao tratar dos marcadores suprasegmentais, Marcuschi (2003) destaca a entonação e as pausas como os elementos mais relevantes para a Análise da Conversa. De acordo com o autor, as pausas “constituem um fator decisivo na organização do texto conversacional” possibilitando, muitas vezes, mudanças no turno ou ainda, no caso das pausas longas, atuando com “função cognitiva ao operarem como momentos de planejamento verbal ou organização do pensamento” (MARCUSCHI, 2003, p. 63). O autor se apóia na classificação proposta por Rath (1979, p. 96-97 *apud* MARCUSCHI, 2003, p. 63) para apresentar a seguinte divisão dos tipos de pausa:

	<i>De ligação</i>	<i>De separação</i>
<i>Pausas sintáticas</i>	vindo por vezes no lugar de um conector qualquer, como “e”, “então”, “mas”, funcionam para construção interna da unidade sem iniciar propriamente uma nova.	servindo para delimitar ou separar unidades comunicativas, vêm logo após um sinal de fechamento de unidade ou baixamento do tom de voz.
	<i>De hesitação</i>	<i>De ênfase</i>
<i>Pausas não-sintáticas</i>	podem ser idiossincráticas, preenchidas ou não, ou estarem servindo para o planejamento verbal e têm uma motivação sobretudo cognitiva	têm valor de sinalizadores do pensamento, reforçando-o ou chamando a atenção. Muitas vezes aparecem entre o artigo e o nome ou no interior de um sintagma.

A seguir, serão ilustradas as categorias elaboradas por Marcuschi a partir de um exemplo extraído de uma filmagem de cinco participantes brasileiros, antes de iniciarem seu período de intercâmbio universitário, em Münster, Alemanha, 2013.⁸ Essa gravação foi extraída do corpus utilizado para a análise desta pesquisa.

⁸Todas as transcrições realizadas neste trabalho seguem as convenções do sistema GAT2. Para melhor compreensão, ver seção 3.5, no capítulo Metodologia.

Trecho MuBr01 ((19:37-19:46))

01 B2 igual porque as pessoas não TÊM::;
 02 (1.8)
 03 enfim elas (0.2) elas FAlam mesmo o que elas [A:cham].
 04 B3 [É];
 06 B2 e:: (0,4) éh [mh]-
 07 B4 [HM_hm];

No excerto acima, com duração total de 8 segundos, há 2,4 segundos de silêncios, o que corresponde a 30% da produção, sem considerar o tempo em que as pausas foram acumuladas com algumas expressões de formulação de turno, como o prolongamento vocálico *TÊM::* (linha 01); *e::* (linha 06) e as hesitações *elas elas* (linha 03), que nestes casos atuam como preenchedores de pausas. Neste trecho, a participante B2, uma estudante brasileira, comenta sua impressão sobre diferenças de culturas, a saber, das sociedades brasileira e alemã. No contexto em que essa produção ocorre, os enunciados anteriores à fala da estudante B2, na linha 01, estão ligados à percepção dos participantes de que os alemães são mais “explícitos” e/ou “diretos”.

Na linha 02, há uma pausa sintática de separação, delimitando a ideia que vinha sendo traçada na linha 01 – *as pessoas não TÊM::* – e a informação expressa na linha 03 – *elas FAlam mesmo o que elas [A:cham]*. Neste caso, o posicionamento da pausa reflete o rompimento da estrutura planejada na linha 01, uma vez que a participante não dá sequência à ideia que estava em curso.

Na linha 06, uma pausa não-sintática ocorre após um prolongamento vocálico com característica hesitativa – *e:: (0,4) éh* – que, segundo Marcuschi (2015, p. 53), “rompe a estratégia do alongamento em situação de ênfase ou listagem em que se dá na sílaba tônica”, refletindo uma dificuldade de planejamento cognitivo. Além disso, esta pausa é acompanhada de uma expressão de hesitação típica da língua portuguesa: “éh”, presente em todo tipo de interação verbal e em qualquer nível de formalidade (MARCUSCHI, 2015, p. 60).

Toda a produção de fala de B2 no excerto evidencia a dificuldade da estudante em fazer um comentário assertivo e concluir sua ideia sobre o fato de os alemães serem “mais explícitos” em suas relações.

2.4. Face

Um dos trabalhos mais influentes sobre o estudo da face foi desenvolvido por Erving Goffman (1967) no livro *Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior*. A obra, que

trata de aspectos importantes da interação social, apresenta conceitos como face (*face*), trabalho de face (*face work*), linha (*line*) e território (*territory*), de notável contribuição para diversos estudos desenvolvidos após sua publicação.

Segundo Goffman (2011 [1967], p. 13), face é “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular”. Em todos os encontros sociais, os sujeitos se engajam em um trabalho de representação de suas faces, buscando preservar sua autoimagem e fazer com que esta seja bem aceita e valorizada socialmente. Simultaneamente, as pessoas precisam respeitar um princípio de cooperação mútua, em que se esforçam para não praticarem ações nocivas à própria face e à do outro, reparando os eventuais atos lesivos que tenham sido ou venham a ser realizados.

A relação entre a imagem que os indivíduos possuem de si mesmos e dos outros tende a variar durante os encontros sociais. Do mesmo modo, as emoções que se relacionam à essa imagem também mudam. Isso significa que numa determinada situação em que a face atribuída ao indivíduo seja melhor do que a esperada, é possível que a emoção relacionada seja a de sentir-se bem. O contrário também é possível, se as expectativas, mesmo as mais rotineiras, não forem atendidas, é mais provável que a pessoa se sinta mal ou machucada.

Apesar do forte caráter pessoal que a face pode representar para um indivíduo, ela é apenas um empréstimo, um construto socio-interacional que depende do reconhecimento e da validação do outro, sendo, portanto, instável. Isso significa que a face pode ser alterada durante a interação, estando suscetível a ameaça, reparo, preservação e perda.

Dessa forma, Goffman chega à noção de trabalho de face (*face-work*), definida como o conjunto de práticas realizadas por um indivíduo, em um contexto interacional, que visa tornar suas ações consistentes com a face e atuar contra eventuais atos potencialmente ameaçadores à face. Segundo o autor, há dois tipos principais de trabalho de face, a saber: (1) o processo de evasão (*avoidance process*), que consiste em evitar os contatos sociais, ações e assuntos potencialmente causadores de dano à face e (2) o processo de correção (*corrective process*), decorrente de uma falha dos participantes em impedir que um incidente nocivo à face e relevante demais para ser ignorado, aconteça. Quando isso ocorre, os participantes precisam reparar o incidente a fim de devolver o equilíbrio à interação.

Em 1967, Goffman desenvolve o conceito de *footing*⁹ para referir-se às atitudes e ao posicionamento que os falantes demonstram durante a conversa. Segundo o autor, “o footing é

⁹ Alguns textos adotam a tradução *alinhamento* para o termo. Neste trabalho, o termo foi mantido em inglês, assim como propõe o Glossário desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-) Cultural em

um alinhamento, uma postura, uma projeção pessoal em relação à outra pessoa, a si mesmo e ao discurso em construção” (GOFFMAN, 2002 [1967]).

O termo criado para a análise da interação diz respeito aos elementos de sócio-construção dos eventos comunicativos. Dessa forma, os *footings* podem ser observados a partir da postura, do tom, da escolha do registro utilizado (idioma, dialeto, seleção lexical) etc. Conforme apontam Garcez e Ostermann (2002, p. 260):

... para compreender qualquer **elocução**, as pessoas constantemente se deparam com a tarefa interpretativa de enquadrar os eventos e ao mesmo tempo negociar as relações interpessoais, ou **alinhamentos** (ou *footings*), que constituem os **eventos**. Ao enquadrar os **eventos**, os participantes fazem que certos focos de atenção se tornem relevantes, e que outros passem a ser ignorados (Negritos no original).

Com efeito, o footing é uma postura e uma projeção do ‘eu’ que o indivíduo assume perante si mesmo, seu discurso e sua ligação com o outro durante um encontro social. Desse modo, é esperado que mesmo em uma conversa eliciada, cujo intuito seja, a exemplo do *corpus* desta dissertação, fazer com que as pessoas falem de assuntos relacionados à língua e cultura, os participantes tragam para a interação elementos que ora possam identificá-los, ora possam enquadrá-los ou conduzi-los no encontro social e no discurso, enquanto estrangeiros, brasileiros, estudantes, intercambistas etc. Os *footings*, portanto, evidenciam o caráter dinâmico dos enquadramentos e da natureza discursiva (Goffman, 1979), permitindo, por sua vez, que os participantes criem vários alinhamentos durante a interação.

Os conceitos criados por Goffman possibilitaram o desenvolvimento de diversos estudos e teorias. A relevância de seu trabalho pode ser atestada especialmente no modelo de polidez desenvolvido por Brown e Levinson (1987 [1978]), no qual as noções de *território* e *face* serviram como ponto de partida para a proposição de *face positiva* e *face negativa*.

2.5. A Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1978 [1987])

Desde sua publicação, em 1978, a teoria desenvolvida por Penelope Brown e Stephen Levinson tem sido a mais influente nos estudos da polidez linguística. Os autores revisitaram as noções de *face* e *território*, criadas por Goffman (1967), para elaborar os conceitos de *polidez positiva* e *polidez negativa*, respectivamente.

Segundo Brown e Levinson (1978 [1987], p. 311), o termo *face* designa a autoimagem construída e socialmente projetada pelos membros de uma comunidade enquanto a *face positiva* corresponde à imagem que o sujeito possui de si, à sua personalidade e ao desejo de ser aprovado e apreciado pelo outro. As ações que se relacionam à face positiva supõem acordo e interesses comuns entre os participantes. Em outras palavras, a *face positiva* pode ser definida como “o conjunto de imagens valorizantes que os indivíduos constroem de si e que tentam impor durante a interação” (KEBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 78).

Já a *face negativa* remete à noção de ‘território’, designando os ‘espaços do eu’, sejam estes temporais, espaciais, físicos etc. A *face negativa* representa o desejo de liberdade dos sujeitos, a expectativa de que suas ações não sejam limitadas ou impedidas durante a comunicação, sinalizando tanto a busca pelo território pessoal quanto a não invasão ao espaço do outro, ainda que isso possa significar uma postura pessimista do indivíduo em relação ao seu próprio desejo.

Durante uma interação, os sujeitos realizam ações verbais e não verbais, colocando em jogo tanto a face positiva quanto a negativa. Dessa forma, toda interação é também caracterizada por uma oposição, uma vez que admite tanto a manifestação do desejo de preservação das faces quanto a ocorrência de atos potencialmente ameaçadores, simultaneamente. Por conseguinte, a realização de uma ou outra ação pelos participantes, sejam estas verbais ou não verbais, configuram ameaças latentes para as faces em questão, resultando no que Brown e Levinson (1987) definem como ‘atos ameaçadores à face’ (*FTAs – face threatening acts*).

As ações que ameaçam prejudicar o território dos sujeitos colocam em risco a face negativa, seja pela imposição de uma ordem, censura ou proibição, no caso do ouvinte, por exemplo; ou, por outro lado, por uma promessa ou proposição que possa comprometer futuramente o espaço do falante. Os atos que colocam em risco a autoimagem dos indivíduos ameaçam a face positiva, a exemplo das críticas, ironia ou ofensas ao receptor, por exemplo; ou, no caso do emissor, a expressão excessiva de emotividade, violência ou abordagem de temas que são tabus para o contexto, por exemplo (BROWN; LEVINSON, 1987 [1978], p. 314).

Há certa correlação entre o que Goffman (2011 [1964], p. 26-30) definiu como (1) *processo de evasão* – em que os participantes tendem a evitar assuntos tabus e atos de fala específicos que lhe possam parecer ameaçadores – e (2) *processo de correção* – empregado para compensar um eventual dano gerado à face do outro – às estratégias de realização dos

FTAs, propostos por Brown e Levinson (1987 [1978]). As cinco estratégias principais ou superestratégias foram sintetizadas no seguinte quadro:

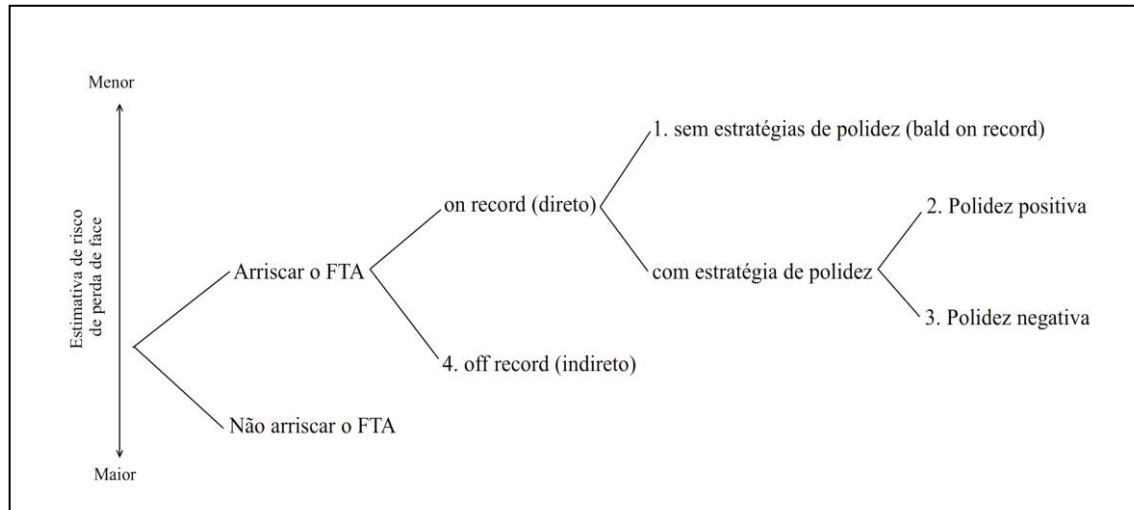


Figura 1. Macroestratégias de realização de FTAs

Fonte: Brown e Levinson (1987 [1978]), p. 316 (tradução livre)

Uma vez que o falante decida arriscar um FTA, poderá fazê-lo de modo direto ou indireto. Caso opte por realizá-lo diretamente, poderá recorrer à estratégia de número 1, quando não houver compensação para o interlocutor; à estratégia de número 2, se escolher valorizar a face positiva de seu interlocutor; ou ainda, recorrer à estratégia de número 3, evidenciando o respeito à face negativa do ouvinte. Entretanto, também é possível arriscar um FTA indiretamente, com a quarta estratégia, ou ainda abdicar tal realização, como indica a estratégia 5.

Os autores ainda postulam que, em um contexto de vulnerabilidade das faces, os falantes tendem a evitar os FTAs ou ainda buscam empregar certas estratégias a fim de minimizar os efeitos dos atos ameaçadores de face (BROWN; LEVINSON, 1987 [1978], p. 315). Dessa forma, os teóricos elencam várias estratégias para a realização dos FTAs. Na listagem a seguir foram selecionadas estratégias que são significativas para a análise empreendida nesta dissertação.

Dentre as estratégias de polidez positiva, destacam-se:

- Preocupe-se com o ouvinte (seus interesses, vontades etc.);
- Exagere (interesse, aprovação, simpatia com o ouvinte). O exagero geralmente é marcado por intensificadores, aumento da entonação, acento ou outros elementos prosódicos;

- Intensifique a demonstração de interesse ao ouvinte;
- Use marcadores de identidade coletiva (dialeto do grupo, gírias, formas de endereçamento atenciosa);
- Procure concordar, utilizando, para isso, as subestratégias: (1) busque por assuntos seguros e (2) retome parte do que foi dito pelo outro;
- Evite discordar, recorrendo, se preciso, às subestratégias: (1) concordância simbólica (em que o interlocutor anuncia concordância, mas traz uma oposição escondida no material enunciativo, e.g. “sim, por outro lado...”, “Eu concordo com você, mas...”); (2) falsa concordância ou ironia (em que se usam expressões como “então”, que transmitem a ideia de acordo, sem que esse exista de fato. “Então vamos juntos para a festa.”); (3) moderação de opiniões (em lugar de discordar, seja vago, por exemplo);
- Faça um gracejo ou piada;
- Inclua o interlocutor na atividade, usando a primeira pessoa do plural;
- Seja otimista;
- Pressuponha, crie ou afirme reciprocidade;
- Agradie o ouvinte (demonstre simpatia, entendimento, cooperação).

Em relação à polidez negativa, são realçadas as seguintes estratégias:

- Seja convencionalmente indireto;
- Questione, use atenuadores (*hedges*). Os autores definem ‘*hedge*’ como “uma partícula, palavra ou expressão que modifica o grau de pertencimento de um predicado ou sintagma nominal em um conjunto” (1987 [1978], p. 150). O uso dos atenuadores evita o comprometimento e permite desarmar ameaças interacionais;
- Seja pessimista, expresse dúvidas a partir de pedidos indiretos, feitos com operador de negação, com uso de subjuntivo ou com marcadores conversacionais imprecisos. (Ex.: “Ele não poderia alterar o horário dessa consulta, né?)
- Minimize a imposição;
- Demonstre consideração;
- Peça desculpas;
- Impessoalize falante e ouvinte, evitando usar os pronomes pessoais “eu” e “você”, por exemplo.

Quanto às estratégias de realização do FTA indiretamente (*off record*), evidenciam-se:

- Dê indicações ou pistas para associações, a partir de enunciações que visam cumprir uma vontade ou desejo do falante, manipulando a expressão de um pedido ou ordem. (Ex.: “Está um pouco escuro nesta sala.”, como um pedido para que alguém abra a janela ou acenda a luz).
- Amenize ou abrande os fatos (Eg.: “A aplicação da anestesia pode *incomodar* um pouco, *mas é rápida.*”);
- Exagere os fatos, como “Para ser amigo de um alemão, você precisa salvar a vida dele.”
- Use tautologias, para criar justificativas por exemplo. (“Homens são assim mesmo.”);
- Use contradições (“Eu gosto e não gosto disso.”);
- Seja irônico;
- Use metáforas;
- Faça perguntas retóricas;
- Seja ambíguo;
- Seja vago;
- Seja incompleto, use elipses.

A produção ou renúncia de um FTA está fortemente ligada à relação custo-benefício da ação, em outras palavras, o falante precisa decidir se mesmo diante de uma ameaça iminente, a realização de um ato de fala será benéfica e compensatória. O exemplo a seguir foi criado especificamente para esta dissertação, para fins de ilustração, e tem por objetivo descrever diferentes estratégias que podem ser utilizadas a serviço da polidez.

Em um restaurante cuja movimentação esteja maior que o habitual, é possível que alguns clientes não sejam prontamente atendidos ao chegarem no local. A fim de remediar a situação, os seguintes enunciados podem ser emitidos pelo gerente do local:

- (a) “Leve o cardápio à mesa cinco.”
- (b) “Ei, Fulano, você pode levar o cardápio à mesa cinco? *Quebra esse galho pra mim?*”
- (c) “Eu sei que você já está atendendo a muitas mesas, mas será que você poderia levar o cardápio à mesa cinco?”
- (d) “Hoje está uma loucura aqui! Tem clientes que sequer foram atendidos!”

Em (a), a estratégia expressa uma ordem direta, no imperativo, forma modal a qual raramente recorrem os falantes, uma vez que esta representa uma ameaça em potencial para as faces do interlocutor (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 85). A realização deste ato da forma mais clara e direta possível, sem uso de atenuadores (*bald on record*), por alguém em posição hierarquicamente superior, preza pela concisão da intenção comunicativa. No entanto, o mesmo enunciado soaria extremamente autoritário e ameaçador se fosse proferido por uma pessoa que não ocupasse posição de liderança.

Alternativamente, caso o gerente optasse pela enunciação (b), estaria realizando um FTA com polidez positiva, valorizando a face de seu interlocutor. Neste caso, a formulação indireta da ordem, elaborada como pergunta “você pode levar o cardápio à mesa cinco?”, suavizaria a interpelação do chefe. Ademais, com a expressão informal “quebra esse galho pra mim”, que denota relação de companherismo e proximidade entre os interlocutores, o gerente estaria evidenciando uma tentativa de se colocar em posição de igualdade com o garçom, integrando-se ao grupo dos responsáveis pelo atendimento. Por outro lado, a realização do pedido feita em tom de camaradagem pode ser mal interpretada ou até mesmo inadequada em situações que a distância social entre os interlocutores é maior, especialmente se esta for realizada por um indivíduo em posição hierarquicamente inferior à de seu interlocutor. Isso significa que expressões em tom de coleguismo podem ser empregadas por um chefe que interpela o trabalhador, ou ainda, entre dois colaboradores cujos cargos são similares, mas nunca de um funcionário para seu superior.

A escolha de (c) parece ser mais adequada aos garçons que porventura também estejam buscando solucionar o problema e solicitando favores aos colegas, através da estratégia de polidez negativa. No entanto, um gerente que preze pela harmonia do ambiente de trabalho também poderia executar esse ato de polidez negativa, cuja interpelação procura reduzir a ameaça que o FTA apresenta – a imposição de uma tarefa ou ordem. Tal escolha pretende neutralizar uma possível resposta negativa do interlocutor a partir da oração “eu sei que você já está atendendo a muitas mesas, mas...”, ao mesmo tempo que sugere maior liberdade de ação para o destinatário. Além disso, o uso do modo condicional “você poderia”, suavizaria o pedido do chefe, marcando o distanciamento entre o gerente e a proposição que está sendo feita ao funcionário.

A opção (d), por outro lado, representaria a escolha de se arriscar um FTA indireto (*off record*). Tal estratégia implica em dizer algo de modo mais genérico, como “Hoje está uma loucura aqui”, em que o falante espera que o interlocutor complete uma rede de associações baseada em atividades interacionais que antecedem o enunciado. Dessa forma,

seria possível que a fala do gerente estivesse sugerindo que tal fluxo é uma situação atípica e/ou ainda que movimento no restaurante esteja muito maior que o esperado. Adicionalmente, a expressão de “tem clientes que sequer foram atendidos!” funcionaria como procedimento de alerta emitido pelo gerente para os interlocutores, indicando que há algo nas entrelinhas a ser interpretado. Neste caso, os funcionários precisariam fazer várias deduções, a fim de descobrir se o desejo do chefe, com esse enunciado seria: chamar a atenção dos garçons para que trabalhem com mais agilidade e desenvoltura, fazer com que eles se concentrem no atendimento dos clientes que ainda não foram recepcionados ou, por outro lado, sugerir que equipe não esteja capacitada para lidar com tal demanda, expressando crítica e insatisfação. Com efeito, é preciso que os endereçados façam várias inferências a fim de retomar o que o falante realmente quis dizer.

Contudo, o gerente poderia simplesmente não arriscar nenhum FTA e atender à mesa. Tal escolha poderia ser problematizada de diferentes formas, como (1) o entendimento de que o caráter de urgência da situação levou à suspensão das regras da polidez, ou, por outro lado, (2) a ação silenciosa do gerente poderia representar uma reação de tipo despreferido, como um indício de extrema insatisfação, e conseqüentemente, uma desistência de se investir na relação e interação com o outro, indicando a perda da face dos funcionários, dependendo do contexto e da personalidade do chefe. No entanto, a ótica de Brown e Levinson não permite, por exemplo, fazer uma análise dessa última ocorrência, considerando aproximação, distanciamento e especificidades dos interactantes sob as normas de conduta que são pré-estabelecidas social e culturalmente ou em um dado contexto. Segundo essa perspectiva, não seria possível determinar o valor do silenciamento do gerente enquanto uma estratégia de comunicação interpessoal, quais seriam as implicações, as forças, o impacto e os recursos dos participantes diante do não dito.

Inegavelmente, o modelo de Brown e Levinson tem sido, desde a sua publicação, a referência teórica mais importante para os estudos da polidez e face. O material produzido pelos autores tem guiado muitas investigações, conforme destaca Haverkate (1994):

A partir da publicação do *opus magnum* de Brown e Levinson (1978) *Universals in language usage: politeness phenomena*, o interesse pelo estudo da polidez verbal tem adquirido proporções espetaculares, culminando com a organização de uma grande quantidade de simpósios e congressos internacionais, assim como com a publicação de numerosos artigos e

monografias dedicadas ao tema. (HAVERKATE, 1994, p. 9, Tradução livre)¹⁰

Entretanto, a teoria de Brown e Levinson também tem sido fortemente criticada e questionada sob vários aspectos, especialmente, por sua representação pretensiosamente universal e etnocêntrica (BRAVO, 1999; BORETTI, 2001; HERNANDEZ-FLORES, 2002; WIERZBICKA, 2003; BARROS; CRESCITELLI, 2012). Ainda que Brown e Levinson (1987 [1978], p. 77) tragam algumas concepções de dependência cultural ao indicar os fatores que podem afetar a forma de aplicação de um FTA, estas reproduzem apenas uma noção secundária na construção teórica dos autores. Ora, mesmo que alguns valores possam ser considerados universais, eles são percebidos de modo distinto dependendo do contexto social em que ocorrem (FANT, 1989; SIFIANOU, 1995; SCHOLLON; SCHOLLON, 1995; FERNÁNDEZ, 2008).

Desse modo, serão apresentadas outras contribuições do modelo de polidez linguística que se dedicam com mais precisão ao entendimento de diferentes realizações da polidez, considerando, por exemplo, alguns aspectos culturais desses procedimentos. Trata-se, sobretudo, de estudos cuja abordagem é sociopragmática, etnometodológica ou ainda subscrita no escopo cultural.

2.6. Outras Contribuições para o Estudo da Polidez Linguística

Com efeito, muitos autores contestam o modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]) pela presunção universal já anunciada no título da obra *Universals in language usage: politeness phenomena*, sob a justificativa de que as condições de aplicação das normas de polidez variam de uma sociedade para outra (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004; BRAVO, *op. cit.*; 2004; SEARA, 2017). Além disso, alguns teóricos alegam que o foco excessivamente direcionado à polidez negativa representaria uma visão pessimista da comunicação humana (KASPER, 1990; HELD, 1992; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; SEARA, 2017).

Kerbrat-Orecchioni (2004, 2006) afirma que o modelo dos FTAs proposto por Brown e Levinson apresenta uma noção extremamente cética por sugerir que durante a comunicação os participantes estejam todo o tempo sob a ameaça de perderem suas faces.

¹⁰ Do original: “A partir de la publicación del opus magnum de Brown y Levinson (1978) *Universals in language usage: politeness phenomena*, el interés por el estudio de la cortesía verbal ha ido adquiriendo proporciones espectaculares, culminando en la organización de gran cantidad de simposios y congresos internacionales, así como en la publicación de numerosos artículos y monografías dedicadas al tema.”

Dessa forma, a autora apresenta o conceito dos ‘anti-FTAs’ ou ‘atos de valorização da face’ (*face flattering acts*) — dividindo-os em atos com efeito essencialmente negativo, como insultos e críticas, e atos com efeito essencialmente positivo, como agradecimentos e aceitação de ofertas.

O modelo de polidez erigido por Kerbrat-Orecchioni mantém a base teórica de Brown e Levinson, incorporando e aperfeiçoando aspectos estruturais e conceituais. A autora chama a atenção para os procedimentos aos quais os participantes recorrem enquanto manipulam os elementos da interação a fim de suavizar ou atenuar um ato ameaçador para seu interlocutor, que podem ser tanto de natureza paraverbal, como sorriso, fala pausada e mansa, quanto de natureza verbal, os quais ela classifica como *substitutivos* e *acompanhantes ou subsidiários* (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 84 et seq.).

O recurso *substitutivo*, como o próprio nome sugere, permite que a enunciação de um ato de fala mais direto seja reformulada ou substituída por outro enunciado mais suave. Dessa forma, o falante pode recorrer aos seguintes expedientes de polidez negativa:

1. Formulação indireta: pergunta e asserção em lugar de ordem (“Você poderia me passar o sal?”); confissão de ignorância ou dúvida (“Acho que não entendi bem o que você quer dizer com isso.”) quando uma pergunta tem valor de crítica (“Você não se expressa bem”); ou uma pergunta equivalente a censura ou reprovação (“Você ainda não terminou sua tarefa da semana passada?”);
2. Desatualizadores modais, temporais ou pessoais cuja função é distanciar o ato ameaçador do sujeito que o realiza. No caso dos *temporais*, a partir do uso do condicional, do imperfeito ou futuro do pretérito, e dos *pessoais*, com apagamento da referência direta, uso da voz passiva, impessoalização ou indefinição;
3. Pronomes pessoais: uso polido do “nós” e de “a gente” para transmitir a ideia de coletividade, modéstia e/ou solidariedade “Ganhamos!” em lugar de “Ganhei”. (Enunciado com valor positivo, uso do pronome em sinal de modéstica e coletividade) ou “Perdemos.” em lugar de “Você/Ele perdeu.” (Enunciado com valor negativo, uso de pronome em sinal de solidariedade);
4. Estratégias retóricas, como eufemismo, lítotes, metáforas, hipérboles, ironia etc.

Os procedimentos *subsidiários*, por sua vez, servem para suavizar um FTA, permitindo que ele seja acompanhado de fórmulas especializadas ou outros processos atenuantes, como:

1. Fórmulas lexicalizadas de polidez, “por favor”, “se possível”, “com licença”;
2. Enunciação preliminar ou *pré* de um ato ameaçador, a partir de interpelações como “Eu posso te fazer uma pergunta?”, “Você tem um minuto?”;
3. Pedido de desculpas ou justificativas, “Desculpa interromper/incomodar...”, “Eu sempre perco meu isqueiro, você se incomodaria em me emprestar o seu?”;
4. Minimizadores, que pretendem diminuir a ameaça do FTA, “Eu só queria saber se...”, com o sufixo no diminutivo, “Você tem um *tempinho* sobrando?”, com uma expressão muito informal e vaga como “Você pode me dar *uma moral?*”, (como referência a dinheiro, ajuda, apoio, atenção etc);
5. Modalizadores, que buscam criar certa distância entre o falante e sua enunciação, ao mesmo tempo que pretende assumir um tom mais informal ou menos taxativo, e, por consequência, mais polido ao enunciado (“Eu acho/penso/creio”, “parece que/ possivelmente/ provavelmente/ talvez..”, “ao que tudo indica”, “com certeza” etc.);
6. Desarmadores, que atuam por antecipação e buscam prever e prevenir uma possível ação negativa do interlocutor (“Eu não sei se você sabe, mas...”, “Não tome isso como algo pessoal”, “Eu sei que não são horas de fazer uma ligação, mas ...”, “Não quero ser indiscreto, mas...”);
7. Moderadores que funcionam como uma espécie de suavizadores para “fazer engolir a pílula do FTA” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 89) (“Você que entende tudo de computadores, me ajuda com isso aqui...”, “Pega o guardanapo pra gente, amigo”, “Por gentileza, transfira a ligação para o setor responsável”).

No que se refere às estratégias de polidez positiva, a autora assinala a simplicidade do funcionamento dos atos em comparação às estratégias da polidez negativa. De fato, as manifestações da polidez positiva muitas vezes ocorrem a partir de agradecimentos, elogios, cumprimentos, ofertas, convites, boas-vindas, expressões votivas, acordos etc. É importante ressaltar que enquanto os FTAs tendem a ser minimizados no enunciado, os FFAs, ao contrário, tendem a ocorrer a partir da formulação intensiva (acompanhado de advérbios de intensidade, superlativos etc.).

Com efeito, a distinção proposta por Kerbrat-Orecchioni a respeito dos atos ameaçadores de face e atos que valorizam a face tem sido um referencial para os estudos de

cortesia contemporâneos,¹¹ em particular, para os trabalhos que se dedicam ao entendimento da cortesia hispânica. Segundo Bravo (2008, p. 564), muitas expressões de polidez da variante linguística espanhola estão relacionadas aos atos que valorizam da face do interlocutor e não aos atos ameaçadores de face.

Diana Bravo (1996, 1999, 2004, 2008) parte da concepção de que o estudo da polidez necessita de um procedimento metodológico capaz de considerar tanto a dependência quanto a independência dos fatores sócio-culturais e seu modelo de cortesia linguística, pautado na visão sociocultural da interação, tem se revelado um dos mais produtivos dentro do construto teórico hispânico. Bravo (op. cit.) reivindica a incorporação de elementos extra-linguísticos nas análises, propondo os conceitos de *autonomia* e *afiliação*, categorias relacionadas às dimensões do *ego* e do *alter ego*. Para Bravo, a noção de *autonomia* está relacionada a “ver-se ou ser visto de modo diferente dos outros”¹² e a afiliação a “ver-se ou ser visto em sua identificação com o grupo” (BRAVO, 1999, p. 157, Tradução livre).¹³

Assim, a autora investiga as manifestações linguísticas da polidez no *corpus* do espanhol falado (cf. Programa EDICE), apresentando vários instrumentos de análise que incorporam os contextos socioculturais e situacionais, os quais incluem as noções de autonomia, afiliação, face, efeitos sociais da polidez e premissas socioculturais. Esse conjunto de ferramentas analíticas é resultado de uma revisão crítica de diferentes noções fundamentais das teorias mais tradicionais, tais como face, atos ameaçadores, papel dos participantes, mitigação, estratégias de polidez, dentre outros presentes na interação social.

Os estudos de Bravo serviram como ponto de partida para as pesquisas de Hernández Flores (2002, 2003), que também analisou a polidez linguística na conversa espanhola, em um *corpus* que integra conversas informais entre amigos e familiares. Hernández Flores (2002, 2003) acrescenta o conceito de ‘confiança’ em suas investigações como subcategoria de *afiliação* e o descreve como o desejo do falante em estabelecer laços e proximidade com o seu interlocutor. Em um estudo sobre estilos conversacionais e funções discursivas em uma perspectiva cross-cultural, Schröder (2010) observou que os brasileiros apresentam uma

¹¹ Ver Programa EDICE (*Estudios del Discurso de la Cortesía en Español*). Disponível em: <<http://edice.org/>>. Acesso em: 25/07/2017.

I Congresso Internacional Interdisciplinar Cortesía: olhares e (re)invenções, Lisboa, Universidade Aberta, Palácio Ceia, de 5 a 7 de setembro de 2012.

I Congresso Internacional Interdisciplinar (Des)Cortesía: expressão de cultura(s)?, São Paulo, Universidade Cruzeiro do Sul, de 2 a 5 de dezembro de 2014.

7º Seminário Internacional de Linguística – 7º SIL, III Congresso Interdisciplinar de Cortesía e

II Simpósio de Linguística Textual “Discurso e Interdisciplinaridade”, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 12 a 15 de setembro de 2017.

¹² Do original: “...verse o ser visto diferente a los otros”.

¹³ Do original: “...verse o ser visto en su identificación con el grupo”.

tendência para a coletividade e construção interdependente do *self*, o que demonstra certa proximidade entre a imagem dos brasileiros e os postulados e observações realizadas sobre imagem social hispânica.

Para as autoras Kazué Monteiro e Crescitelli (2012, p. 45), que procedem a uma abordagem do fenômeno sob uma ótica interacionista, a polidez deve ser entendida como um princípio conversacional que é constantemente atualizado pelo contrato interpessoal. Ao refletirem sobre os diferentes teorizadores da polidez, Kazué Monteiro e Crescitelli (*op. cit.*) questionam o modelo de Brown e Levinson (1987) e alegam que este não permite um tratamento mais interativo da comunicação, uma vez que adota o ato de fala como categoria primária, ratificando (1) o caráter abstrato e não situado da teoria (SPENCER-OATEY, 2005); (2) a definição do modelo enquanto mitigação, e não de polidez (LOCHER; WATTS, 2005) e ainda (3) o caráter etnocêntrico do modelo (WIERZBICKA, 2003).

Para as linguistas brasileiras Barros e Crescitelli (2012), durante a interação, os participantes estabelecem vários direitos e obrigações que são atualizados e negociados constantemente pelo contrato social, para atender tanto às demandas pessoais, quanto aos imprevistos comunicativos. Assim, as autoras postulam que a polidez “(...) corresponde a rótulos avaliativos que as pessoas agregam a comportamentos” (BARROS e CRESCITELLI, 2012, p. 476). Tais ideias estariam, portanto, de acordo com a teoria proposta por Spencer-Oatey (2005), que define a polidez em termos de preservação das faces, em correspondência com certos padrões e princípios conversacionais estabelecidos pelos participantes no momento da interação.

Para concluir, Spencer-Oatey (2005, 2008) também faz sua contribuição para o estudo da polidez linguística, incorporando, por um lado, o conceito de face proposto por Goffman (2005 [1967]) ao seu trabalho e refutando, por outro, vários aspectos do modelo de polidez de Brown e Levinson (1987 [1978]). Spencer-Oatey chama a atenção para o fato de os autores não terem se atentado à visão interpessoal da face, destacando ainda o foco excessivo à noção de liberdade pessoal.

A autora assinala a polidez linguística como os “... julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos verbais e não verbais” (2005 *apud* SEARA, p. 247), e integra a seu modelo as noções de *objetivos interacionais* e *gestão da harmonia*. Spencer-Oatey (2005) entende que um ato ou enunciado em si não deve ser considerado cortês ou descortês, ao contrário, a polidez deve ser assimilada ao valor que as pessoas atribuem às atitudes e práticas sociais, fruto de suas experiências e julgamentos

subjetivos em relação àquilo que consideram apropriado ou conveniente, em um determinado contexto.

Em vista disso, os estudos referidos nesta seção representam uma sucinta apresentação de alguns dos muitos contributos existentes na investigação da polidez linguística. Devido à complexidade e multiplicidade de fenômenos envolvidos nas interações utilizadas como *corpus* nesta dissertação, optou-se por uma análise que considera os diversos aspectos tratados nas teorias apresentadas, utilizando-os de forma conjunta para uma observação mais detalhada das diferentes realizações e categorias de silêncio.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta dissertação está dividida em duas partes essenciais, sendo que a primeira se refere ao material utilizado para a base da pesquisa e outra parte se relaciona à análise. As interações observadas neste trabalho pertencem à base de dados coletados pelo *Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação* (NUCOI),¹⁴ coordenado pela Professora Doutora Ulrike Schröder na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trata-se de duas conversas eliciadas (KASPER; ROSE, 2002) filmadas na Universidade de Münster (Westfälische Wilhelms-Universität Münster, WWU), na Alemanha, nos anos de 2013 e 2014. A primeira gravação foi realizada em agosto de 2013 e conta com a participação de cinco estudantes brasileiros que estavam prestes a realizar o intercâmbio durante o período de um ano pelo programa *Ciências sem Fronteiras*. A segunda filmagem,¹⁵ por sua vez, ocorreu ao final da estadia de dois semestres, em julho de 2014, quando os participantes se preparavam para retornar ao Brasil.

Dessa forma, informações relativas à seleção dos participantes, aos tópicos escolhidos para o arranjo das conversas, aos detalhes sobre o processo de coleta de dados, à filmagem e, por fim, à transcrição das interações refletem os interesses dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelos integrantes do NUCOI. Já a análise se refere especificamente aos momentos de silêncio registrados em duas diferentes gravações.

3.1. Os dados

A base de criação de dados e transcrição dos arquivos filmados teve início a partir da pesquisa desenvolvida pelo grupo de pesquisa coordenado por Schröder, em 2010, com um projeto piloto intitulado “Comunicação intercultural entre participantes das culturas brasileira e alemã”.¹⁶ Em 2012,¹⁷ as atividades e pesquisas desenvolvidas pelos membros do NUCOI foram ampliadas e passaram a integrar outras línguas, como o inglês, o português como língua adicional e a língua brasileira de sinais – Libras.

¹⁴ <www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi>

¹⁵ A segunda gravação feita em Münster pode ser acessada no link: <https://drive.google.com/file/d/0B4065pqma9RCOUJWcGZzYS0yMzA/view?usp=sharing>.

¹⁶ Todos os projetos do NUCOI podem ser acessados no seguinte endereço: <<http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>>, acesso em 20/09/2017.

¹⁷ Para mais informações sobre as atividades e história do NUCOI, ver a seção ‘Início’, disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>>, acesso em 20/09/2017.

As gravações ocorreram em uma sala da Universidade de Münster. No local, havia as cadeiras ocupadas pelos participantes, organizadas em um semi-círculo, junto a uma pequena mesa. O equipamento de vídeo foi posicionado centralmente, a fim de focalizar todos os participantes. Em cada filmagem foi utilizada apenas uma câmera de vídeo com microfone embutido. Os estudantes permaneceram sozinhos durante todo o tempo, exceto nos momentos iniciais das gravações, quando a equipe técnica e a pesquisadora Schröder repassavam algumas informações e conversavam rapidamente com os participantes. Durante as gravações, não ocorreu nenhum contratempo ou problema técnico. Os participantes tiveram liberdade para escolher seus lugares e, junto à mesa, foram dispostos cartões com perguntas para orientar a conversa dos participantes (ver seção 3.3) e garrafas de água. Uma vez que no centro deste trabalho está a análise pragmática¹⁸ do silêncio, a escolha pela filmagem justificou-se pela possibilidade de se observar elementos não verbais e paraverbais das interações, imprescindíveis a esta dissertação.

A transcrição¹⁹ da primeira interação *2013MuBr01* foi realizada pela Professora Doutora Ulrike Schröder, enquanto a revisão do referido arquivo foi feita por mim, durante o último ano da pesquisa de mestrado (2017). Já a transcrição da segunda interação *2014MuBr02* teve início durante o segundo semestre letivo de 2015, como parte da disciplina ofertada por Schröder sob o tema de Análise da Conversa.²⁰ Essa última interação foi dividida em três partes e os arquivos transcritos foram, posteriormente, refinados e revisados colaborativamente pelos integrantes do NUCOI, dentre os quais se inclui a autora desta dissertação. Ambos arquivos foram transcritos no software EXMARaLDA²¹ segundo as convenções GAT2.²²

Em suma, convém pontuar que o processo de coleta de dados desenvolvido para esta dissertação foi orientado e influenciado pelos métodos e procedimentos adotados pelo “Núcleo de Estudos de Comunicação (Inter)cultural em Interação” e, conseqüentemente, por

¹⁸ Atualmente, muitos pesquisadores do campo da Pragmática e da Análise da Conversa utilizam filmagens como material de investigação em suas análises (cf. MONDADA, 2006, 2007; KENDRICK 2015; HOEY, 2015, 2017). Pesquisadores como Kasper (2008) e Marra (2008) consideram a gravação em vídeo o método de coleta de dados mais indicado para análises pragmáticas.

¹⁹ Ver Seção 3.5 para mais detalhes sobre o software e as ferramentas de transcrição.

²⁰ Em 2016 também atuei colaborativamente transcrevendo e revisando parte do material.

2015_BeloHorizonte_Brasileiros_Assembleia I, durante o workshop sobre transcrição e GAT2, ofertada por Mariana Carneiro Mendes, subcoordenadora do NUCOI e doutoranda à época. O material atualmente integra o *corpus* do núcleo de pesquisa, e pode ser acessado na área de downloads, no seguinte endereço:

<<http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>>, acesso em 20/09/2017, sob o nome

2015_BeloHorizonte_Brasileiros_Assembleia1.pdf

²¹ <<http://www.exmaralda.org/>>, acesso em 20/05/2016.

²² <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2016/12/GAT_Completa_Final_11_2016-2.pdf>, acesso em 20/05/2016.

alguns trabalhos anteriormente desenvolvidos por outros integrantes e ex-membros do grupo, a exemplo das pesquisas de Viterbo Lage (2013), Alves da Silva (2015) e Passig Martins (2017), que também utilizaram como bases de dados filmagens e transcrições, sendo que os dois últimos também desenvolveram suas pesquisas a partir da análise de interações eliciadas. Na próxima seção serão discutidos alguns aspectos do gênero ‘fala eliciada’, utilizado nas filmagens que fazem parte desta pesquisa.

3.2. A Ação Social da Conversa Eliciada

Há um número considerável de pesquisas que se atentaram para o silêncio em diferentes domínios e situações. Frequentemente, as hipóteses levantadas por esses estudos linguísticos e etnográficos surgem a partir da coleta de dados que demonstram, empiricamente, a relevância do fenômeno para o planejamento cognitivo, a organização enunciativa, funcionamento e problemas da comunicação intercultural etc. A pesquisa realizada por Tannen (1985) a respeito dos diferentes estilos comunicativos é um exemplo interessante da emergência de dados que apontam para a significância do silêncio na interação comunicativa. O estudo revela a aparente falta de silêncio e o baixo grau de tolerância à ausência de fala entre os participantes judeus nova-iorquinos, em contraposição ao comportamento dos demais participantes, dois californianos e um londrino.

Entretanto, apesar da tradição em alguns campos da linguística de se coletar dados a partir de gravação de conversa autêntica e espontânea, na medida do possível, é importante destacar que determinados tópicos discursivos são particularmente difíceis de serem suscitados e mantidos durante uma conversa cotidiana. Acrescente-se ainda a dificuldade em registrar, principalmente, no formato de vídeo, interações de situações reais em que os sujeitos discutam temas sobre cultura, muitas vezes sensíveis, polêmicos, controversos ou até mesmo desinteressantes em algum nível. Eliciar uma conversa parece então sanar a problemática de assuntos, tópicos conversacionais, questões de língua em uso e interação face a face, cuja abordagem dificilmente seria possível em uma situação rotineira.

A conversa eliciada é um método de coleta de dados cuja proposta é conduzir os participantes através de uma trajetória pensada para cumprir determinados objetivos de pesquisa. Os participantes, dessa forma, podem ser convidados a falar sobre assuntos pré-estabelecidos ou a atingir algum objetivo específico proposto pelo pesquisador (KASPER, 2008, p. 287). Em outras palavras, eliciar uma conversa significa provocar um conjunto de tarefas comunicativas as quais poderão revelar aspectos de interesse à pesquisa.

Na tentativa de tornar mais clara a compreensão e a dinâmica da interação eliciada, recorre-se aqui ao trabalho de Alves da Silva, que tomou de empréstimo a categorização proposta por Henne e Rehbock (2001), para reconhecer a interação eliciada, em termos sócio-pragmáticos, como gênero análogo à conversa:

De acordo com os autores [Henne e Rehbock (2001)], coloca-se a interação aqui em destaque como (i) ‘simultânea’ e ‘presencial’; (ii) constituída por um ‘pequeno grupo’; (iii) ‘privada’; (iv) ‘[...]simétrica’, no que se refere à origem dos participantes (brasileira [...]); (v) ‘narrativa’, tendo os sujeitos a oportunidade de interagir uns com os outros sem a delimitação prévia de papéis sociais (como no caso de uma interação entre pais e filhos; professores e alunos etc.) e ‘discursiva’, sendo a interação constituída a partir da discussão a respeito da (não) validade de qualquer tema e, finalmente, (vi) composta por participantes que não se conhecem. (Henne e Rehbock, 2001 apud ALVES DA SILVA, 2015, p. 101-102)

Desse modo, parece apropriado justificar a que se pode atribuir o interesse pela conversa eliciada e, conseqüentemente, o foco da abordagem a qual se propõe este trabalho. Ora, inicialmente, pressupõe-se que em um ambiente de fala eliciada os participantes, dispostos a contribuir para uma pesquisa, tendem a se engajar durante a conversa, procuram demonstrar interesse e contribuem, na medida do possível, para o desenvolvimento dos assuntos abordados. Ao mesmo tempo, estes sujeitos tentam evitar ações que provoquem desconforto e estranhamento, como risadas, sobreposições de falas ou silêncios excessivos ou em momentos inoportunos, como as pausas demoradas após uma pergunta ou piada. Assim, o trabalho empreendido nesta dissertação busca observar quais são os modelos de silêncio mais recorrentes, salientes e sensíveis neste ambiente.

Vale destacar, por fim, que os estudos que vêm sendo desenvolvidos pelos participantes do NUCOI visam contribuir para o entendimento de processos e fenômenos linguísticos coconstruídos em sua relação de (inter-)dependência com a língua e a cultura, incluindo, neste sentido, o silêncio enquanto fenômeno significativo da comunicação. Ademais, entender qual é o papel do silêncio no ambiente de fala eliciada pode contribuir não apenas para a compreensão de aspectos e engendramento da conversa em si, mas também apontar pistas sobre quais são os constrangimentos, as configurações e as ações sociais desempenhadas pelos sujeitos neste ambiente comunicativo e legitimar o uso da fala eliciada enquanto evento produtivo para pensar e analisar a fala-em-interação.

3.3. Os participantes

Conforme mencionado nas seções anteriores, as duas filmagens utilizadas neste estudo contaram com participantes brasileiros durante o seu período de intercâmbio universitário. Nas duas ocasiões, os estudantes foram convidados a dialogar sobre suas expectativas e/ou experiências em relação ao país estrangeiro, incluindo aí questões sobre sociedade, língua e cultura. A seleção prévia dos estudantes convidados para a gravação foi feita por email e contou com o apoio de profissionais ligados ao *International Office*, ao Departamento ERASMUS e do *Brasilienzentrum* da WWU.²³

3.3.1. A interação 2013MuBr01

A primeira filmagem intitulada 2013MuBr01 traz cinco estudantes brasileiros recém chegados à Alemanha para iniciar seu intercâmbio acadêmico pelo programa *Ciências sem Fronteiras*. A fim de preservar as identidades dos participantes, na medida do possível, e prosseguir segundo os padrões metodológicos do NUCOI, os nomes dos estudantes foram alterados para B1, B2, B3, B4 e B5 – sendo “B”²⁴ uma referência para ‘brasileiro’, enquanto os números dizem respeito à disposição dos assentos ocupados na sala. O perfil dos estudantes está registrado na tabela 2 e o posicionamento dos participantes no local pode ser observado na figura 2. A decisão pela abreviação da nacionalidade está em conformidade com os interesses e a relevância que a origem das pessoas têm para as pesquisas que são desenvolvidas pelo grupo. Do mesmo modo, nas pesquisas que consideram os papéis hierárquicos ou profissionais dos participantes, a exemplo das análises conversacionais institucionais, são adotadas siglas que destacam a relevância destes dados (e.g: médico (M) – paciente (M) ou professor (P) – aluno (A) e assim por diante).

Tabela 2: *Interação 2013MuBr01*

Sigla	Sexo	Estado de origem	Curso
B1	Masculino	São Paulo	Física
B2	Feminino	Minas Gerais	Medicina
B3	Masculino	Minas Gerais	Medicina
B4	Masculino	Rio Grande do Sul	Biologia

²³ Para mais detalhes, ver agradecimentos em Schröder (no prelo).

²⁴ A escolha do código de abreviação em lugar de nomes fictícios é um procedimento padrão do NUCOI. Autores cujos trabalhos têm sido referência tanto na Linguística Interacional quanto na Análise da Conversa, como Selting, Pomerantz, Marcuschi entre outros, optaram às vezes também por abreviaturas a nomes fictícios.



Figura 2. Disposição dos participantes na sala de gravação

Fonte: PAULA, Aulus J. (2017)²⁵

A Tabela 3 mostra o conteúdo dos cartões com os tópicos de conversa, disponibilizados aos participantes durante a primeira gravação.

Tabela 3: *Perguntas norteadoras da interação 2013MuBr01*

- | | |
|---|--|
| 1 | O que vocês esperam aprender durante sua estadia na Alemanha? |
| 2 | De forma geral, o que diferencia a sociedade brasileira da sociedade alemã, segundo seus conhecimentos e seus conceitos? |
| 3 | Discutam: existem diferenças culturais? Caso positivo, como se exprimem? Qual a melhor forma de lidar com elas? |
| 4 | Vocês já vivenciaram algum mal-entendido? Como lidaram com isso? Quais podem ser as fontes para mal-entendidos potenciais? |

²⁵ As figuras 2 e 3, que apresentam a disposição dos participantes durante a interação, foram desenvolvidas pelo artista Aulus de Paula (depaula.aulus@gmail.com) exclusivamente para os fins dessa pesquisa.

-
- 5 Quais suas expectativas e primeiras experiências com a sua universidade alemã? O que é semelhante ao Brasil e o que é diferente? Qual é a relação entre os estudantes e entre estudante e professor?
-
- 6 Vocês acham que a comunicação se dá de forma diferente na Alemanha, em oposição ao Brasil? Quais suas expectativas e primeiras experiências?
-
- 7 Vocês acham que as relações amorosas são diferentes na Alemanha? Caso positivo quais os pontos específicos?
-
- 8 Quais suas ideias sobre amizade no Brasil e na Alemanha? Vocês acham que há diferenças ou já experimentaram algumas diferenças? Como lidam com isso?
-

3.3.2. A interação 2014MuBr02

Na segunda interação, 2014MuBr02, quatro dos cinco estudantes que participaram da primeira filmagem se reencontraram para conversar novamente, em caráter retrospectivo, temas cujo pano de fundo está relacionado à interculturalidade. Os participantes receberam cartões com perguntas iguais às da primeira interação para eliciar a conversa, ajustadas para que a discussão, desta vez, trouxesse fatos relacionados às experiências reais vivenciadas durante o período de intercâmbio. O perfil dos participantes está descrito na tabela 4 e o posicionamento dos participantes desta interação foi ilustrado na figura 3:

Tabela 4: *Interação 2014_Münster_Brasileiros2*

Sigla	Sexo	Estado de origem	Curso
B1	Masculino	São Paulo	Física
B2	Masculino	Minas Gerais	Medicina
B3	Masculino	Rio Grande do Sul	Biologia
B4	Feminino	Minas Gerais	Medicina



Figura 3. Disposição dos participantes na interação 2014MuBr

Fonte: PAULA, Aulus J. (2017)

As perguntas para eliciação da interação 2014MuBr02 podem ser vistas na tabela 5, a seguir:

Tabela 5: *Perguntas norteadoras da interação 2014MuBr*

1	Em comparação com suas expectativas relacionadas a sua estadia na Alemanha, quais se realizaram e quais expectativas que não se realizaram?
2	Qual é a sua experiência agora? Existem diferenças culturais? Lado positivo, como se exprimem?
3	Como lidaram com as diferenças?
4	Quais foram suas experiências com relação à universidade alemã? O que é semelhante ao Brasil e o que é diferente? Como é a relação entre estudantes e entre estudante e professor?
5	Pensem agora: quais os pontos principais que diferenciam a sociedade brasileira da sociedade alemã?
6	Suas ideias sobre amizade no Brasil e na Alemanha mudaram durante o ano?
7	Suas ideias sobre relações amorosas e família no Brasil e Alemanha mudaram durante o ano?
8	Vocês acham que a comunicação se dá de forma diferente na Alemanha em oposição ao Brasil?
9	Quais foram as fontes principais para mal-entendidos e como vocês lidaram com eles?

3.4. A duração das interações

Ambas interações podem ser caracterizadas como dinâmicas e fluentes, por isso, os períodos de silêncio conversacional, em especial os superiores a três segundos, despertaram o meu interesse para a condução desta pesquisa. A interação 2013MuBr01 possui duração de 91 minutos, enquanto a 2014MuBr02 totaliza 107 minutos.

As gravações foram realizadas durante a pesquisa de pós-doutoramento de Schröder na Universidade de Münster (WWU), Alemanha. Na primeira filmagem, os participantes foram informados que teriam liberdade para conduzir a conversa da forma mais natural possível. Logo, os estudantes não receberam instruções com uma ordem para a leitura dos cartões nem foi determinado que todas as perguntas/tópicos deveriam ser lidos, como um pré-requisito para conclusão da conversa. Antes, Schröder destacou que os estudantes teriam autonomia para escolher como iriam organizar e gerenciar a interação, ficando a cargo dos participantes as decisões sobre quem iria ler os cartões, se eles iriam seguir ou não uma ordem para comentar as perguntas, se haveria ou não direcionamento de fala a outro participante etc.

Além disso, convém indicar que Schröder também não estabeleceu um tempo mínimo para a interação, mas chamou a atenção dos estudantes para o fato de que a filmagem não deveria ultrapassar duas horas, uma vez que o próximo passo da pesquisa seria a laboriosa transcrição dos dados. O excerto a seguir apresenta os momentos iniciais da primeira interação, quando Schröder repassa algumas informações com os estudantes.

Trecho 01 2013MuBr01 (00:00 – 00:26)²⁶

01 U uma hora e mEia (.) depende MUIto de vocês.
 02 e da sua vonTAdE de falar [etc.]
 03 B5 [hm_hm?]
 04 U mas (-) <<len> eh_eu acho que ehm (-) não deve chegar a duas
 três HOras> pois a gente tem que transcrever tudo depois.
 05 U [((sorri))] então é ISso é.
 06 B1 [((ri))]
 07 B2 [((ri))]
 08 B5 [((ri))]
 09 U <<acc> mas mas é mais ou menos isso tá †BOM?
 10 B4 mas falamos mais devaGA:R?
 11 [mais normalMENTe-]
 12 U [!NÃO! não você falam-]
 13 vocês conVErsam;
 14 né? com isso aí: (--) tudo sem proBLEma;

Nas duas ocasiões, os estudantes optaram por ler todos os cartões para eliciação da conversa, mesmo cientes de que isso era opcional. De modo geral, ainda que em muitos momentos o tópico conversacional tenha se expandido com o surgimento de algumas narrativas, os estudantes se mantiveram alinhados às questões culturais, identificando similitudes e contrastes entre Brasil e Alemanha. Na sequência, passar-se-á à apresentação das convenções de transcrições e softwares utilizados para o desenvolvimento da base de dados desta dissertação.

3.5. Transcrição: O Sistema GAT 2

As filmagens utilizadas nesta pesquisa foram transcritas no programa EXMARaLDA (SCHMIDT; WÖRNER, 2009). As transcrições dos dados, por sua vez, seguiram as convenções do GAT 2 (*GesprächsAnalytisches Transkriptionssystem*)²⁷ (SELTING *et al.*, 2016), um sistema de transcrição para notação da fala e prosódia da fala-em-interação, em acordo com a metodologia adotada pelo NUCOI.

²⁶ Na primeira interação, o código para o nome da pesquisadora foi notado como ‘U’. No segundo vídeo, apesar de apresentar a camada ‘U’, as falas de Schröder foram notadas na camada ‘Trans’, uma vez que sua participação foi quase inexistente.

²⁷ Sistema de Transcrição para Análise da Conversa

As convenções de transcrição GAT foram desenvolvidas inicialmente em 1997 e publicadas no ano seguinte por um grupo de pesquisadores alemães para anotar a fala-em-interação em estudos analíticos de conversa. Tais convenções procuravam ser fieis ao sistema de transcrição elaborado por Jefferson (1979) buscando, ao mesmo tempo, integrar convenções mais harmônicas para as análises linguísticas e fonéticas da língua em uso (SELTING *et al.*, 2016). A proposta inicial desse sistema visava à unificação e a legibilidade dos sistemas de transcrição e, sobretudo, a organização das falas em ‘unidades entonacionais’, entendimento que integra igualmente parâmetros prosódicos e permite a representação da coocorrência de outros elementos verbais e não verbais, como estruturas sintáticas, gestos, mudanças entonacionais, pistas pragmáticas, pausas etc. na fala-em-interação (SCHRÖDER *et al.*, p. 112, no prelo).

Com os avanços das pesquisas linguísticas, a exemplo do interesse crescente pelas abordagens multimodais e o desenvolvimento dos estudos da prosódia, além da significativa evolução computacional, que facilitou o processo de coleta, análise, gravação, armazenamento e manipulação de dados, o sistema GAT passou por uma revisão para adequar-se ao desenvolvimento de novos *corpora* e às novas exigências metodológicas mais recentes. Logo, em 2009, foi publicada uma versão revista e atualizada do sistema: o GAT 2.²⁸

As convenções de transcrição GAT 2 elaboradas para a notação da fala-em-interação permitem a representação de elementos prosódicos, como entonação, marcadores de hesitação, risos, respiração audível (inspiração e expiração), notação de ritmo, além do registro de elementos gestuais. Este sistema pode ser usado para diferentes fins de pesquisa e permite o registro com diferentes graus de precisão e refinamento das transcrições – mínimo, básico ou refinado. A transcrição mínima inclui notação de inspirações e expirações, indicação de sobreposições de fala, marcadores de hesitações, pausas, risos, ações e eventos não linguísticos, e também trechos de fala que são ininteligíveis. A transcrição básica, por sua vez, amplia as possibilidades de notação, acrescentando informações prosódicas, marcações de acento focal, movimento tonal no final do segmento, prolongamentos vocálicos e também a inserção rápida de unidades tonais e comentários interpretativos, como <<assente com a cabeça>>. Por fim, a transcrição elaborada permite indicações mais precisas sobre o posicionamento e ênfase dos acentos, notações de alterações na qualidade da voz e formas de

²⁸ Para uma apresentação mais detalhada e crítica em relação às vantagens e limitações do GAT2 e sua relação com a integração das atividades não verbais, ver capítulo “Reflexões metodológicas sobre transcrição e a escolha de GAT 2 como sistema de transcrição para o NUCOI” Schröder *et. al.*, no prelo.

articulação, pulos entonacionais perceptíveis, alterações na velocidade e volume, e assim por diante.

Para esta dissertação, as contribuições das convenções de transcrição do GAT 2 residem essencialmente na possibilidade de se demonstrar no texto escrito aspectos que são característicos da fala e, principalmente, de notar fenômenos como hesitações, pausas, lacunas lapsos e silêncios na fala-em-interação. A observação das pausas, medidas ou estimadas, atribuídas a um falante em particular ou anotadas como segmento separado são alternativas particularmente representativas nesta pesquisa. O exemplo de transcrição a seguir ilustra como os símbolos do GAT 2, em especial os que notam pausas, são operacionalizados.²⁹

Trecho 02 - Primeira resposta 2013MuBr01 (03:12 - 03:42))

01 B4 <<dim> o que eu esPEro aprEnder.>
 02 (0,8) <<p> BEleza;>
 03 (0,5) bom (-) naturalMENTe aprender melhor o alemÃO:,
 04 a aprender mais a Utilização eu acho que a LÍngua?
 05 (1.0)
 06 äh:: (-) mais eu acho até mEsmo o alemão de faLAdo do que (-) äh;
 07 (-) o o resTANTE assim = porque;
 08 (.) muito da graMÁTica assim,=
 09 =eu já vi já vi bastAnte COIsa eu acho=né;
 10 B3 eh;
 11 B4 <<acc> vocês podem até concordar não SEI mas,>
 12 B5 hm hm
 13 B4 já vi bastante tipo de coisa da graMÁTica no brasIl;
 14 eu acho que (.) tipo graMÁTica não é::;
 15 não é a coisa mais importante assim numa LÍngua sim como-
 16 saber utilizar Ela.

No exemplo acima, observa-se que acentos focais (sílabas integrais) e secundários (só a primeira vogal) foram marcados com letras maiúsculas (o que eu esPEro aprEnder, respectivamente) na linha 01; movimentos entonacionais finais, como baixo-descendente e descendente, marcados com sinais como ponto (.) e ponto e vírgula (;), nas linhas 1 e 2, respectivamente; e prolongamentos vocálicos (:), nas linhas 3, 6 e 14. Além disso, as notações de pausa foram feitas de acordo com as seguintes convenções:

(.) micro pausa com até 0,2 segundos de duração (linhas 8 e 14);

²⁹ Para a relação de todos os símbolos do GAT 2 utilizados nesta pesquisa, consulte o Anexo A.

(-) pausa curta estimada em aproximadamente 0,2 – 0,5 segundos de duração (linhas 3, 6 e 7);

(--) pausa intermediária estimada em aproximadamente 0,5 – 0,8 segundos de duração;

(---) pausa longa estimada em aproximadamente 0,8 – 1,0 segundos de duração.

Ademais, é possível fazer a notação do valor mensurado atribuído a um único participante, como 0,8/0,5 (linhas 1 e 2) ou ainda notar pausas como segmentos separados, quando estas não estiverem associadas a algum participante específico (linha 05). A tarefa de se estimar o valor das pausas foi facilitada pelos recursos disponíveis no software EXMARaLDA. A próxima seção apresenta brevemente este programa, indicando algumas ferramentas que têm contribuído para os trabalhos desenvolvidos no NUCOI, incluindo esta pesquisa.

3.6. O software EXMARaLDA: funções e ferramentas

Conforme mencionado na seção 3.1, as transcrições e revisões das filmagens feitas em Münster foram realizadas em caráter colaborativo pela coordenadora e pelos participantes do NUCOI. Ainda que outras ferramentas de transcrição tenham sido previamente testadas (cf. VITERBO LAGE, 2013), com o desenvolvimento e ampliação do núcleo de pesquisa, o software EXMARaLDA (SCHMIDT; WÖRNER, 2014) foi eleito a ferramenta padrão do NUCOI (VITERBO LAGE, 2013; VITERBO LAGE, SCHRÖDER e ALVES DA SILVA, no prelo), provando ser eficiente para a investigação da fala a partir de transcrições. A escolha por esse software justifica-se pelo fato de que o EXMARaLDA permite a manipulação simultânea de dados de áudio e vídeo em uma plataforma integrada. Além disso, o programa também proporciona ao pesquisador mais usabilidade e rapidez na análise do evento comunicativo.

O EXMARaLDA foi desenvolvido por pesquisadores do Centro de Corpora Linguísticos de Hamburgo (HZSK) e pelo Arquivo de Alemão Falado (SCHMIDT; WÖRNER, 2014) e é destinado a pesquisadores interessados no trabalho com *corpora* de fala-em-interação e linguagem multimodal. O programa ainda oferece um pacote de ferramentas gratuito, as quais permitem:

(1) transcrever arquivos de áudio e/ou vídeo, junto à notação da transcrição – o *Partitur-Editor*;

(2) vincular as transcrições EXMARaLDA e suas gravações com os metadados para a criação e manutenção de *corpus* – o *COMA*;

(3) consultar e anotar termos, além de analisar os *corpora* criados pelo *COMA* – o *EXAKT* (*EXMARaLDA Analysis and Concordance Tool*).³⁰

Nesta dissertação, foram utilizadas as ferramentas *Partitur-Editor* e *Exakt*. Assim, na sequência, passar-se-á a uma descrição mais detalhada destes softwares.

3.6.1. A ferramenta de transcrição: Partitur-Editor

O Partitur-Editor permite que as transcrições sejam feitas de modo mais preciso e detalhado, vinculando arquivos de gravação e texto. A distribuição e a separação dos participantes da conversa é feita por camadas configuradas pelo transcritor. Essa organização pode ser feita em uma ou mais linhas de transcrição para cada participante, possibilitando uma descrição mais pormenorizada e precisa de eventos verbais ou não verbais (figura 3).

	1154 [28:42.7]	1155 [28:46.8]	1157 [28:47.5]	1158 [28:47.9*]	1159 [28:51.6]	1160 [28:53.1]	1161 [28:54.8]	1162 [28:56.1]
B1 [v]								
B2 [v]								
B3 [v]			eh eu não consigo	lembrar de nenhum outro não mal entendido reCENTe também.			hum.	ex
B4 [v]	ve. (.) <<p> Isso.>	mas eu não TI	ve.;	(.) <<len> nenhum mal entendido direto com um aleMÃO assim;>	<<len> hm: (.) de BRl ga;>	de ficar <<p> uma situação nullM ti>	<<p> po.>	
U [v]								
TRANS [v]		(3.2)						(2.5)

Figura 4. Trecho de transcrição no Partitur-Editor

Como pode ser observado na figura acima, a transcrição é subdividida em camadas (*tiers*) para notação da fala de cada participante, sendo que cada contribuição é transcrita em seu ponto exato de correspondência na linha do tempo. Dito de outro modo, o trecho que se vê e se ouve da conversa corresponde ao trecho que se lê da transcrição. Como já explicitado nas seções 3.3.1 e 3.3.2, os participantes foram identificados com os códigos B1, B2... etc. E, conseqüentemente, a identificação de cada um deles nas linhas de transcrição verbal seguiu o mesmo padrão B1[v] ... B5[v] em ambas transcrições, enquanto os demais eventos e comentários foram notados na camada 'Trans'[v], de transcritor (figura 3) ou ainda 'U'[v], para Ulrike, apenas na transcrição da primeira gravação. As pausas, lacunas e silêncios foram transcritos segundo as convenções do GAT 2,³¹ ressaltando algumas ocorrências notadas

³⁰ Mais informações sobre o funcionamento do COMA e do EXAKT podem ser acessadas nos manuais e tutoriais disponíveis no campo de ajuda/suporte do site do EXMARaLDA: <<http://exmaralda.org/en/helpsupport/>>, acesso em 14/08/2017.

³¹ Convém recordar que as convenções do GAT 2 estão integradas ao sistema operacional do EXMARaLDA. Desse modo, o transcritor pode escolher suas preferências de configuração no próprio programa, o qual inclui, além do GAT 2, outros sistemas de segmentação.

separadamente na linha do participante, quando essas indicavam um lugar relevante para transição de turno (ver LRT, seção 2.3).

A segmentação de áudio e vídeo é feita de modo semiautomático pelo programa, mas também pode ser reajustada pelo transcritor, o qual, por sua vez, tem a tarefa de registrar o conteúdo do trecho ouvido na camada correspondente. Dessa forma, tem-se o ‘evento’, que pode ser definido como o texto que descreve algum acontecimento na gravação transcrita e é demarcado pela estrutura sequencial da conversa. O Partitur-Editor numera todos os eventos transcritos. Nos casos em que um mesmo participante detém o turno de fala por muito tempo, a delimitação de cada evento é segmentada em ‘unidades entonacionais’ (SELTING *et al.*, 2016, p. 14). E, finalmente, tem-se a distinção do movimento entonacional ao final do segmento, que de acordo com as convenções de notação da AC para o GAT 2 podem ser: alto ascendente (?); ascendente (.); nivelado (–) e descendente (;), especialmente importante para a separação das UE quando é feita a exportação de arquivo.

Segundo Selting (2008), as unidades entonacionais (UE) não se definem unicamente por meios sintáticos, e dessa forma, também é preciso considerar recursos prosódicos, tais como ritmo, ênfase, velocidade, volume de fala etc. A autora ressalta ainda as seguintes estratégias para delimitação de uma unidade entonacional: (1) quando há redução do volume no turno do falante, (2) em casos de alongamentos vocálicos depois de sílabas acentuadas, (3) em contorno entonacional descendente etc. (SELTING, 2008, p. 232). Outros sinais como voz crepitante ao final da unidade, movimento entonacional nas sílabas (não) acentuadas no final da unidade e pausas também podem atuar como delimitadores de unidade entonacional (cf. COUPER-KUHLEN, 1986; DU BOIS *et al.*, 1992; CRUTTENDEN, 1997 etc., também SELTING, 1995 *apud* SELTING, 2016, p. 26-27). Cabe destacar, porém, que nos casos em que ocorrem sobreposições de turnos (ver eventos 1157 e 1158, na figura 4) tais eventos são separados do restante das contribuições de fala de cada participante.

O programa também oferece um teclado virtual com as convenções de transcrição do sistema de transcrição GAT 2 e dispositivos que não apenas visam facilitar a tarefa do transcritor mas também contribuem para o rigor do resultado final, como, por exemplo, as ferramentas de edição dos eventos, que possibilitam mesclar, dividir, adicionar e remover células; as ferramentas de metadados, que simplificam a identificação e a organização dos arquivos, permitindo classificar e descrever dados da própria transcrição, tais como características dos participantes, arquivos vinculados ao projeto, convenções de transcrição etc.; as ferramentas de exportação, que facilitam a criação de arquivos em diferentes formatos e assim por diante. Paralelamente, o Partitur-Editor possui uma função semiautomática para

mensurar pausas e silêncios, tanto na camada do participante quanto em linha separada, nos casos em que não se pode atribuir tais fenômenos a um falante específico. Ademais, também é possível inserir manualmente um valor aproximado dessas ocorrências (ver seção 3.5).

Além de permitir a exibição de áudio e vídeo, o software apresenta um oscilograma com a frequência sonora, ferramenta que pode ser muito útil enquanto recurso visual para o delineamento mais acurado das pausas. A figura 4 mostra a interface do Partitur-Editor e os principais componentes programa.

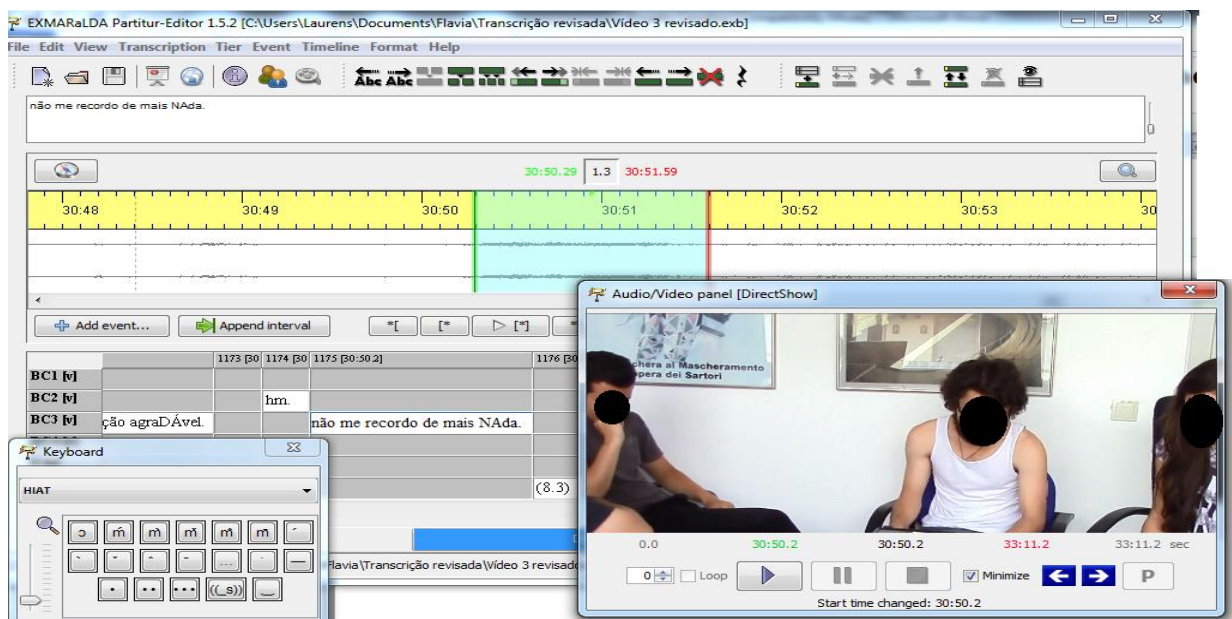


Figura 5. Exemplo de uma tela do Partitur-Editor

Por fim, antes de se prosseguir para as análises de dados e resultados de pesquisa, é importante indicar como foi realizada a segmentação e exportação das transcrições no programa EXMARaLDA e, adicionalmente, explicar de que modo as ocorrências de pausas e silêncio foram mapeadas e contabilizadas, com a ferramenta Exakt (ver seção 3.5.3). Uma vez que o EXMARaLDA Partitur-Editor disponibilizada diferentes formatos para a exportação dos arquivos transcritos, a opção escolhida para este trabalho foi a extensão *.txt*, que requer pequenas correções e edições no corpo do texto, a fim de que a formatação final possa exibir uma estrutura semelhante à dos Trechos 1 e 2 (ver seções 3.4 e 3.5). A figura abaixo exemplifica uma tentativa de exportação de um pequeno trecho da interação filmada.

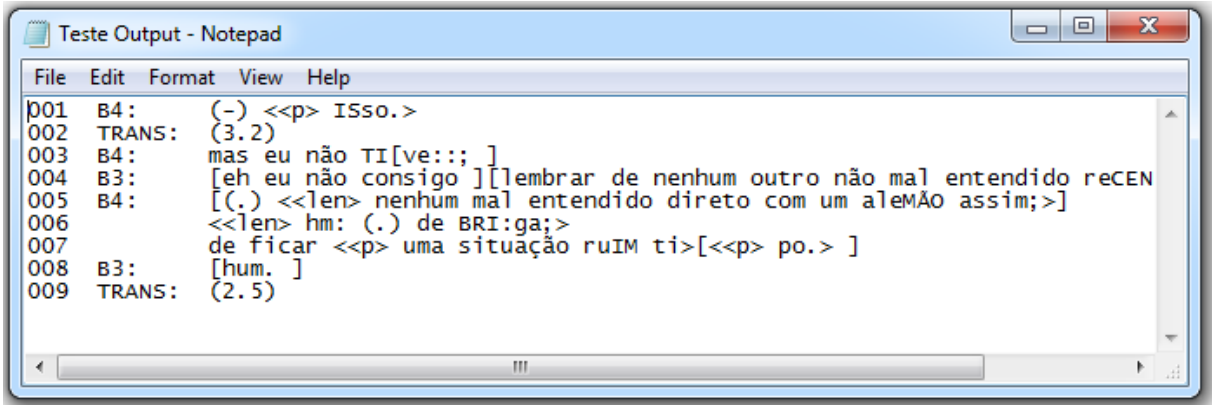


Figura 6. Exportação do trecho em arquivo .txt pré-editado

Apesar de o programa oferecer a exportação de dados em diferentes formatos, como .txt, .rtf, .xml e .html, alguns ajustes ainda precisam ser feitos no formato texto (.txt) para que a transcrição se torne mais legível tanto para o pesquisador quanto para o leitor. Isso inclui a adaptação da transcrição às convenções do GAT 2, alterando a fonte para Courier New, monoespaceada e alinhando as sobreposições de fala, marcadas por colchetes.

Por vezes, a exportação no formato .txt é uma tarefa difícil, pois quando há erros de segmentação (parênteses sem fechamento, unidades sem marcação da entonação final etc.) que impedem que *outputs* sejam gerados não há reconhecimento automático de tais falhas, ficando a cargo do transcritor procurá-las por toda a transcrição. Ademais, frequentemente a execução simultânea dos arquivos de áudio e vídeo é comprometida, ocasionando travamentos durante o andamento da atividade ou ainda, não permitindo que o vídeo seja exibido junto ao áudio, resultando em mensagens de erro.

Contudo, apesar das eventuais dificuldades que o pesquisador possa enfrentar em relação à operacionalidade do software, o EXMARaLDA é uma ferramenta apropriada e muito útil à pesquisa da fala-em-interação, sobretudo em relação à possibilidade de tratamento multimodal e para esta dissertação, especificamente, pelas ferramentas para notação automática das pausas, lacunas, lapsos, hesitações e silêncios. Dessa forma, eventuais falhas não representam impedimentos à utilização eficiente deste programa.

3.6.2. Mapeando as Ocorrências de Silêncio: a ferramenta EXAKT

Fazer o levantamento de todas as pausas em uma interação pode ser uma atividade laboriosa e arriscada. Muitas vezes, as lacunas sonoras, como as pausas com valor igual ou inferior a um segundo de duração, podem passar despercebidas ou, ao contrário, serem equivocadamente interpretadas como muito longas, a exemplo de situações em que alguém não responde prontamente a uma pergunta, contrariando as expectativas de seu interlocutor.

Dessa forma, para além da observação inicial que motiva o pesquisador a entender como as pessoas agem quando são defrontadas com o silêncio, é preciso utilizar tanto ferramentas que possam calcular com precisão as medidas das pausas, lacunas e lapsos conversacionais, como o Partitur-Editor, quanto ferramentas que facilitem a organização, a categorização e o manuseio destes dados.

Partindo deste entendimento, a ferramenta Exakt (*EXMARaLDA Analysis and Concordancing Tool*) contribuiu substancialmente na organização do *corpus* desta dissertação. O programa foi particularmente útil para agrupar, contabilizar, ordenar e até mesmo analisar as ocorrências das pausas e silêncios registradas nas interações *2013MuBr01* e *2014MuBr02*, utilizadas neste trabalho.

Com o Exakt é possível criar uma base de dados a partir do diretório *File > Create a corpus from transcriptions*. O programa exibe uma janela de diálogo para nomear e localizar o arquivo da transcrição com a extensão **.exb* na opção *Browse* (Figura 6).

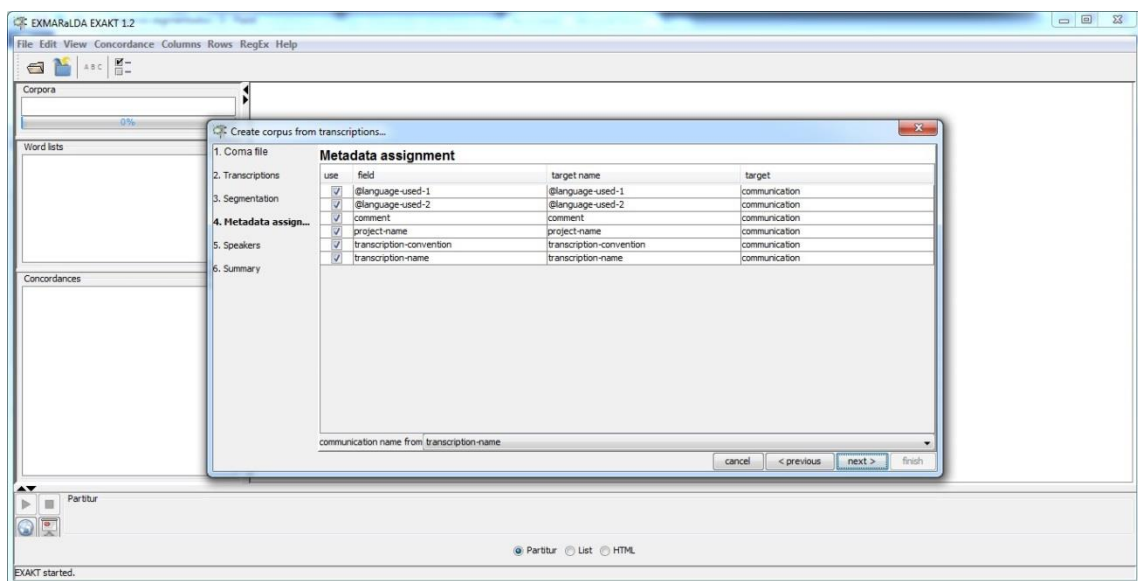


Figura 7. Criando *corpus* no Exakt

Na sequência, o programa apresenta os arquivos com as transcrições selecionadas e segmentadas. Nesse estágio é possível escolher os arquivos, selecionando-os ou excluindo-os antes que o *corpus* seja efetivamente criado. O usuário pode ainda optar por diferentes tipos de segmentação da transcrição, por exemplo, padrão ou segundo um sistema de notação (como GAT ou HIAT), e decidir se deseja cancelar ou ignorar os erros de segmentação existentes. Adicionalmente, também é possível fazer um *output* da base de dados em diversos formatos, como *.txt* e *.html*, no Exakt.

Com essa ferramenta de meta-busca, é possível localizar, agrupar, contabilizar e analisar palavras, expressões, notações prosódicas e pausas nos arquivos associados ao *Partitur-Editor* e *CoMa* (SCHMIDT, 2010). O Exakt também permite selecionar unidades de transcrição específicas, como palavras notadas com acentos primários e/ou secundários, precedidas ou seguidas por qualquer número de sílabas não acentuadas (e.g.: *cOmo um eXEMplo assim;=sAbe*). Essa opção de busca é extremamente importante para a criação de *corpus* transcrito segundo as convenções do GAT/GAT 2, uma vez que a notação feita com base neste sistema pode apresentar diferentes níveis de detalhamento dos aspectos fonéticos, como a notação de acentos focais, feita a partir da diferenciação com letras maiúsculas (e.g.: *este TEXto*) ou até mesmo incluindo símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI). A contribuição do Exakt deveu-se, sobretudo, à possibilidade de selecionar todas as pausas transcritas nas interações, tanto medidas quanto estimadas, a partir do comando $\backslash((\backslash\{1,3\}\backslash d\{1,2\}\backslash.\backslash d\{1,2\}))\backslash$. A Figura 7 apresenta a interface do programa após a seleção do comando de busca por pausas.

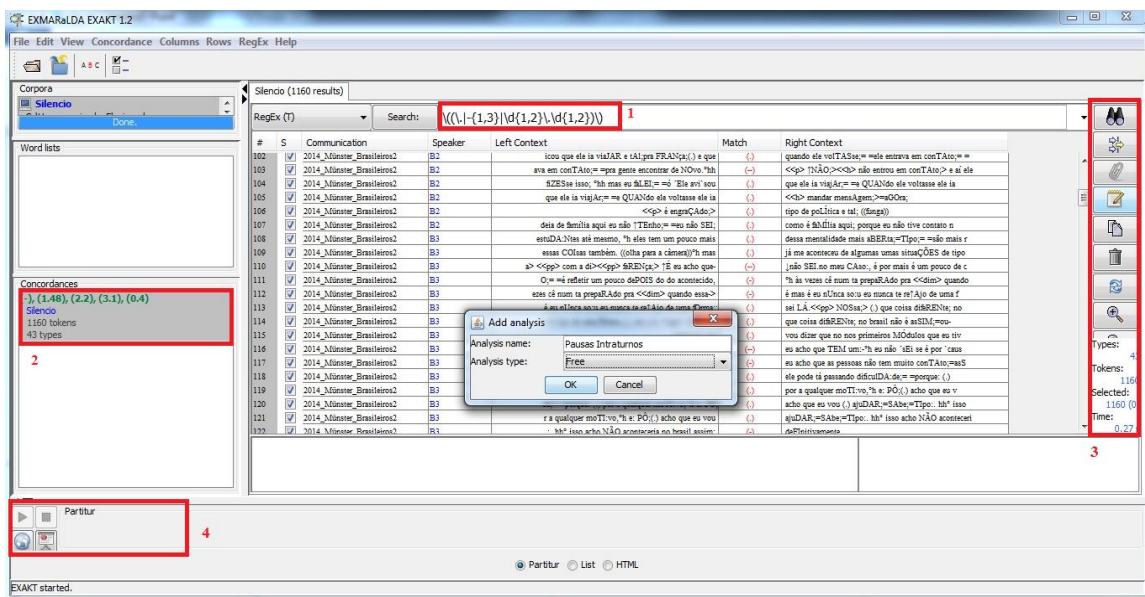


Figura 8. O software Exakt

Como pode ser observado na imagem acima, a interface dessa ferramenta assemelha-se à de uma planilha onde são apresentados os resultados da busca realizada e o contexto de ocorrência do fenômeno investigado. No centro da Figura 6 tem-se o resultado de uma busca feita no Exakt a partir de *corpus* de interação real. As colunas centrais indicam, respectivamente, o nome do arquivo, o falante, o conteúdo anterior localizado à esquerda do fenômeno pesquisado, a correspondência exata da busca (neste caso, todas as pausas,

mensuradas ou aproximadas) e, por último, o conteúdo seguinte localizado à direita do fenômeno.

Ademais, alguns dispositivos foram numerados na Figura 6 a fim de identificar as principais ferramentas e funções operadas neste software, durante a pesquisa. O número 1 na figura apresenta a barra de pesquisa, que permite a busca por expressões regulares e *Xpath* (*XML Path Language*), um conjunto de regras de sintaxe usado para indicar partes de um documento XML e cujo uso pode ser particularmente interessante para a Linguística de *Corpus*. A seleção número 2, ao lado esquerdo da tela, apresenta os resultados obtidos na busca, identificando a quantidade e os tipos de *tokens* encontrados na seleção. O número 3, ao lado direito, apresenta as ferramentas de edição do programa, tais como localização, aplicação de filtros nas ocorrências encontradas, cópia, exclusão etc. E por último, no número 4, aparecem os dispositivos associados ao Partitur-Editor para visualização dos eventos de transcrição, exportação dos dados e manipulação do vídeo. Essas últimas ferramentas são extremamente úteis, uma vez que permitem ao usuário identificar e analisar o contexto imediato, anterior e/ou posterior, da ocorrência do fenômeno pesquisado, além de proporcionar a navegação pela linha dos eventos transcritos e exibir o vídeo associado à interação. Na pesquisa exibida na imagem acima, a concordância da interação *2014MuBr02* gerada pelo Exakt retornou 1160 ocorrências de silêncios e pausas, as quais o programa classificou em 43 tipos diferentes. O software ainda permite filtrar resultados de busca e descartar opções que não interessam à pesquisa.

Convém salientar que mesmo tendo participado da disciplina e do *workshop* ofertados por Schröder e Carneiro Mendes, o trabalho de revisão dos arquivos foi fundamental para que eu pudesse desenvolver e aprimorar minhas habilidades de transcrição e análise com os softwares EXMARaLDA e Exakt, bem como adquirir maior familiaridade com os dados manuseados nesta pesquisa.

Após revisar as transcrições e fazer uma busca pelas ocorrências de silêncio no Exakt, foi realizada a seleção dos dados relevantes, com a identificação dos momentos de silêncio. Na sequência, depois das etapas de identificação dos silêncios nas duas interações, os exemplos de pausas, lacunas e lapsos encontrados foram listados em uma tabela que também indicava os contextos imediatos dessas ocorrências para fins de controle e anotações de pesquisa. Em seguida, os silêncios encontrados em cada interação foram categorizados, inicialmente, em quatro grupos, os quais buscavam identificar as seguintes funções: (1) cognitiva, que corresponde ao silêncio enquanto organizador da fala, permitindo que o indivíduo administre a seu turno de conversa, planejando os enunciados; (2) discursiva,

relaciona-se à pausa silenciosa ao final dos enunciados e às lacunas entre os turnos de fala, atuando como marcador limítrofe da sentença; (3) social, que representa uma metafunção da linguagem, podendo atuar de forma análoga à conversa trivial/fiada em interações interpessoais, como proposto por Jaworski (2000). Essa função também estaria relacionada aos atos de polidez linguística; e (4) afetiva, que funciona como meio de controle dos participantes, evitando que algumas pessoas mantenham interações ou não permitindo que determinados conteúdos verbais sejam expressos, como assuntos que são tabus, ações despreferidas, críticas etc.

As ocorrências de silêncio compiladas na tabela foram então interpretadas à luz do contexto, levando em consideração as relações de afiliação e desafiação dos participantes, as estratégias de polidez e características pragmáticas envolvidas na situação. Por fim, os dados, os resultados e as análises foram contrastados e discutidos sob uma perspectiva interdisciplinar, de base pragmática.

3.7. Calculando Pausas, Prolongamentos Vocálicos e Movimentos de Inspiração e Expiração

Análises e manipulação de dados que envolvem cálculos, por vezes, são tarefas muito laboriosas e complexas, especialmente àqueles, que como eu, não possuem muito interesse ou habilidade matemática. Posto isso, após iniciar a análise dos dados para esta dissertação, defrontei-me com um problema de manipulação dos dados de pesquisa que por diversas vezes tornou o processo de análise lento e frustrante.

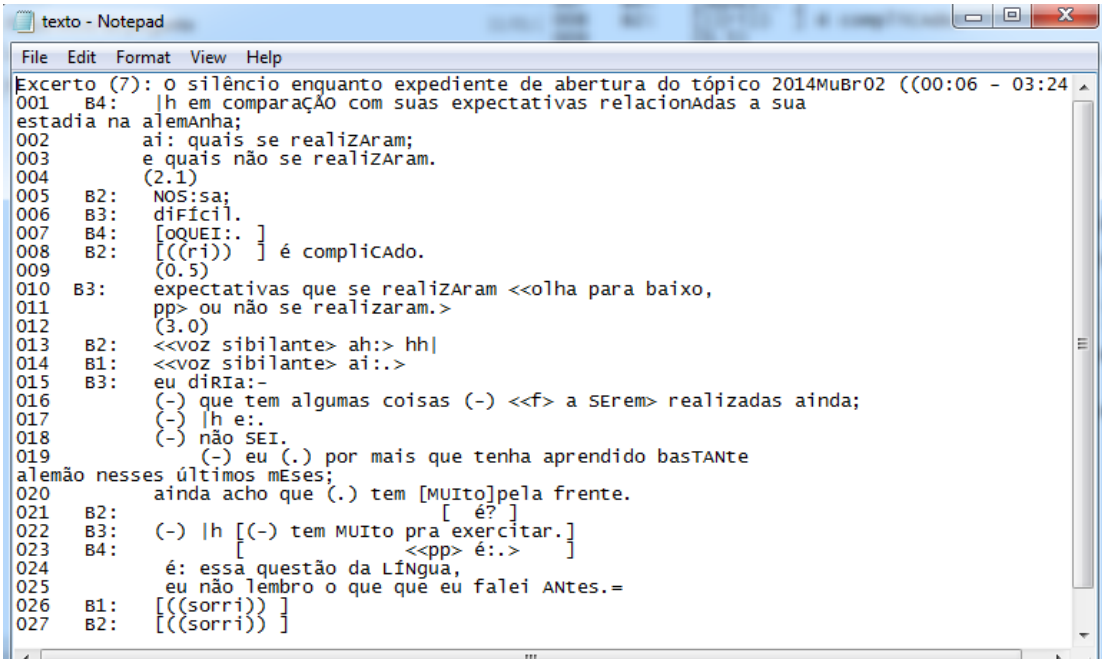
Apesar de a ferramenta Exakt oferecer várias opções para manipulação de *corpus*, permitindo até mesmo a exportação de dados para o Excel, tal operação não foi bem sucedida durante minha análise. Além disso, para o trabalho que eu havia idealizado, seria necessário considerar não apenas os contextos imediatamente anteriores e posteriores à pausa, assim como retornam as pesquisas do Exakt. Por isso seria fundamental ter acesso a uma ferramenta que me permitisse selecionar a toda a sequência conversacional em que estivesse inserida cada pausa a ser analisada.

Desse modo, surgiu a necessidade e o desejo de criar uma ferramenta extra que pudesse contabilizar a duração total de diferentes trechos e sequências conversacionais, bem como o tempo das pausas presentes nos excertos escolhidos e o valor percentual dos silêncios em relação ao período.

Em síntese, o processo de criação envolveu dois passos principais: o registro do código de programação em um arquivo de texto no Bloco de Notas, em linguagem C,³² e a compilação do código em um programa executável para o windows, o Dev-C++.³³

O arquivo executável é de fácil e rápida manipulação e a análise dos dados numéricos é feita a partir dos documentos de texto criados pelo *output* do Exmaralda (ver figura 9). A versão inicial do arquivo executável retornava somente os valores totais e percentuais relativos às pausas presentes no trecho, tanto aquelas que haviam sido notadas numericamente, quanto as notadas com símbolos, segundo a convenção do GAT2.

Em uma segunda versão, o programa passou a retornar valores exatos de pausas, prolongamentos vocálicos, movimentos de inspiração e expiração, bem como os valores percentuais correspondentes a cada fenômeno, em relação ao trecho indicado. Uma vez iniciado o programa, o usuário deve registrar o tempo inicial e final do trecho a ser analisado e pressionar a tecla *enter* logo em seguida para obter os resultados, conforme pode ser visto na figura 10.



```

texto - Notepad
File Edit Format View Help
Excerto (7): O silêncio enquanto expediente de abertura do tópico 2014MuBr02 ((00:06 - 03:24
001 B4: |h em comparação com suas expectativas relacionadas a sua
estadia na Alemanha;
002 ai: quais se realizaram;
003 e quais não se realizaram.
004 (2.1)
005 B2: NOS:sa;
006 B3: difícil.
007 B4: [oQUEI:. ]
008 B2: [((ri)) ] é complicado.
009 (0.5)
010 B3: expectativas que se realizaram <<olha para baixo,
011 pp> ou não se realizaram.>
012 (3.0)
013 B2: <<voz sibilante> ah:> hh|
014 B1: <<voz sibilante> ai:.>
015 B3: eu diria:-
016 (-) que tem algumas coisas (-) <<f> a serem> realizadas ainda;
017 (-) |h e:.
018 (-) não sei.
019 (-) eu (.) por mais que tenha aprendido bastante
alemão nesses últimos meses;
020 ainda acho que (.) tem [MUITO]pela frente.
021 B2: [ é? ]
022 B3: (-) |h [(-) tem MUITO pra exercitar.]
023 B4: [ <<pp> é:.> ]
024 é: essa questão da LÍngua,
025 eu não lembro o que que eu falei antes.=
026 B1: [((sorri)) ]
027 B2: [((sorri)) ]

```

Figura 9. Sequência gerada de *output*

³² Para mais informações sobre programação em Linguagem C e compilação de arquivo executável, ver o site: <<http://linguagemc.com.br/primeiro-programa-em-linguagem-c/>>. Acesso em 21/12/2017.

³³ Para mais informações sobre o funcionamento do Dev-C++ ver o site: <<http://www.bloodshed.net/dev/>>, acesso em 21/12/2017.

```

C:\Users\Laurens\Desktop\As fotos da festa ficaram ótimas 1.4.exe
Digite o tempo de inicio separado por espacos <h m s>: 0 0 6
Digite o tempo de fim separado por espacos <h m s>: 0 3 24

Tempo Total: 198.00 segundos
*****
Tempo total de pausa: 17.29 segundos
Porcentagem de pausa: 8.73%
*****
Tempo total de inspiracao/expiracao: 1.40 segundos
Porcentagem de inspiracao/expiracao: 0.71%
*****
Tempo total de prolongamento: 8.05 segundos
Porcentagem de prolongamento: 4.07%
*****
Tempo Somado: 26.74 segundos
Porcentagem somada: 13.51%
*****

```

Figura 10. Programa Executável para cálculo de pausas

Após compilar as sequências de silêncio em diferentes arquivos de texto, e à medida em que a análise foi sendo desenvolvida, várias sequências conversacionais foram executadas pelo programa. Os dados, as análises e os resultados foram apresentados, discutidos e contrastados na seção 4, apresentada a seguir.

4. A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas e analisadas as ocorrências de silêncio encontradas nas duas interações entre brasileiros. Inicialmente, será feita uma breve descrição de cada interação, cujo intuito é apresentar o cenário de desenvolvimento dos temas e tópicos em cada conversa, apontando as principais tendências para emergências de pausas e silêncios. Na sequência, serão exibidas as análises de silêncio que têm por objetivo identificar alguns comportamentos comunicativos que são (inter-)dependentes do contexto imediato e sociocultural nos quais se incluem os participantes destas conversas, em relação às seguintes categorias de silêncio: discursivo, cognitivo, afetivo e social. Por conseguinte, o foco de atenção das análises feitas a seguir está voltado para diferentes comportamentos sociais, linguísticos e paralinguísticos relacionados ao silêncio.

Adicionalmente, serão abordadas algumas ocorrências particulares do fenômeno, discutindo o contexto específico e sua relação com diferentes reações dos participantes, a exemplo do encerramento conversacional, ou melhor dizendo, de como se é feita a saída da conversa eliciada.

4.1. As Interações

Esta seção é dedicada à apresentação dos dados extraídos das interações filmadas entre brasileiros. Uma vez que os dados a serem apresentados permitem várias possibilidades de análise, propõe-se, para tal, uma divisão do texto em subseções relativas aos diferentes tópicos em discussão, de acordo com os resultados a serem apresentados.

Apresentar o panorama global das interações parece fundamental à compreensão geral dos dados e ao entendimento de especificidades da conversa que serão discutidas na sequência. Desse modo, as interações serão descritas nas próximas seções, considerando os tópicos abordados, o gerenciamento da conversa, a duração das discussões e os recursos conversacionais globais aos quais os participantes recorrem durante a interação.

Em relação aos temas discutidos, ainda que os participantes falem sobre vários assuntos, observa-se a predominância de narrativas que exploram, quase que exclusivamente, o contexto intercultural, revelando o interesse e a atenção dos estudantes em manter o foco nas questões propostas nos cartões de eliciação. Assim, nas duas interações, os participantes demonstram a preocupação e o cuidado de ler e comentar todos os cartões de eliciação disponíveis na mesa.

Uma vez que este trabalho também se propõe a avaliar o silêncio conversacional em sua relação com a polidez linguística, no contexto da conversa eliciada em português, cabe destacar que a análise revelou, na interação 2013MuBr01, a preferência à resposta imediata após a leitura do cartão de eliciação, com poucas pausas preenchidas e repetições nas produções individuais, e maior tendência à sobreposição de turnos, em oposição à segunda filmagem. Já na interação 2014MuBr, observa-se um alto índice de pausas antes e após a leitura dos cartões, além do atraso no momento em que os participantes de fato iniciam suas respostas, quase sempre figurado por repetições, marcas hesitativas e pausas.

Os dados a seguir buscam apresentar a relação dos silêncios e pausas que ocorrem logo após a leitura das perguntas de eliciação. Para isso, foi considerado o momento exato em que um dos participantes faz a leitura do cartão, geralmente registrado na transcrição com um comentário <<lendo>, até o momento em que alguém toma a palavra a si para emitir uma contribuição significativa para o tópico em questão. Em outras palavras, as análises de pausas pós-leitura contemplam todos os turnos em que os participantes repetem parte da pergunta, emitem *tokens* mínimos ou fazem ‘exclamações responsivas’ (*response cries*, GOFFMAN, 1981, p. 100) até o turno em que alguém, de fato, faz uma contribuição verbal para a pergunta.

As tabelas 6 e 7 apresentam a relação entre as pausas e os movimentos hesitativos, como a inspiração e a expiração e pausas preenchidas, aqui registradas a partir dos prolongamentos vocálicos que ocorrem durante as discussões de cada cartão de perguntas, registrados nas interações 2013MuBr01 e 2014MuBr, respectivamente.

Já a tabela 8 apresenta a relação entre as pausas (preenchidas e não preenchidas) e demais movimentos hesitativos que ocorrem entre o intervalo de leitura dos cartões e a contribuição verbal que de fato marca o início da resposta na interação 2014MuBr. Uma vez que a interação 2013MuBr01 apresenta configuração e, conseqüentemente, uma dinâmica muito distinta, mais fluída e rápida, os dados de silêncio após a leitura dos cartões foram descartados, uma vez que retornaram valores ínfimos, praticamente nulos ou inexistentes.

Em todos os casos da interação 2014MuBr, as unidades entonacionais imediatamente seguintes à leitura dos cartões apresentaram silêncios e pausas preenchidas e não preenchidas, cuja duração varia entre 1,75 segundos e 9,55 segundos, em uma média de 6,5 segundos. A análise revelou que, praticamente em todas as respostas, as tomadas de turnos subsequentes à leitura dos cartões foram iniciadas com pausas, formulações repetitivas, expressões hesitativas ou ainda, com exclamações responsivas (*response cries*, GOFFMAN, 1981, p. 100).

Tabela 6: *Pausas, Movimentos de respiração e Prolongamentos vocálicos por pergunta 2013MuBr01*

Cartão	Tempo total	Tempo de pausa	% de pausas no período	Tempo inspiração expiração	% Insp/Exp	Tempo de PV³⁴	% PV	Tempo total dos fenômenos	% somada
01	578 s	45,1 s	7,8%	1,4	0,24%	99,4	17,2	145,9	25,24%
02	803 s	36,70 s	4,57%	1,65	0,21%	154,40	19,23%	192,25	24,00%
03	532 s	34,27 s	6,44%	0,35	0,07%	103,10	19,38%	137,72	25,89%
04	627 s	36,65 s	5,85%	0	0	109,65	17,49%	146,30	23,33%
05	1012 s	67,75 s	6,69%	1,40	0,14%	155,25	15,34%	224,40	22,17%
06	476 s	37,10 s	7,79%	0,0	0%	74,35	16,62%	111,45	23,41%
07	554 s	36,35 s	6,56%	0,35	0,06%	110,20	19,89%	146,90	26,52%
08	709 s	84,00 s	11,85 %	0	0	128,80	18,17 %	212,80	30,01%

³⁴ Prolongamento vocálico.

Tabela 7: *Pausas, Movimentos de respiração e Prolongamentos vocálicos por pergunta 2014MuBr*

Cartão	Tempo total	Tempo de pausa	% de pausas no período	Tempo inspiração /expiração	% Insp/ Exp	Tempo de PV	% PV	Tempo total dos fenômenos	% somada
01	1039 s	107,58s	10,35%	13,45 s	1,29%	155,20 s	14,94%	276,23 s	26,59%
02	1353 s	90,35 s	6,68 %	0,00 s	0,00%	318,90 s	23,57%	409,25 s	30,25%
03	371 s	32,30 s	8,7%	17,60 s	4,74%	66,00 s	17,79%	115,90 s	31,24%
04	941 s	91,25 s	9,70%	17,65 s	1,88%	141,15 s	15,00%	250,05 s	26,57%
05	264 s	28,74 s	10,89%	10,70 s	4,05%	59,30 s	22,46%	98,74 s	37,40%
06	467 s	46,06s	9,86%	17,65s	3,78%	75,05 s	16,07%	138,76 s	29,71%
07	432 s	94,35 s	21,84%	4,04 s	1,02%	103,15 s	23,88%	201,90 s	46,74%
08	603 s	47,91 s	7,95%	6,40 s	1,06%	137,90 s	22,87%	192,21 s	31,88%
09	908 s	101,56 s	11,19%	21,15 s	2,33%	131,00 s	14,43%	253,71 s	27,94%

Tabela 8: *Pausas pós pergunta 2014MuBr*

Cartão	Tempo total	Tempo de pausa	% de pausas no período	Tempo inspiração /expiração	% Insp/ Exp	Tempo de PV	% PV	Tempo total dos fenômenos	% Somada
01	33 s	9,38 s	9,79 %	1,05 s	3,18%	9,45 s	28,64%	20,33 s	61,61%
02	38 s	9,55 s	5,13%	0,35 s	0,92%	11,90 s	31,32%	21,80 s	57,37%
03	7 s	1,75 s	5,00%	0,00 s	0,00%	1,75 s	25,00%	3,50 s	50%
04	26 s	5,91 s	2,73%	0,00 s	0,00%	4,20 s	16,15%	10,11 s	38,88%
05	12 s	5,35 s	4,58%	1,60 s	13,33%	3,80 s	31,67%	10,75 s	89,58%
06	15 s	6,10 s	0,67%	0,65 s	4,33 %	1,40 s	9,33%	8,15 s	54,33%
07	16 s	5,80 s	6,25%	1,55 s	9,69%	2,45 s	15,31%	9,80 s	61,25%
08	17 s	5,91s	4,76%	0,00 s	0,00%	4,20 s	24,71%	10,11s	59,47%
09	18 s	8,91 s	9,50%	0,00s	0,00%	4,90 s	27,22%	13,81s	76,72%

4.2. A Interação 2013MuBr01

Conforme explicitado na seção Metodologia, a primeira filmagem ocorreu logo após a chegada dos participantes à Alemanha, quando os estudantes tinham pouca ou nenhuma experiência na universidade estrangeira. O ambiente e a condução da interação possuem um caráter de novidade, curiosidade e empolgação por parte dos estudantes que muitas vezes narram com entusiasmo as suas expectativas acerca da experiência que está por vir.

Dentre os participantes, B5 é o único que já havia feito intercâmbio e que na ocasião possuía experiência prévia sobre as universidades europeias. Sua estadia em Portugal o permitiu narrar e compartilhar suas vivências, o que serviu à criação de vínculo e aproximação com os demais interactantes, os quais, diversas vezes, se pautaram nas experiências narradas por B5, quando este ora os inteirava, ora os aconselhava ou advertia acerca do que poderia acontecer durante o período de intercâmbio.

Observa-se, com frequência nas falas dos estudantes que muitas ideias, noções e previsões sobre o período de intercâmbio iminente foram feitas em discurso indireto, a partir da visão de amigos ou conhecidos já tinham visitado ou morado na Alemanha. Se por um lado o uso do discurso indireto serve para estabelecer um distanciamento entre a posição do falante e seu comentário, despersonalizando de certa forma sua contribuição conversacional em nome da objetividade, por outro lado, esse tipo de recurso abre espaço para comentários, refutação, exposição de outros pontos de vista, críticas e assim por diante (PLATÃO; FIORIN, 2006).

Em vista disso, tal expediente também aponta para a tendência de os participantes se esforçarem para manter o fluxo conversacional constante, evitando a emergência de silêncios e lapsos, mesmo nos momentos em que eles não dispõem de ‘bagagem cultural’ para discutir algumas questões em pauta. A expressão da fala ou ideia de outrem pode contribuir para a troca e tomada de turnos na conversa e, conseqüentemente, para a participação mais ativa dos interactantes. Esse comprometimento, por sua vez, geralmente é mais apreciado em sociedades de línguas latinas, como a brasileira, a francesa e a espanhola (KERBRAT-ORRECHIONI, 2006; CONTRERAS FERNÁNDEZ, 2008).

Dessa forma, o desconhecimento intercultural e falta de experiência na universidade estrangeira poderiam ser compensados pelas pistas e sinais comunicativos de interesse e engajamento a respeito do assunto, indicando que os participantes haviam se inteirado sobre hábitos, costumes e a vida na Alemanha de modo geral. Um exemplo disso é a expressão “me falaram”, ilustrada no excerto 1 a seguir, cuja recorrência é quase três vezes maior (267,7%) na primeira interação 2013MuBr, em comparação à filmagem 2014MuBr.

Excerto (1): 2013MuBr01 ((59:03 – 59:14))

01 B2 é me (.) o que me faLaram foi que que;;

02 assim eu não sei né essa questão de DÚvida;

03 (talvez e tal) mas que (.) você não tem relação nenHUma com
professOr.

04 ele chega dá AUla vai embOra e;

05 e (--) PRONto.

No trecho acima, a participante B2 discorre sob uma das questões abordadas no sexto cartão de eliciação “Quais suas expectativas e primeiras experiências com a sua universidade alemã? O que é semelhante ao Brasil e o que é diferente? Qual é a relação entre os estudantes e entre estudante e professor?”. Dessa forma, B2 recorre ao discurso indireto com o que me faLaram foi que na linha 01 expressão que visa suprir o desconhecimento da estudante substituindo-o por uma indicação de seu interesse, em outras palavras, a aluna dá sinais de que se atentou para alguns fatos culturais antes de vivenciá-los. Como a participante B2 ainda não havia iniciado suas aulas de intercâmbio, ela recorre a um conhecimento anterior, que pode até mesmo ser uma ideia estereotipada ou um *lugar comum* a respeito da relação professor-aluno em universidades estrangeiras.

Em relação aos temas discutidos durante esta interação, nota-se maior tendência às sequências lateralizadas (HERNÁNDEZ FLORES, 2002; CONTRERAS FERNÁNDEZ, 2008) que são utilizadas para fazer comentários pessoais, criar laços de identificação entre os participantes e, acima de tudo, evitar os silêncios na conversa, no decorrer da primeira filmagem. Essa tendência estaria correlacionada à outra característica distintiva da interação 201MuBr01 – o fato de os participantes estarem mais orientados a criarem laços pessoais e encontrarem sinais de identificação com o grupo, em comparação à segunda interação em que os estudantes demonstraram estar mais preocupados em ler os cartões de eliciação.

O excerto (2) a seguir ilustra uma sequência lateralizada, utilizada por um dos participantes em sinal de afiliação. Neste momento, o que está em debate são as expectativas que os estudantes têm em relação à universidade alemã (ver tabela 8). B1 havia terminado seu turno com o comentário de que estaria interessado em conhecer o sistema de ensino e adquirir prática nos laboratórios de física, quando B5 toma o turno a si:

Excerto (2): 2013MuBr01 ((12:16 - 12:32)

001 B5: e também o jeito de estudar vocês vão ver pelo menos em
portugal eu aprendi e era COMPLEtamente diferente.
002 a gente estudava mais em CASA-
003 você nunca precisa de ir na AUla-
004 e no pra FÍsica isso é bOm;
005 no brasil você é obrigado a ir nas AUlas,
006 e não aprende NAda nela;
007 aqui é você que estuda muito MAIS;
008 na casa ainda MAIS do que nos outros;
009 B4: [hm m,]
010 B5: [então]<<pp> acho que vai > ser BOM.
011 (--) muito BOM.

No excerto (2), o participante B5 inicia sua contribuição encorajando aos demais sobre o fato de que na Alemanha eles iriam ter a oportunidade de vivenciar uma nova experiência estudantil e também o jeito de estudar vocês vão ver (linha 001) que lhes possibilitaria maior aprendizado e desenvolvimento da autonomia para os estudos (linhas 002, 003, 007 e 008). B5 expressa confiança, a exemplo de sua própria experiência em Portugal, avaliando positivamente sua bagagem prévia e a nova oportunidade para utilizar o tempo de modo mais eficaz (linhas 004 e 010).

Além disso, há uma clara preferência pelas narrativas que envolvem fatos e histórias pessoais, transição e mudança mais rápida entre os temas sem que necessariamente haja troca de cartão de perguntas, turnos curtos, sobreposição de falas e, sobretudo, poucas ocorrências de silêncios e lapsos conversacionais. Vale lembrar que todos os cartões de eliciação foram lidos durante esta interação.

As tabelas 9 e 10 a seguir foram inspiradas em Viterbo Lage (2013, p. 97-98) e Passig Martins (2017, p. 70-71). A primeira apresenta as perguntas de cada cartão de eliciação, os temas desenvolvidos em cada tópico, bem como a sua duração de cada pergunta, o valor total de silêncios em cada tópico e o valor percentual de silêncios no trecho. Já a tabela 10 mostra a distribuição das perguntas na interação 2013MuBr01.

Tabela 9: *Estrutura da interação 2013MuBr01*

Tópico / Atividade	Principais Sequências	Duração do tópico (Aprox.)	Tokens de pausas e silêncios	%
(1) O que vocês esperam aprender durante sua estadia na Alemanha?	Uso proficiente da língua alemã. Conhecer laboratórios e equipamentos. Conhecer pesquisadores alemães. Amizades e relações interpessoais.	9min 42s	45,1s	7,8%
(2) De forma geral, o que diferencia a sociedade brasileira da sociedade alemã, segundo seus conhecimentos e seus conceitos?	Vida Privada e Pública, Pessoal Ser direto	13min 19s	36,70s	4,57%
(3) Discutam: existem diferenças culturais? Caso positivo, como se exprimem? Qual a melhor forma de lidar com elas?	Pronomes de tratamento (Senhor / Senhora)	8min 52s	34,27s	6,44%
(4) Vocês já vivenciaram algum mal-entendido? Como lidaram com isso? Quais podem ser as fontes para mal-entendidos potenciais?	Pontualidade Pedidos de informação Formas de tratamento no dia a dia: Du ou Sie	10min 27s	36,65s	5,85%
(5) Quais suas expectativas e primeiras experiências com a sua universidade alemã? O que é semelhante ao Brasil e o que é diferente? Qual é a relação entre os estudantes e entre estudante e professor?	Pontualidade. Atraso em sala. Diretividade dos alunos. Métodos de estudos dos alemães. Programa de recepção de calouros no Brasil e Alemanha. Diferenças sociais entre os alunos, de acordo com os cursos. Distância do tratamento entre professor e aluno em comparação com o Brasil.	16min 52s	67,75s	6,69%
(6) Vocês acham que a comunicação se dá de forma diferente na Alemanha, em oposição	Formalidade. Jeito de falar. Sinceridade dos alemães.	8min 6s	37,10s	7,79%

ao Brasil? Quais suas expectativas e primeiras experiências?

Brasileiro é muito emotivo em suas expressões, por exemplo, pedem muitas desculpas, tentam se justificar demais etc.

(7) Vocês acham que as relações amorosas são diferentes na Alemanha? Caso positivo quais os pontos específicos?	Dificuldade de se reconhecer os casais em público. Contato e proximidade corporal como indício de interesse para alemães. Abordagens masculinas e estereotipadas de homens alemães em relação à mulheres brasileiras.	9min 0s	36,35s	6,56%
(8) Quais suas ideias sobre amizade no Brasil e na Alemanha? Vocês acham que há diferenças ou já experimentaram algumas diferenças? Como lidam com isso?	Primeiras impressões negativas. Dificuldade de se fazer amizade com alemães.	11min 45s	84,00s	11,85%

Tabela 10: *Distribuição das perguntas na interação 2013MuBr01*

Pergunta	Início	Tempo	Percentual
Preparação	00:00:00	00:02:57	3,24%
1	00:02:57	00:09:42	10,66%
2	00:12:39	00:13:19	14,63%
3	00:25:58	00:08:52	9,74%
4	00:34:50	00:10:27	11,48%
5	00:45:17	00:16:52	18,53%
6	01:02:09	00:08:06	8,90%
7	01:10:15	00:09:00	9,89%
8	01:19:15	00:11:45	12,91%
Total	01:31:00	01:31:00	100,00%

Outro aspecto relevante diz respeito às sobreposições de turnos, tanto de conversas quanto de risadas, que são significativamente maiores na primeira filmagem, em comparação à interação 2014MuBr. Com efeito, o fato de haver cinco participantes neste encontro é um

dado expressivo e a influência desse número maior de interactantes é especialmente percebida em relação ao número reduzido de pausas contabilizadas na interação 2013MuBr01, em oposição à gravação posterior, 2014MuBr. Além disso, a relevância e frequência das sobreposições apontam para outras características importantes desta interação, tais como as mostras de aproximação, expressividade e cooperação entre os falantes (GOLDBERG, 1990; TANNEN, 2005). Ainda que para alguns autores (GOLDBERG, 1990; MAAT; TRUONG; HEYLEN, 2010) as sobreposições estejam associadas às atitudes grosseiras e desrespeitosas, configurando, portanto, desafiliação, o que se observa nesta interação são sobreposições não competitivas, frequentemente expressas em *tokens* responsivos tais como *hm hm*, *éh*, *ahn*, também conhecidos como ‘pausas preenchidas’ (MARCUSCHI, 2015).

A interação 2013MuBr01 também revelou uma distribuição mais regular do tempo dedicado à cada cartão de eliciação, como se observa no gráfico 1 a seguir:

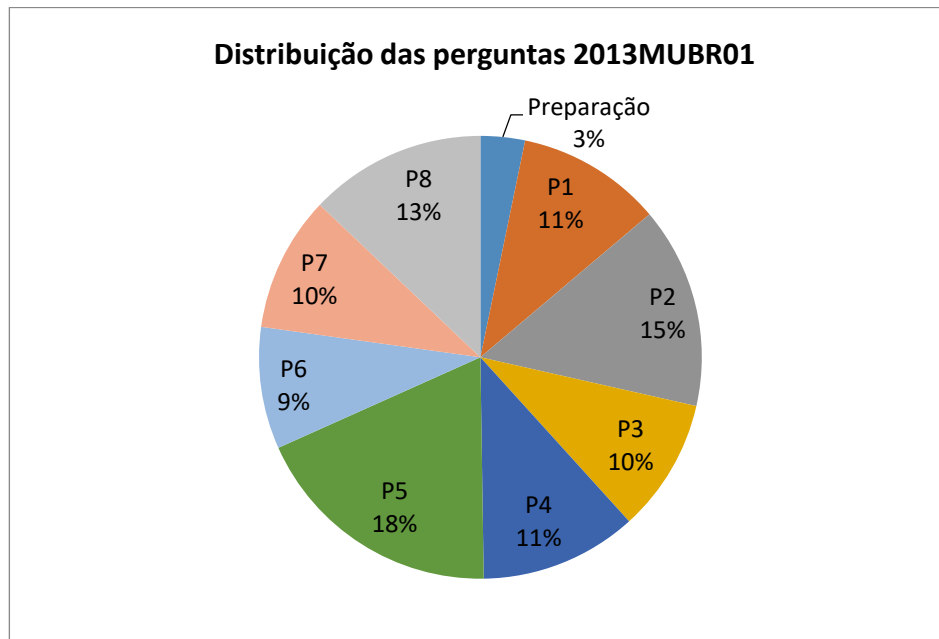


Gráfico 1: Distribuição percentual das questões de eliciação na interação 2013MuBr01

Expectativas versus experiências

Em termos de distribuição do tempo dedicado às perguntas durante a conversa, nota-se que os participantes, durante a primeira filmagem, 2013MuBr01, organizaram de modo mais regular e harmônico suas respostas e contribuições para cada cartão de eliciação. Uma possível explicação para esta ocorrência relaciona-se ao fato de que as contribuições da primeira filmagem versam mais sobre as expectativas dos participantes recém-chegados para o intercâmbio. Além disso, como há cinco participantes nesta filmagem, a análise do *corpus*

demonstrou a preferência dos participantes pelas narrativas curtas e de caráter pessoal, o que permitia a todos os interactantes mais oportunidades de fala. Outrossim, observa-se nesta primeira filmagem mudanças rápidas e por vezes bruscas de temas, com turnos de fala curtos, muitas sobreposições de falas e notável resistência ao silêncio.

Em oposição ao que se observa durante a primeira gravação, na segunda filmagem, 2014MuBr, os participantes constroem mais sequências narrativas para apresentar suas histórias, falar de suas impressões e descrever suas experiências durante o período de intercâmbio. Se por um lado, a *sequência narrativa* tende a apresentar menos pausas em sua constituição, por outro lado, as ações responsivas dos demais participantes à narração podem ter como característica maior silêncio e hesitação. Uma pausa mais demorada após a narrativa pode ocorrer tanto em sinal de afiliação, como mostra de respeito e polidez do ouvinte que espera ter certeza de que seu interlocutor concluiu seu turno de fala antes de tomar o turno a si, quanto em sinal de dissociação e distanciamento, quando o interlocutor se abstém de emitir uma contribuição. Ademais, na segunda filmagem já se observa o aparecimento de turnos e sequências mais longos, menos sobreposições de fala e pausas mais longas e significativas, tanto após a leitura das perguntas, como antes do encerramento do tópico em curso.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 111), as sobreposições podem atuar como impulsionadores do *tempo* da conversa, imprimindo vivacidade, animação, descontração e cordialidade ao encontro social. Nesse sentido, tais observações opõem-se à ideia de interrupção enquanto sinal de descompasso e desarmonia, ou ainda, como indício de conflito e ameaça de face dos demais participantes. As sobreposições que ocorrem nesta interação estão, antes, relacionadas à participação energética e dinâmica, o que constitui uma estratégia comunicativa de polidez (CONTRERAS, 2005; GALLARDO, 1996).

Desse modo, a alta frequência de sobreposição nesta interação evidencia o interesse dos estudantes em trazer para a conversa e/ou em manter em foco suas contribuições e seus pontos de vista, ou ainda, no caso das sobreposições de risadas, de manter a afiliação e contribuir para o clima amistoso da conversa. Uma vez que esta análise também se propõe entender a relação do silêncio com a polidez linguística, o número reduzido de pausas, lacunas e silêncios desta primeira interação, em comparação à 2014MuBr, traz à tona a ideia de que a sobreposição em lugar de pausas para transição de turnos, ou ainda, em atividades de processamento cognitivo de fala é uma escolha de tipo preferido entre os participantes como mostra de expressividade e afiliação. O baixo índice percentual de pausas e silêncios por pergunta, apresentado no gráfico 2 a seguir, corrobora com as observações supracitadas.

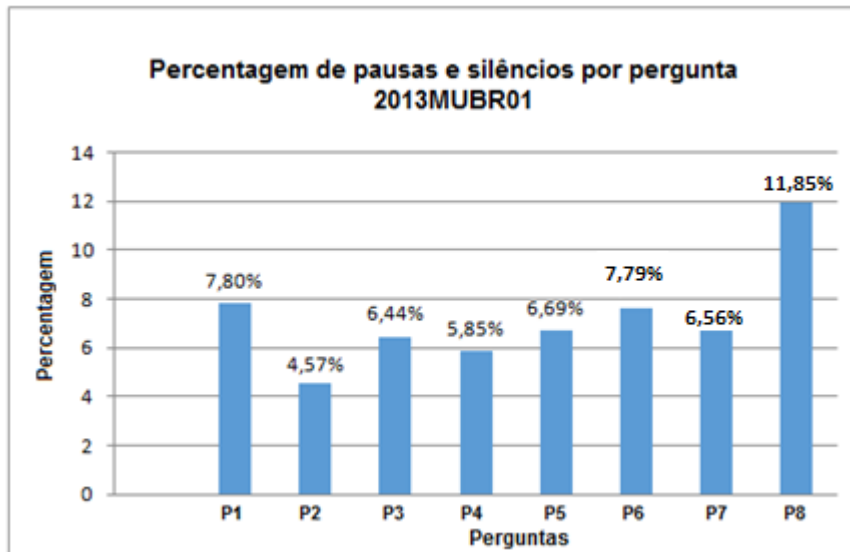


Gráfico 2: **Distribuição percentual de pausas e silêncios por pergunta na interação 2013MuBr01**

4.3. A Interação 2014MuBr

Apesar de as filmagens contarem com os mesmos integrantes, quatro dos cinco membros da primeira gravação, em dois momentos distintos, não é possível afirmar que uma das interações tenha ditado o tom das análises empreendidas neste trabalho. Contudo, conforme destaca Marcuschi (2003 [1986]), o gerenciamento e operacionalização da sistemática de tomada de turnos torna-se mais complexo e difícil quando há mais de três participantes. Isso justificaria, em partes, uma tendência maior para o aparecimento de pausas ao final de turno quando há menos participantes envolvidos, como se constatou nesta segunda interação.

Acrescente-se ainda a observação do autor (op. cit.) de que no Brasil as regras que governam a tomada de turno são parcialmente seguidas, o que Marcuschi (2003, p. 21) atribui à questão cultural, considerando que o modelo proposto por Sacks *et. al.* (1974) é fundamentado na cultura americana. Dessa forma, o número reduzido dos participantes na segunda interação justificaria, em partes, a atribuição de um número maior de pausas e silêncios, dada a maior possibilidade de observação não apenas dos LRT, mas também dos demais sinais de completude de turnos, como os marcadores “éh”, “hm”, as conjunções “mas”, “ai”, a mudança entonacional, as risadas compartilhadas etc.

De fato, o que se nota na gravação 2014MuBr é a necessidade de os participantes assumirem posturas mais atentas e/ou flexíveis para administrarem os conflitos potenciais,

dada as distintas experiências e percepções de cada um após um ano de intercâmbio. Ademais, durante este segundo encontro, os estudantes estão claramente voltados ao cumprimento da tarefa comunicativa, ou seja, ler e responder aos cartões de perguntas cujo objetivo final é viabilizar as pesquisas comandadas por Schröder. Vale ressaltar que a primeira gravação é caracterizada pela busca por afiliação e criação de laços entre os participantes.

Um ambiente de fala eliciada como o criado para as interações filmadas e analisadas neste trabalho guarda algumas semelhanças com a entrevista de tipo semi-aberta. A utilização de cartões com perguntas permite que os interactantes tenham mais autonomia e liberdade durante a interação, seja para escolher o tópico a ser tratado, determinar por quanto tempo irão tratar um mesmo assunto, de que forma vão conduzir a conversa e até mesmo decidir quando irão encerrar a interação, ainda que esta última tarefa seja mais complexa (ver categoria discursiva de silêncio).

Dessa forma, o contexto de fala eliciada parece suscitar nos estudantes intercambistas um alto grau de engajamento. A primeira questão tratada pelos interactantes foi: “Em comparação com suas expectativas relacionadas a sua estadia na Alemanha, quais se realizaram e quais expectativas que não se realizaram?” e as respostas versam sobre língua, viagens, amizades, relações de trabalho e estudo, segurança, qualidade de vida e alimentação. Nota-se que os estudantes buscam tratar o tema do primeiro cartão de perguntas com a maior atenção possível aos detalhes, recorrendo à várias exemplificações e descrições, dedicando-se à explicação minuciosa dos tópicos à medida em que estes surgiam na conversa. Este tópico tem duração de aproximadamente 17 minutos, o que corresponde a 15,98% da interação. Um panorama mais abrangente da interação pode ser visto na tabela 8 a seguir.

Tabela 11: *Estrutura da interação 2014MuBr*

Tópico / Atividade	Principais Sequências	Duração do tópico (Aprox.)	Tokens de pausas e silêncios	%
Organização de equipamentos		32 s	2,7 s	8,43%
(1) Em comparação com suas expectativas relacionadas a sua estadia na Alemanha, quais se realizaram e quais expectativas que não se realizaram?	Uso da língua alemã. Laboratórios e equipamentos. Segurança e qualidade de vida. Hábitos, alimentação e rotinas. Amizades e relações interpessoais.	17min 19s	107,58s	10,35%

(2) Qual é a sua experiência agora? Existem diferenças culturais? Lado positivo, como se exprimem?	Relato sobre o jogo final da copa do mundo de 2014 – Brasil e Alemanha. Noções de privado vs. Público Diretividade e indiretividade	22min 37s	90,35 s	6,68 %
(3) Como lidaram com as diferenças?	Diferenças entre o tratamento dado a alunos estrangeiros nos dois países. Cumprimentos.	6min 13s	32,30 s	8,7%
(4) Quais foram suas experiências com relação à universidade alemã? O que é semelhante ao Brasil e o que é diferente? Como é a relação entre estudantes e entre estudante e professor?	Liberdade (Alemanha) e constrangimentos (Brasil) na relação professor-aluno. Competitividade (alemães).	15min 39s	91,25 s	9,70%
(5) Pensem agora: quais os pontos principais que diferenciam a sociedade brasileira da sociedade alemã?	Planejamento vs. Improviso Retomada ao jogo da seleção como exemplo das capacidades de raciocínio e lógica alemãs.	4min 25s	28,74 s	10,89%
(6) Suas ideias sobre amizade no Brasil e na Alemanha mudaram durante o ano?	Dificuldade de se fazer amigos no exterior. Relação com os voluntários do programa de apadrinhamento dos intercâmbistas.	7min 48s	46,06s	9,86%
(7) Suas ideias sobre relações amorosas e família no Brasil e Alemanha mudaram durante o ano?	Dificuldade em identificar os tipos de relações dos alemães. Família.	7min 50s	94,35 s	21,84%
(8) Vocês acham que a comunicação se dá de forma diferente na Alemanha em oposição ao Brasil? E quais são suas experiências durante o ano na Alemanha? Comunicação	Formalidades de tratamento (Du ou Sie). Senhor/ Senhora - Você	10min 03s	47,91 s	7,95%
(9) Quais foram as fontes principais para mal entendidos e como vocês lidaram com eles?	Narrativas sobre problemas com polícia e com atendimento na padaria Professor intolerante com atrasos no Instituto de Física Nuclear B4 não foi convidada para uma festa de um ex-colega de casa. Alemães se impõem em	15min 56s	101,56 s	11,19%

situações

Narrativa sobre a saída de campo de B3 e conflito com as colegas com quem ele deveria ter feito o trabalho.

Os gráficos 3 e 4, apresentados na sequência, mostram a distribuição do tempo dos tópicos e a porcentagem de tempo gasto em cada cartão de pergunta em relação à duração total da interação 2014MuBr, e também a relação percentual das ocorrências de pausas e silêncios por pergunta, revelando algumas das diferenças mencionadas existentes entre as interações.

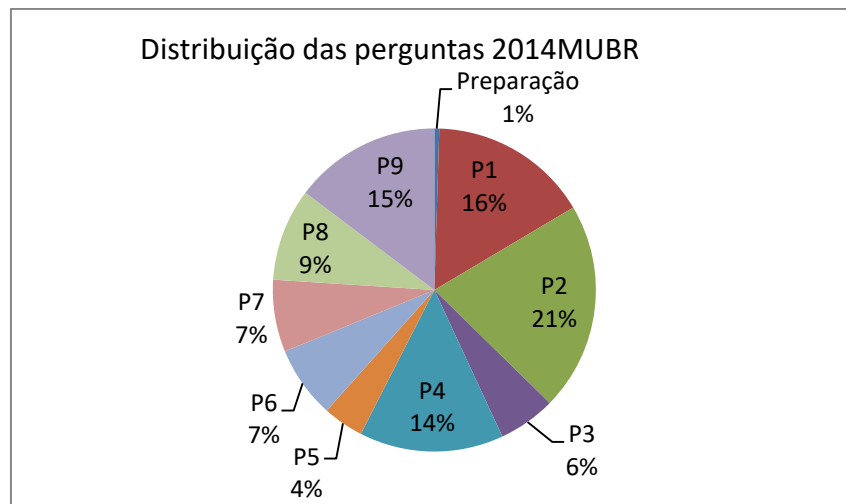


Gráfico 3: Distribuição percentual das questões de eliciação na interação 2014MuBr

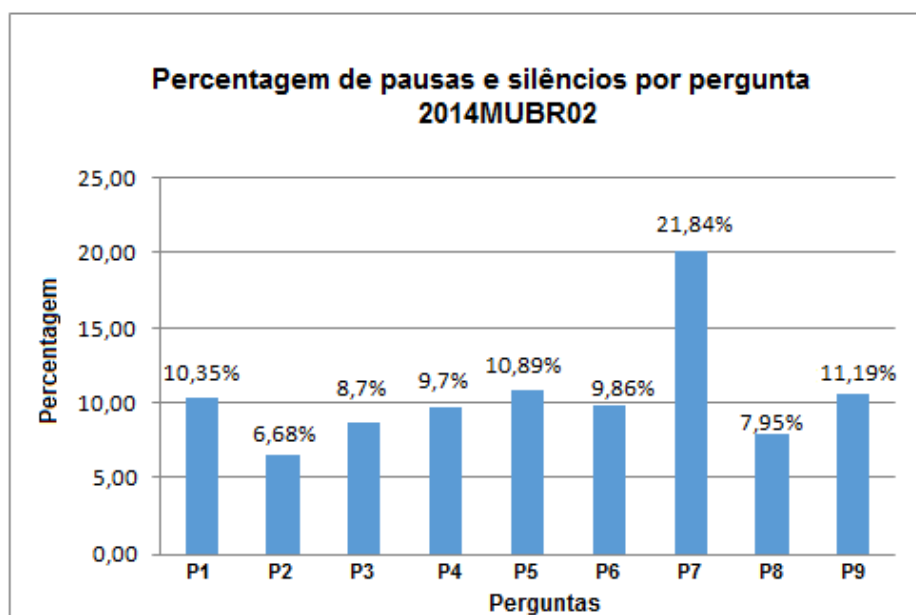


Gráfico 4: Distribuição percentual de pausas e silêncios na interação 2014MuBr

De modo geral, os intercambistas dão mais atenção aos aspectos positivos das experiências no território estrangeiro. Parece existir uma tendência dos participantes de atribuírem a si a responsabilidade pelas expectativas não realizadas, especialmente nos momentos iniciais da interação. Em outras palavras, mesmo quando os participantes tiveram a oportunidade de manifestar insatisfação com alguma situação ou contexto específico, ou ainda, avaliar negativamente ou emitir uma crítica acerca da Alemanha e/ou dos alemães, eles demonstraram uma preferência de tomar a responsabilidade para si, pelo menos em parte, por suas frustrações e expectativas não realizadas. Contudo, é importante destacar que o participante B3, desde a primeira gravação 2013MuBr01, faz declarações e emite opiniões mais polêmicas, tendendo a adotar uma postura mais séria e rigorosa, em comparação ao posicionamento e desenvoltura dos demais participantes, ao discorrer sobre os tópicos propostos pelos cartões de eliciação. Os estudantes destacaram certo desapontamento em relação ao aprendizado e ao uso proeficiente da língua – verbos, casos e partículas – a dificuldade para conhecer pessoas novas e criar laços de amizade duradouros e, além disso, a participante B4 apontou a sua incapacidade de “desmentir o clichê ” de que na Alemanha as pessoas são “diferentes e frias”.

Em relação à postura dos estudantes durante a interação, é possível observar que os participantes procuram manter a autoimagem através de estratégias comunicativas verbais, não verbais, prosódicas e paraverbais. A análise realizada nesse trabalho aponta para a tendência à não discordância e/ou dissociação entre os interactantes, em especial, a partir da relação entre o silêncio conversacional e a face dos participantes. Assim, o silêncio, enquanto estratégia de polidez, é endereçado a fim de proteger a face positiva dos participantes, incluindo o “desejo de ser ratificado, entendido, aprovado ou, querido ou admirado”³⁵ (BROWN E LEVINSON, 1987 [1978], p. 311).

As próximas seções são dedicadas à apresentação e à análise das categorias social, discursiva, cognitiva e afetiva de silêncio.

4.4. As Categorias De Silêncio

Nesta seção serão apresentadas as análises realizadas de acordo com as diferentes categorias de silêncio propostas neste trabalho. Serão mostradas as classificações dos tipos de silêncios encontrados durante as interações em suas relações com outros elementos verbais,

³⁵ Do original: “[...] includes the desire to be ratified, understood, approved of, liked or admired”.

paraverbais e prosódicos que demonstraram alguma influência na manifestação de pausas e silêncios, bem como para a expressão da polidez.

4.4.1. Categoria Cognitiva

Analisar as pausas e lacunas conversacionais, relacionando-as às atividades cognitivas e de processamento de fala tem sido o foco de interesse nos trabalhos desenvolvidos por diversos teóricos (GOLDMAN-EISLER, 1968, 1972; GROSJEAN; GROSJEAN; LANE, 1979; BUTTERWORTH, 1980; GOODWIN, 1981, 1986; BULL e AYLETT, 1998) e em diversas áreas, como a neurolinguística, a psicolinguística, a análise do discurso, aprendizado de segunda língua, entre outras. Em 1972, Goldman-Eisler observou que “os índices de pausa eram significativamente mais altos durante as interpretações do que durante as narrações” (GOLDMAN-EISLER, 1972, p. 105 *apud* MARCUSCHI, 2015, p. 66), corroborando com a noção que, quanto maior a familiaridade do falante com o conteúdo enunciado, menor a ocorrência de pausas.

O trecho a seguir apresenta a primeira contribuição após a leitura do cartão, feita por B2, sobre uma das questões do quarto cartão de perguntas “Como é a relação entre estudantes na universidade alemã” (ver Tabela 5).

Excerto (3): A relação acadêmica dos alemães 2014MuBr02 ((09:15 – 10:02))

001 B3: <<lendo> e como (.) a relação entre estuDANtes;>
 002 <<lendo> e entre (.) estuDANTE e profes?sor.>
 003 como É essa relação;=né?
 004 (1.2)
 005 B3: <<rindo> foi exatamente o que a gente acabou
 de comentAR;>
 006 B1: [((ri))]
 007 B2: [((ri))]
 008 B3: [((ri))] [°hh é.]
 009 B4: [ah mais ou MENos.]
 010 B2: [<<all> é (eu) acho> que][dá pra acrescentAR;]
 011 B1: [↓é:.]
 012 B3: [((sorri))] [((sorri))]
 [ÉH:.]
 013 B2: [alg] <<all p> algumas coisas do tiPO;>
 014 °hh AHM:-
 015 (1.1) eu acho que a relação ENtre os estudantes;=aTÉ::
 °h ti é uma (.) co ((pigarreia)) tipo ?ENTre-
 016 (--) entre aluno e profesSOR;

017 (1.5) °hhh é (.) eu Acho que tem a ver com Isso;;
 018 de evitar conFLI:tos,
 019 (-) então por eXEMplo;
 020 ahm: (.) os aLUnos;=
 021 =é que eles (--) eles têm (-) uma consciÊNcia maior;
 022 de QUE::;
 023 <<p> pois é eu nem> eu nem ↓SEI.
 024 °h mas tipo asSIM;=
 025 =eles (-) talVEZ tenham;;
 026 (1.2) um sEnso crítico maior;=
 027 = sabe com relação ao que é passado nas Aulas eu não SEI.
 028 °h (-) tipo de questionar os professores de iGUAL
 para igual;
 029 quando eles tem que ser questioNA:dos,

Neste excerto (3), com duração de 47 segundos, observa-se precisamente 19,11 segundos (40,66%) de pausas, incluindo aqui os movimentos de inspiração. Também nota-se outras formas de manifestação hesitativas que atuam igualmente como preenchedoras de pausas, como, por exemplo, os prolongamentos vocálicos (linhas 011, 012, 017, 018, 022, 025 e 029), as expressões não lexicalizadas *ahm:* (linhas 014 e 020), os fragmentos lexicais *ti é uma (.) co* (linha 015) e assim por diante. De modo geral, todos esses elementos ilustram a dificuldade que B2 tem de expor sua opinião.

Após a leitura do cartão de eliciação, linhas 001 a 003, ocorre uma pausa de 1,2 segundo na linha 004, seguida de um metacomentário de B3 na linha 005 sobre o fato de os participantes já terem discutido o tema *foi exatamente o que a gente acabou de comenTAR;* o que é ratificado pelas risadas dos participantes B1, B2 e B3. No entanto, B4 discorda da ideia de que os participantes tenham, de fato, conversado a respeito das questões abordadas no cartão. Logo, a participante emite um metacomentário dissociativo *ah mais ou MEnos*, na linha 009, que serve à organização e manutenção interacional, sinalizando o desejo da participante em assegurar que todas as questões eliciadas sejam devidamente respondidas.

Na sequência, o participante B2 toma o turno nas linhas 010 e 013 com contribuições metacomunicativas “entre-postas” (TECHTMEIER, 2001 *apud* SCHRÖDER, no prelo, p. 9) *é (eu) acho> que dá pra acrescentAR / algumas coisas do tiPO a fim de criar um elo de harmonia entre os participantes, entendendo que mesmo já tendo comentado o assunto, é possível trazer outras contribuições à conversa, em uma postura colaborativa. Desse modo, B2 dá início à sua sequência (linha 014), mas o faz com significativa oscilação, quando após*

uma inspiração audível, exprime um *ahm:*, que segundo Marcuschi (2015, p. 53) é uma ocorrência quase sempre alongada, preenchedora de pausas e que representa um dos “sons [preferenciais] de alta frequência no português, especializados como hesitativos”. O participante segue evidenciando certo esforço cognitivo ao delinear sua trajetória de fala, demorando 1,1 segundo para preencher seu turno (linha 015) e atrasando sua contribuição.

Ora, o que se observa ainda na linha 015 é a projeção de fala de B2, ao dar pistas de que suas próximas contribuições versariam sobre a relação que os estudantes alemães mantêm entre si. No entanto, B2 suspende esse projeto de fala e passa à relação professor-aluno, linhas 016 e 017 e, novamente, antes de etiquetar seu posicionamento, as contribuições de B2 são permeadas por hesitações e silêncios, sendo a pausa intraturno de 1,5 segundo bastante significativa nesse contexto. Assim, para avaliar determinados comportamentos, o falante B2 sente-se impelido a reformular seu tópico, o que frequentemente acarreta em acúmulos de pausas e hesitações no início dos turnos entonacionais (ROCHESTER, 1973). Esse reprocessamento possibilita a B2 mudar o foco de suas contribuições, que passam, então, a ser sobre a relação professor-aluno, a qual, supostamente, parece ter mais aspectos positivos a serem suscitados na visão do participante, a exemplo do entendimento de que os alemães tendem a evitar conflitos (linha 018) e presumivelmente são mais conscientes e possuem maior senso crítico (linhas 021, 026 e 028).

Ademais, há no excerto várias marcações metacomunicativas (SCHRÖDER, no prelo; MARCUSCHI, 2015), que indicam igualmente planejamento cognitivo. As diferentes ações expressas nas linhas 007 – eu Acho que tem a ver com Isso –; L023 – <<p> pois é eu nem> eu nem ↓SEI. – e L27 sabe com relação ao que é passado nas Aulas eu não SEI. – assinalam uma considerável variação entre aquilo que o participante procura descrever, como se dá a relação acadêmica entre alemães, e suas observações pessoais a respeito disso. Nota-se ainda que B2 não manifesta abertamente sua opinião sobre o tópico em questão e que as frequentes modalizações, feitas a partir de acúmulo de marcadores conversacionais³⁶ tipo / pois é eu nem / tipo asSIM (linhas 013, 015, 023, 024 e 028) e expressões metacomunicativas como eu nem/não ↓SEI (linhas 023 e 027) corroboram com o entendimento de que o participante buscava distanciar seus comentários de uma visão generalizadora e estereotipada a respeito dos alemães.

³⁶ Segundo Marcuschi (2015, p. 55) o fenômeno dos marcadores discursivos acumulados pode ser difícil de ser identificado, já que facilmente são confundidos com outras manifestações hesitativas. “Trata-se de marcadores que formam conjuntos que se acumulam num certo momento e realizam-se com marcas prosódicas típicas.”

O turno <<p> pois é eu nem> (linha 023) é prosodicamente marcado pela mudança de volume, feito em tom mais baixo que o habitual e acompanhado de um pulso entonacional descendente, aponta o desconcerto do participante, sendo reforçado pelo marcador metacomunicativo que expressa sua dificuldade eu nem ↓SEI. Segundo Schröder (no prelo), as ações metacomunicativas também atuam como reguladores de opiniões e servem à manutenção ou ganho da face durante o curso da interação.

Somado a isso, o que se observa nos exemplos supracitados é a tentativa de B2 de processar e planejar momentaneamente seus turnos, a fim de manter sua face positiva, quando esse busca empregar as subestratégias ‘moderar opiniões’ e ‘retomar parte do que foi dito pelos interlocutores’ (cf. Seção 2.5), arriscando a realização dos FTAs. Ilustrativa aqui é a sequência que ratifica uma ideia – tem a ver com Isso de evitar conflitos – em sinal de afiliação a um comentário feito minutos antes por B4 durante a interação e em conformidade com os demais participantes que previamente haviam concordado com essa opinião.

Com efeito, a análise do silêncio cognitivo em sua relação com outros fenômenos relacionados ao planejamento e processamento linguístico, a exemplo da hesitação, incluindo aí os prolongamentos vocálicos e as expressões hesitativas tais como “éh”, “hm”, “ah”, pode contribuir para o entendimento de atitudes comunicativas e extracomunicativas que são criadas e gerenciadas durante a interação. Ainda que o índice de 40,66% de pausas em relação à duração total do segmento (47 segundos) não se limite às ocorrências de pausas cognitivas, este valor é expressivo e aponta para a relevância de pausas no desenvolvimento da sequência.

Para Marcuschi (2015, p. 50), é preciso levar em conta a importância da hesitação no plano do processamento, uma vez que o fenômeno também desempenha papéis formais, cognitivos e interacionais. O mesmo autor (2015) ainda pontua que assim como os silêncios, os marcadores conversacionais, os reparos e outros materiais linguísticos, a hesitação não é uma ocorrência aleatória e desse modo segue alguns princípios gerais de organização e distribuição da fala, podendo atuar como indicador da organização conversacional (op cit, p. 50).

Vale destacar que há, em ambas interações eliciadas entre brasileiros, diversos momentos em que as pausas e silêncios cognitivos surgem como expediente conversacional, especialmente em momentos em que os participantes desejam ou precisam etiquetar pontos de vista e perspectivas a respeito das diferenças interculturais. Dessa forma, o atraso no planejamento, somado a outros materiais, tais como a hesitação e as pausas preenchidas por

prolongamentos vocálicos, apontam para a consciência dos participantes ante situações e momentos em que possam surgir contrastes e dissensões.

No exemplo a seguir, extraído da primeira filmagem, B2 está tomando o turno a si a fim de posicionar-se em relação ao comentário sobre cumprimentos e contatos sociais. Sua sequência ocorre pouco depois de B3 ter lido o cartão de eliciação (ver tabela 3 e 9) cujas questões versavam sobre diferenças culturais e o modo como os participantes se relacionam com elas. Curiosamente, pouco antes da leitura desse cartão, os participantes falam sobre expressão de afetividade e utilizam, para fins de exemplificação, os cumprimentos. B4 faz uma contribuição em tom jocoso sobre uma situação hipotética em que se deve abraçar ou dar um aperto de mão a um alemão visitante recém-chegado. Em seguida, B2 reporta seu constrangimento em não saber distinguir em quais situações se deve abraçar ou dar um aperto de mão a um alemão. A sequência exibida a seguir (excerto 4), no entanto, diz respeito aos comentários que surgem após a leitura do cartão e, dessa forma, B2 estabelece uma referência anafórica com o que ela havia dito instantes antes.

Excerto (4): Hábitos culturais que se diferem 2013MuBr01 ((27:19 - 28:27))

001 B2: [e é is isso que eu faLEI também:.]
 002 B3: [((ri))]
 003 B2: éh: (.) eu (-) eu tô liDANdo dessa forma também.
 004 tô obserVAN:do quando eu faço alguma coisa diferEnte
 e vejo como as pessoas reAgem.
 005 B3: [hm;]
 006 B4: [HM hm,]
 007 B2: iGUAL (.) quando eu ia cumprimentar muitas vezes
 assim (.) abraçAn:do;
 008 (.) e aí eu aí: (-) aí depois eu comecei
 a cumprimentar <<gesto de dar a mão> asSIM (.) também>;
 009 B5: Ahã,
 010 B2: e depois eu (-) e aí depois eu não saBIA;
 011 ah será que eu manTENho;
 012 [ou será que eu MU:do;]
 013 B3: [((ri))]
 014 B4: [HM hm;]
 015 B2: (--) mas aí eu comecei a perceBER;
 016 que quando cumprimentava de abraçANdo da dando beijInhos;
 017 as pessoas riam e já comecavam a ficar mais (-)
 SOLtas assim,
 018 [entenDEu (--) e eles não Acham]

019 B5: [eu uso ISSo como um quebra gelo também Assim-]
020 B2: [ruIM então,]
021 B5: [HM hm,]
022 B2: eu acabei mantENDO Isso.
023 [<<pp> e: ÉH>;]
024 B5: [sim.]
025 B4: [HM hm][hm hm,]
026 B5: [é.]
027 B2: <<dim> na maioria das VEzes>;
028 [então eu acho que é Isso (-) é observar se::;]
029 B5: [acho que é <<gesto aspas no ar> um poder espeCIAL do brasileiro.>]
030 B2: [se: (.) se é bem aceito ou NÃO;>]
031 B3: [((ri))]
032 B5: [((ri))]
033 B2: → porque: (--) eu eu ↑NÃO tenho vontade aqui de que
manter um costume que eu tEnho,
034 B4: hm hm;
035 B2: → (1.3)que::: (-) eles acham que é mal educado ou
alguma coisa asSIM-
036 B4: [HM hm;]
037 B5: [HM hm;]
038 B2: → (0,8) se eu perceber que eles Acham isso eu vou
tentar muDAR,
039 igual (-) <<rindo> assoar naRIZ por exemplo.>
040 B3: [ah:::;]
041 B5: [<<sorrindo> isso eu NUNca consigo.>]
042 B4: [((ri))]
043 B2: [eu 'Ainda NÃO consegui.]
044 B3: [mas: (.) NOSSa:.]
045 B4: [((olhando para a câmera))]
046 B2: (0.7)[assoar o nariz em PÚBLico.]
047 B5: [Ahã (.) hehe,]
048 B2: mas eu (.) eu JÁ repareI que toda vez que fico
assim- ((imitando ação de fungar))
049 Eles ficam::;
050 B5: Eles VÃO te dar papelzinho.
051 B2: [incomoDADOS.]
052 B4: [((incompreensível, 1.2s))]

Como mencionado anteriormente, o trecho acima apresenta uma das sequências em os participantes discutiam as manifestações das diferenças culturais e quais seriam as

melhores formas para se relacionar com elas (ver tabela 03). Este excerto (4) possui 68 segundos de duração, com precisamente 29,6 segundos de pausas, que correspondem a 43,53% do tempo total do excerto, incluindo aqui os prolongamentos vocálicos, que são representativos nas manifestações de hesitação e que, nestes casos, atuam como preenchedores de pausa.

A participante B2 dá início a sua contribuição, produzida com entonação de listagem narrativa, ou seja, seus turnos narram os fatos ocorridos sequencialmente com entonação repetitiva³⁷ (linhas 003, 004, 007, 008, 010 – 012, 015, 017 e 022) servindo à indicação de quais passos e procedimentos ela tem adotado quando se depara com uma situação em que é necessário adaptação ou aprendizagem cultural. A sequência de B2 tem como pontos principais os cumprimentos e as atitudes e/ou posturas sociais alemãs que se diferem dos hábitos brasileiros e, conseqüentemente, exigem dos participantes maior atenção e reflexão ante o processo de adaptação no qual se encontram.

Os momentos em que a participante conclui sua narração e passa às justificativas e reflexões são expressivos para a compreensão do funcionamento das pausas cognitivas no excerto, uma vez que ilustram, em uma sequência que expande os turnos e atrasa o que de fato parece chamar a atenção da participante, sua preocupação em não dar mostras de impolidez ou falta de educação:

- 033 B2: porque: (--) eu eu ↑NÃO tenho vontade aqui de que
manter um costume que eu tEnho,
- 034 B4: HM hm;
- 035 B2: (1.3)que::: (-) eles acham que é mal educado ou
algumas coisa asSIM-
- 036 B4: [HM hm;]
- 037 B5: [HM hm;]
- 038 B2: → (0,8) se eu perceber que eles Acham isso eu vou
tentar muDAR,

Ora, o que se observa nesses trechos (linhas 033 a 038) são ocorrências de pausas significativamente maiores, se comparadas aos momentos em que a participante apenas narra situações isoladas e aparentemente mais comuns e recorrentes, sem precisar emitir uma avaliação a respeito disso, como se observa nas linhas 007 e 008:

- 007 B2: iGUAL (.) quando eu ia cumprimentar muitas vezes
assim (.) abraÇAN:do;
- 008 (.) e aí eu aí: (-) aí depois eu comecei
a cumprimentar <<gesto de dar a mão> asSIM (.) também>;

³⁷ Ver Selting (2000, 2010) sobre entonação de listagem.

Conclui-se, então, que geralmente, os relatos anafóricos expressos com apreciações, etiquetamentos e metacomentários utilizados para endossar o ponto de vista exigem mais atenção à formulação dos turnos de fala e, conseqüentemente, demandam certo esforço cognitivo da participante, acarretando em maior incidência de pausas.

4.4.2. Categoria Discursiva

Frequentemente, em termos linguísticos, a literatura que versa sobre o silêncio o define segundo suas funções de organização, estruturação e até mesmo de mapeamento das sequências conversacionais, a exemplo das pausas que atuam como sinal de lugar relevante para a transição de turno (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; MARCUSCHI, 2003 [1986]). Esses indícios podem colaborar para o processo inferencial dos falantes, indicando de que modo eles produzem, interpretam e analisam as contribuições feitas por si mesmos e por outros durante a conversa.

Assim, vale retomar à noção de que estrutura interna da conversa é organizada em uma série de turnos que se combinam e/ou se alternam para formar unidades superiores – sequências ou pares adjacentes – descrita por vários autores que se dedicaram à análise da conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; MARCUSCHI, 2006 [1986]; GARCEZ, 2002b; SIDNELL, 2010). Conforme observam estes autores, apesar de existirem sequências altamente padronizadas, nem sempre há uma distribuição regular dos turnos, pois a atividade conversacional não está sujeita somente às regras sintáticas da língua (LEVINSON, 2007 [1983], p. 372), mas principalmente à sintaxe sociocultural e não linguística (COULTHARD, 1977; LEVINSON, 2007 [1983]; MARCUSCHI, 2006 [1983]). Com efeito, frequentemente estas estruturas se sobrepõem ou não começam no tempo esperado (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), ocasionando lacunas, lapsos e silêncios que são entendidos como constituintes da interação, sendo, portanto, definidos como silêncios discursivos. Quando identificados nesta categoria, por vezes, os silêncios podem assumir as seguintes funções: distribuição por turnos, resposta despreferida, erros de coordenação, revitalização da conversa, mudança (brusca) do tópico em curso, chamada de atenção etc.

Há ainda autores (cf. CAMPOS, 2010; CESTERO; ALBELDA, 2012; FERNÁNDEZ; GUERRERO, 2014) que entendem que os silêncios pertencentes à categoria discursiva estão relacionados às características paralinguísticas cujas funções servem para expressar, indicar ou reforçar nossas intenções comunicativas. Segundo estes teóricos, os silêncios discursivos servem a funções diversas, tais como ironia, justificativas e explicações

das formulações de fala, intensificação de partes do conteúdo conversacional, reparo, e até mesmo efeito de humor.

Com relação ao tamanho e duração das pausas discursivas, o que se observa em ambas interações são a tendência para preenchimento e a minimização de suas ocorrências, especialmente nos possíveis LRT ou possíveis locais de completude dos turnos, em acordo com observações de vários autores que se atentaram ao tema (SACKS, 1974; JEFFERSON, 1989; MARCUSCHI 2003 [1986]; CONTRERAS FERNÁNDEZ, 2008; STIVERS *et al.*, 2009; HOEY, 2015; KENDRICK, 2015). Em 2009, Stivers e outros realizaram uma pesquisa para investigar o tempo de ação para perguntas de tipo ‘sim/não’ em um *corpus* cross-linguístico que incluía falantes de japonês, dinamarquês, holandês, inglês, coreano, italiano etc. Os autores então postularam que os padrões de tempo e tamanho das pausas, lacunas e silêncios conversacionais apresentam características que apontam para a universalidade do fenômeno, ainda que entre as dez línguas investigadas existam diferenças na duração média das pausas entre-turnos.

Ora, o que os autores chamam a atenção diz respeito à tendência observada em todas as línguas investigadas de os participantes procurarem minimizar tanto sobreposições quanto pausas e lacunas, especialmente as longas, entre os turnos de fala (STIVERS *et al.*, 2009, p. 10587-10588). Tais observações, por sua vez, ratificam o postulado de Sacks *et al.* (1974) sobre o fato de os participantes evitarem ao máximo as lacunas e as sobreposições de fala durante uma interação, em turnos que apresentam precisão no tempo da execução.

No excerto apresentado a seguir, os participantes são instigados a falar sobre diferenças culturais e possíveis aspectos positivos relacionados à expressão desta diversidade. A pergunta é recebida com tom de gracejo e até mesmo com algumas expressões de constrangimento e gafe. Os participantes compartilham vários turnos de risadas sobrepostas e o planejamento dos turnos conversacionais é permeado por pausas, resultando em atraso para a narrativa de B2. Uma vez que o tópico ‘diferenças culturais’ parece suscitar nos participantes a noção de que todos poderiam trazer à interação um evento/experiência comum, B4 sugere aos participantes relatar o episódio da sofrida derrota da seleção brasileira contra a seleção alemã, na semifinal da copa do mundo de 2014, nas palavras de B2 – “o fatídico 7x1”.

Excerto (5): O fatídico 7x1 2014MuBr01 ((17:51 - 18:36))

001 B4: é:: (.) qual sua experiência aGOra.
 002 existem diferenças cultuRAIS?
 003 lado posiTIvo,

004 B2: ((ri))
 005 B4: como se exprImem.
 006 como liDaram com elas.
 007 → (1.4) <<p> como liDAR.>
 008 B2: [como liDAR.]
 009 B3: [°h;]
 010 B1: [((sorri))] [((sorri))]
 011 B4: [((sorri))] [((sorri))]
 012 B2: [((sorri))]
 013 B3: [bom.]
 014 → (2.0)
 015 B4: [<<sorrindo> 'SIM exIstem diferenças culturais,>]
 016 B2: [((sorri))][<<sorrindo> vimos TERça;>]
 017 B1: [((sorri))][((sorri))][((sorri))]
 018 B3: [((sorri))][((sorri))][<<sorrindo>]
 [(-) ah é verDAde né,>]
 019 B4: [((ri))][NOSsa se eu começar a falar de tERça,]
 020 B2: [((sorri))]
 021 B3: <<sorrindo> NOSsa (.) nem tinha pensado nisso.>
 022 → (0.8)
 023 B2: <<pp> mas É;>
 024 B4: como se exPRImem.
 025 vamo dar um do dar um exemplo de [TERça então.]
 026 B2: [ah É;;]
 027 [ah.]
 028 B3: [uhm.]
 029 B1: [((sorri))]
 030 B2: [((sorri))]
 031 B3: [((sorri))]
 032 B2: <<sorrindo, endereçando a B2 com a palma da mão para cima>
 hm cê quer faLAR->
 033 B4: <<cobrindo o rosto com a mão> ah pode (-)
 tá vamo (.) cês me aJUdam Então.>
 034 → (1,0)
 035 B2: → (--) bom terça-
 036 B4: ((ri))
 037 B2: FEIra;= °h;
 038 [fatídico <<rindo> !JO!GO!;!;>]
 039 B1: [((ri e cobrindo os rosto com uma mão))]
 040 B3: [((sorri e coça a cabeça))]
 041 B4: [abaixando e cobrindo os rosto com as mãos> AH:: não:::.>]

042 B2: [<<rindo> brasil aleMA:nha;>]
 043 B4: [((sorri, cobre o rosto com a mão))]
 [((depois passa a mão no cabelo))] [histÓrico,]
 044 B2: [((sorri))]

O excerto acima apresenta o momento em que é feita a leitura do segundo cartão de eliciação – “Qual é a sua experiência agora? Existem diferenças culturais? Lado positivo, como se exprimem?”. Os participantes reagem à pergunta com surpresa e em tom de divertimento, com várias muitas manifestações de gracejo, tais como cobrir o rosto com a mão em sinal de vergonha ou constrangimento, exclamações responsivas (*response cries*), e principalmente, muitas risadas compartilhadas.

O trecho possui 44 segundos de duração, sendo que 25,55 segundos, ou seja, 58,07% do valor da duração total, são compostos por pausas *preenchidas* e *não preenchidas*, as quais correspondem, pontualmente a 9,55 segundos de pausas *não preenchidas*, que equivalem a 21,70% em relação ao valor total do excerto, 0,35 segundos de movimentos respiratórios audíveis (0,8%) e 15,65 segundos de prolongamentos vocálicos, os quais correspondem a 35,57% do valor total.

Após a leitura da pergunta, a exemplo do que ocorre após discutirem a primeira questão de eliciação, os participantes hesitam em tomar o turno diretamente a si. Há uma notória dificuldade em se estabelecer quem e o que de fato será dito num primeiro momento, o que justifica o aparecimento de turnos cujas contribuições visam somente preencher as pausas, a partir das repetições de partes da pergunta (linhas 007, 008, 015, 024).

Em seu estudo sobre estilos conversacionais, Tannen (1987, p. 599) afirma que tanto a repetição quanto a hesitação marcada por pausas *preenchidas* ou *não preenchidas* são percebidas negativamente pelos interactantes durante a conversa. Contudo, a repetição, em vez da hesitação, a exemplo dos turnos de B4 e B2 (linhas 007, 008, 015), permite ao falante adquirir e aumentar a fluência conversacional, o que segundo Tannen (1987, 2005) parece ser uma estratégia preferida em culturas que valorizam a verbosidade e atribuem valor positivo ao fluxo contínuo de fala na conversa, tais como a brasileira, a francesa, a espanhola etc. (HERNÁNDEZ-FLORES, 2002; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; CONTRERAS FERNÁNDEZ, 2008).

Com efeito, a primeira contribuição que visa responder à pergunta do cartão de eliciação é feita por B4, na linha 015, cuja UE produzida em tom ascendente, emite uma resposta de tipo despreferido, a ironia, com pouco valor informacional, marcada pelo uso da partícula *‘SIM*. Uma vez que o uso deste termo afirmativo é pouco recorrente no português

falado,³⁸ seu emprego especificamente nesta unidade entonacional parece denotar humor e postura irônica da participante, sugerindo previsibilidade em relação à pergunta.

Somado a isso, há ainda o entendimento de que os silêncios de natureza discursiva e com função de estruturamento conversacional muitas vezes possuem a função de marcador de resposta de tipo despreferido, em situações em que os falantes recorrem às pausas como segunda parte do par conversacional do tipo ‘pergunta/resposta’ durante a interação (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; POMERANTZ, 1984; LEVINSON, 2007 [1983]). Desse modo, conforme aponta Levinson (2007 [1983], p. 372, 390) o atraso na produção do turno, sugere que a contribuição do falante não corresponde à expectativa conversacional engendrada pela pergunta – aqui representada pela contribuição imediata na segunda parte do par pergunta de narrativas que corrobore para o entendimento de como se manifestam as diferenças interculturais.

As pausas observadas nas linhas 007, 014, 022, 034, 035, por sua vez, correspondem às pausas discursivas que emergem ao final dos enunciados e nas lacunas entre os turnos de fala, atuando como marcador limítrofe da sentença. Ora, nesses casos, o que também se nota são a distribuição e o gerenciamento de fala pelos próprios participantes.

Além das risadas compartilhadas, B2 e B4 assumem um alinhamento maior que o dos demais participantes; e conforme pode ser observado no trecho acima, a estudante B4 assume uma postura mais ativa, selecionando o colega B2 para tomar o turno e relatar o episódio conhecido e vivenciado por todos, o jogo em que o Brasil foi eliminado pela Alemanha, com o pior placar da copa de 2014 e, conseqüentemente, da história da seleção brasileira. Esse é um dos raros momentos em que um participante seleciona diretamente o próximo falante com um turno de fala; os outros poucos raros episódios de tais ocorrências são feitas em turnos de reparo, como, por exemplo “pode falar”, após uma sobreposição, ou ainda, “desculpa, eu te cortei/interrompi” etc.

Adicionalmente, a expressão do turno de B4 após uma significativa pausa de dois segundos marca a função do silêncio discursivo enquanto expediente intensificador, responsável por enfatizar determinados conteúdos das sequências (CESTERO; ALBELDA, 2012; FERNÁNDEZ; GUERRERO, 2014), como se observa a seguir:

014 → (2.0)

015 B4: [<<sorrindo> ‘SIM existem diferenças culturais,>]

³⁸ Segundo Castilho (2012), as confirmações ou desconfirmações de um fato podem ser expressas sem que o falante precise recorrer a nenhum operador especial. Desse modo, a resposta afirmativa “é dada habitualmente entre nós **pela repetição do verbo** nas respostas positivas”. (CASTILHO, 2012, p. 325, grifo nosso). Para mais informações sobre advérbios de afirmação, ver Castilho 2012.

Por fim, cabe destacar que a função do silêncio discursivo no excerto (5) acima visa igualmente contribuir para a iniciação e abertura do tópico conversacional sugerido pelo cartão de eliciação, em uma sequência que visa distribuir as contribuições, possivelmente assertivas, dos demais participantes acerca das diferenças interculturais.

4.4.3. Categoria Social

Classificar o silêncio em um estudo sobre fala-em-interação, sob um viés social, parece ser uma tarefa um pouco redundante. Em termos gerais, todas as categorias de silêncio apresentadas neste trabalho apresentam traços, características ou alguma relação com o sistema de convenção, princípios e valores sociais que os falantes praticam, aceitam ou recusam em suas interações diárias, por considerá-los convenientes e satisfatórios.

Por isso, compreender o funcionamento do silêncio em uma conversa, buscando identificar e interpretar os papéis que as pausas, as lacunas e os lapsos representam na interação pode contribuir para decifrar e ratificar algumas noções bem estabelecidas sobre o maquinário conversacional. Do mesmo modo, procurar entender de que modo o silêncio pode favorecer o entendimento de como os falantes constroem, afirmam e mantêm sua imagem social, de acordo com o contexto sociocultural e situacional, no qual estão inseridos.

Para Saviile-Troike (1985), o silêncio é parte integrante do quadro cultural de uma comunidade de fala, e desse modo, ao se pensar em uma teoria completa da comunicação é igualmente importante atentar-se tanto para a produção sonora quanto para o silêncio. Outros autores corroboram com os postulados de Saviile-Troike (1985) entendendo que apesar de representar uma importante característica da polidez (MILLS, 2003; SIFIANOU, 1997) e da regulação conversacional, de modo geral, o silêncio não tem recebido a devida atenção dentro das pesquisas linguísticas.

Apesar de reconhecer o carácter marginal do silêncio no campo dos estudos linguísticos, Verschueren (1980, p. 85) afirma que o silêncio não é apenas uma mera ausência de som linguístico, mas um elemento capaz de apresentar links contextuais e uma carga considerável de significados conversacionais, como ocorre com os valores sociais e os julgamentos que lhe são atrelados. Prova disto são as construções de estereótipos negativos atribuídos muitas vezes às pessoas que falam demasiadamente e sobrepõem incessantemente a conversa, limitando as oportunidades de fala de seus interlocutores; ou ainda, por outro lado, a ideia de que uma conversa com muitos silêncios é sempre uma situação constrangedora para as pessoas e representa falta de vínculo ou interesse entre os participantes. Ora, o que se observa nestes casos é disparidade na relação entre o (não) aparecimento das pausas, por

menores e mais insignificantes que estas possam parecer no primeiro exemplo, e seus possíveis impactos na atividade conversacional.

Vale lembrar ainda que muitas vezes, durante os encontros sociais, os participantes recorrem ao silêncio para evitar constrangimentos, imposições ou confrontos com os demais falantes. No entanto, como pode ser visto na análise do excerto (6) que será apresentada logo adiante, o silêncio também pode servir à gestão de tarefas, como a distribuição e a alocação de turnos de fala, conferindo aos interactantes diferentes oportunidades de tomar a palavra, durante a interação.

Com efeito, os silêncios que fazem parte desta categoria social são regidos por convenções situacionais, sociais e culturais, ratificando a noção postulada por Contreras Fernández (2008, p. 709, tradução livre) de que “o silêncio, enquanto parte de cultura de uma comunidade, não apenas regula a conversa, como também as relações sociais”.³⁹

4.4.3.1. *As entradas e as saídas da conversa eliciada*

Como dito anteriormente, durante uma conversa eliciada os participantes, muitas vezes, não podem recorrer a expedientes e ações rotineiras comuns à conversa ‘prototípica’. Não há, a exemplo de outras organizações conversacionais, clareza quanto algumas intervenções que visam contribuir tanto à dependência condicional quanto ao sistema de expectativas engendrado pela conversa (KERBRAT-ORECCHIONI, p. 52), como, por exemplo, cumprimentos seguidos de retribuição de cumprimentos, expressões votivas seguida de agradecimentos, e assim por diante.

De acordo com os pressupostos da AC (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; SIDNELL, 2010), as sequências de abertura e encerramento da conversa apresentam funções bem definidas acerca de seu funcionamento e tendem a ser mais ‘ritualizadas’ que as sequências centrais, expandidas, lateralizadas etc. Os cumprimentos iniciais em um encontro podem incluir materiais verbais como as expressões *olá, bom dia, como vai?* etc.; os agradecimentos e fórmulas votivas, *fico feliz que você tenha vindo, desejo-lhe um ótimo dia*; as manifestações de cordialidade, bem-estar e satisfação, como sorrisos, experimentados no encontro social; ou ainda a expressão de ações não verbais como acenos, meneio de cabeça, apertos de mão, abraços etc. Geralmente, as sequências de abertura conversacional servem à indicação do tipo de contato, físico, emocional, afetivo e/ou

³⁹ Do original: “El silencio, como parte de la cultura de una comunidad, no sólo regula la conversación, sino también las relaciones sociales.”

psicológico que está sendo criado entre os interactantes; sendo frequentemente decisivas para ‘dar o tom’ à troca conversacional que está sendo colocada em curso.

Excerto (6): O silêncio enquanto expediente de abertura do tópico 2014MuBr02 ((00:06 - 03:24))

001 B4: °h em comparaçãO com suas expectativas relacionAdas a sua
estadia na alemAnha;
002 ai: quais se realizAram;
003 e quais não se realizAram.
004 → (2.1)
005 B2: NOS:sa;
006 B3: diFícil.
007 B4: [oQUEI:.]
008 B2: [((ri))] é complicAdo.
009 → (0.5)
010 B3: expectativas que se realizAram <<olha para baixo,
011 pp> ou não se realizaram.>
012 (3.0)
013 B2: <<voz sibilante> ah:> hh°
014 B1: <<voz sibilante> ai:.>
015 B3: → eu diRIa:-
016 (-) que tem algumas coisas (-) <<f> a SErem> realizadas ainda;
017 (-) °h e:.
018 (-) não SEI.
019 (-) eu (.) por mais que tenha aprendido bastANTE
alemão nesses últimos mEses;
020 ainda acho que (.) tem [MUIto]pela frente.
021 B2: [é?]
022 B3: (-) °h [(-) tem MUIto pra exercitar.]
023 B4: [<<pp> é:.>]
024 é: essa questão da LÍngua,
025 eu não lembro o que que eu falei ANtes.=
026 B1: [((sorri))]
027 B2: [((sorri))]
028 B4: [=eu acho que JÁ achAva que um ano era pouco.]

Com efeito, o trecho (6) apresenta tempo total de 198 segundos; sendo 17.29 segundos de pausas não preenchidas, que correspondem a 8,73% do período total do excerto; 1,4 segundos de movimentos de inspiração e expiração (0,71%); além de 8,05 segundos de pausas preenchidas, equivalentes a 4,07% do valor total do período analisado. Somados, esses

fenômenos representam 26,74 segundos do trecho, os quais correspondem a 13,51% do tempo total do excerto (6).

O excerto (6) acima apresenta o início da interação, quando os participantes se reuniram para conversar, em caráter retrospectivo, questões de cunho intercultural. A leitura do primeiro cartão de eliciação é feita pela participante B4 (linhas 001 a 003). Nota-se, entre as linhas 004 e 015, a dificuldade dos participantes em iniciarem efetivamente o tópico conversacional e, desse modo, várias pausas, expressões hesitativas e repetições surgem na conversa, antecedendo o momento em que o participante B3 toma o turno a si, dando início a sua sequência conversacional.

No caso da conversa eliciada, as (pré-)aberturas das formulações e contribuições comunicativas não incluem saudações e *tokens* de identificação ou autoidentificação, a exemplo da regra de introdução de tópico feita ao telefone (cf. SCHEGLOFF, 1972, p. 354; MARCUSCHI, 2003 [1986], p. 58) com *alô?! – alô., tudo bem – tudo bom*, ou mesmo, no caso da interação face a face, os cumprimentos feitos com apertos de mãos, abraços entre outras combinações possíveis ao início de um encontro social. Sendo assim, os expedientes utilizados pelos estudantes para atrair a atenção uns dos outros, iniciar contato e dar mostras de engajamento e disposição para a conversa são os *tokens* mínimos com ‘exclamações responsivas’ (*response cries*; GOFFMAN, 1981, p. 100 *apud* SCHRÖDER, no prelo) ou repetições da pergunta, que prolongam a sequência inicial e atrasam a decisão de quem será o primeiro a emitir sua contribuição. Saliente-se ainda que estes atrasos e prolongamentos podem ser vistos como mais oportunidades de distribuição de fala para os participantes tomarem o turno a si no início da conversa.

Desse modo, as tanto as unidades entonacionais que aparecem no início do excerto (6), como a exclamação responsiva (*response cry*) NOS:sa, na linha 005; os *tokens* avaliativos, diFÍcil / é complicAdo, nas linhas 006 e 008; e as repetições expectativas que se realizAram / ou não se realizaram, nas linhas 010 e 011, apontam para as pressões de ordem comunicativa às quais os falantes estão sujeitos durante a interação e que fazem com que eles adiem seus projetos de fala. Portanto, as pausas que emergem nas linhas 004, 009 e 012 podem ser atribuídas à categoria social, assinalando ainda a manifestação de polidez dos participantes:

004 → (2.1)
 005 B2: NOS:sa;
 006 B3: diFÍcil.
 007 B4: [oQUEI:.]

008 B2: [((ri))] é complicAdo.
 009 → (0.5)
 010 B3: expectativas que se realizAram <<olha para baixo,
 011 pp> ou não se realizaram.>
 012 → (3.0)

Diferentemente do que se observa na categoria cognitiva de silêncio, os atrasos, as repetições, as hesitações e as pausas preenchidas que ocorrem no excerto (6) não configuram ou refletem dificuldades de planejamento cognitivo dos participantes (GOLDMAN-EISLER, 1968, 1972; BULL; AYLETT, 1998) ou ainda problemas de compreensão dos falantes (BENUS; GRAVANO; HIRSCHBERG, 2011). Ao contrário, aqui, tais fenômenos apontam para questões de gerenciamento e criação da harmonia na conversa em seus minutos iniciais. Nota-se que as pausas deste trecho atuam como distribuição das oportunidades de falar pelos participantes, indicando a tendência de os falantes postegarem a tomada de turno, em sinal de afiliação. Ora, isso quer dizer que a decisão de quem fala primeiro também pode ser problematizada do ponto de vista da polidez linguística, uma vez que a tomada imediata do turno pode ser interpretada pelos demais participantes como um sinal de que o falante não está disposto a aguardar ou ainda que não pode esperar pela tomada de decisão dos demais. Conseqüentemente, um falante que se comporta desse modo pode ser considerado rude, indiferente ou insensível.

Contudo, vale ressaltar que a presença de pausas após as perguntas não é uma característica mandatória para expressão de polidez, uma vez que não existem regras, especialmente no caso da fala eliciada, sobre quem deve ser o primeiro a contribuir para a conversa. Todavia, a tomada de turno e a produção de uma resposta imediata à leitura do cartão poderiam soar como uma precipitação por parte do participante, ou ainda, uma ameaça à face dos demais, configurando a realização de um FTA (*face threatening act*). Dito de outro modo, a ação de tomar o turno de fala a si, ignorando o cenário de que outros participantes pudessem ou desejassem falar antes, pode ser entendido como um sinal de que o falante não se atentou para o grupo e não prezou pela harmonia da interação, agindo de forma assertiva, dominante e desrespeitosa.

A fim de evitar este conflito de gerenciamento da harmonia na interação, os estudantes desta interação recorrem ao que Marcuschi (2003 [1986], p. 57) definiu como sequência *ecóica* difícil. / é complicAdo. (linhas 006 e 008) quando os participantes tiveram a oportunidade de emitir contribuições, ainda que mínimas, em vários turnos distributivos de fala, em sinal de polidez. Além disso, as contribuições mínimas produzidas entre as linhas 005 e 008, dialogam com as ideias de Benus et. al. (2011, p. 3003) em uma

pesquisa que investiga o tempo de resposta em turnos iniciais, feitos por uma só palavra (*single word grounding responses – SWGR*) ou com preenchedores de pausas, como *mmhm*, *okay*, *éh* ou *hm uhm*. Segundo estes autores, tanto as SWGR quanto os preenchedores participam da criação de um espaço comum na interação, podendo ainda servir às funções pragmáticas de retorno, acordo ou reconhecimento, ratificando o entendimento dos movimentos conversacionais que ocorrem no excerto 6.

Já as sequências de encerramento servem à notificação e à organização da retirada da conversa e, em geral, incluem os anúncios prévios que sinalizam a intenção de se retirar do encontro da maneira mais suave, harmônica e organizada possível, ou ainda, através de expressões que permitam aos falantes fazerem uma avaliação positiva do momento, retomarem parte do que foi dito para sintetizar o encontro, estabelecerem planos de continuidade à conversa em outro momento, expressarem gratidão, fazerem votos etc.

Ora, se o fechamento das conversas telefônicas já foi apontado como uma atividade problemática para a comunicação (MARCUSCHI, 2003 [1986]), p. 59), a saída da interação face a face, por sua vez, é ainda mais complicada e exige frequentemente dos participantes várias sequências para (1) sinalizar o desejo ou necessidade de finalizar o encontro; (2) projetar as saídas das conversas, seja com resumo e/ou apreciação do momento, ou ainda sinalizando a transferência do encontro para um outro momento, agradecimentos etc.; (3) criar várias e regularmente extensas seções de despedidas, com muitas repetições. Logo, no contexto da conversa eliciada, as atividades de encerramento tornam-se ainda mais difíceis e, por vezes, embaraçosas para os falantes.

Segundo Schegloff e Sacks (1973), concluir a conversa é sempre uma atividade trabalhosa e complicada. Para esses autores, a ação de encerramento conversacional é quase sempre uma atividade incerta, pois é difícil identificar em quais momentos a conversa pode e deve ser interrompida, sem que haja a percepção de silêncios e ao mesmo seja possível estabelecer em que ponto é possível marcar um encerramento organizado e consentido pelos participantes (SCHEGLOFF; SACKS, 1973, p. 73). Por conseguinte, as seções de encerramento e saída da conversa quase sempre são prefaciadas com marcadores conversacionais que indicam a disposição para a conclusão da conversa e também com sequências de *pré-fechamento*.

Posto isso, a sequência (7) a seguir mostra os minutos finais da interação 2014MuBr, quando os participantes relatam quais foram os mal entendidos aos quais estiveram sujeitos durante o período de intercâmbio e de que forma eles lidaram com tais situações. Para maior compreensão do trecho de encerramento conversacional, é necessário retomar à sequência

narrativa de B3, cujo contexto da narração relata uma experiência negativa do participante com duas colegas alemãs, o que segundo B3 foi uma de suas piores experiências na universidade estrangeira. O episódio contado pelo participante B3 ocorre após a fala de B4, quando a participante afirma não ter vivenciado nenhum mal entendido com os alemães. Então, B3, passa à narração do evento problemático, em uma sequência dissociativa e de produção extensiva. Essa sequência também apresenta várias metaenunciações (HILGERT, 2014; SCHRÖDER, no prelo), que muitas vezes servem à polidez, como expediente de explicação, desculpas ou justificativas à experiência e ao comportamento deste participante.

Excerto (7): A pior experiência de B3 – narrativa que antecede a saída da conversa ((28:55 – 31:05))⁴⁰

001 (2.5)
 002 B3: eu lembro de uma de um mal entendido de AU:la assim;=
 003 =mas isso já faz bastante TEMpo também;
 004 (.) que hm (.) ah DUas colegas minhas,
 005 o trabalho <<all> a gente tava fazendo> o
 trabalho em TRIo,
 006 e elas (.) tinham uma saída de CAMpo,
 007 (-) e elas me disseram que por eXEMplo;=
 008 =AH;
 009 va vamos saIR: bah (.) por dois dIas;
 010 a gente não vai (.) não vai (.) enFIM.
 011 (-) conseguir TÁ na n:: no laboratÓrio;=enFIM;
 012 para conduzir experiMEnto;=e TAL;
 013 a gente começa na na seGUNda.
 014 °hh ao menos foi isso que eu tinha entenDido.
 015 °h °h (.) quando eu cheguei na seGUNda,=
 016 =eu descobri que elas foram na SEXta.
 017 (.) e não tinham me avISAdo.
 018 (.) e daí elas falaram que passaram MUI:to trabalho;
 019 e na sexta fazendo MUIta (de) coisa;
 020 monte de de d de: (.) ativiDAdes;=e TAL;
 021 (.) e DESde da do;
 022 isso foi tipo na no final do de um módulo-
 023 da dessa de do final dessa terceira semana para
 QUARta semana,
 024 era o ÚLtimo última semAna,

⁴⁰ Para uma análise mais completa e detalhada desta sequência ver: SCHRÖDER, Ulrike. *A questão do lócus da face e seu impacto conversacional e cultural*. No prelo.

025 °h elas ficaram MUITo ah: (-) de mA:l assim;=SAbE;
 026 tipo ficou um clima muito ruIM entre nós assim.
 027 e tipo (-) °h e mais porque eu realmEnte não
 não tinha sido aviSAdo direto;
 028 tipo do do que tava aconteCENdo.
 029 (-) e: não foi por falta de busCAR:;=
 030 =porque mandei eMAIL e tudo mais,
 031 (.) e (.) NOSSa.
 032 ((bate com as mãos nas coxas)) ficou um clima
 muito ruIM;=assim TIpo;
 033 entre NÓS: assim.
 034 até o trabalho fiNAL assim: bEm;;
 035 NOSSa (.) eu me senti MUITo;;
 036 (-) <<p> sei LÁ.>
 037 (0,9) retraÍ:do assim pra pra poder ajudAr e tudo mais,
 038 assim tipo Elas me botavam numa situação tipo ah-
 039 (.) faz isso aQUI.
 040 e daí daí é um negócio sUPer diFícil assim,
 041 °h e (.) tipo (.) uma uma coisa que poderia ter sido (.) fei
 <<olhando para B2 e movendo as mãos em círculos> fei feito em
 três pessoas > feito em três pessoas discu[TINdo;]
 042 B2: [hum aHAM;]
 043 B3: [seria FÁcil de fazer rápido;]
 044 B2: [((incompreensível, 1.4s))]((incompreensível 2.0s))
 045 B1: [((incompreensível 2.0s))]
 046 B3: de fazer elas fazer lá <<lançando mão para frente>
 FAZ tudo> aqui;
 047 e daí a gente discuTe.
 048 B2: [(.) aHAM,]
 049 B3: [e aí tipo ↑PÔ;]
 050 (0,8) TÁ beleza;=
 051 =FAço;
 052 (.) fiz,
 053 daí: (cê) chegava para discuTIR;=
 054 =elas (falavam) tá TUDO errado.
 055 (.) vamo fazer aGOra.
 056 daí tipo (.)↑POxa-
 057 B2: <<p> NOSSa.>
 058 B3: (0,9) foi tipo a 'piOR experi`Ência que eu tive aqui.
 059 e isso é mas tiPO:;
 060 (-) talVEZ;

061 eu não sei se isso foi (.) por mal entendido;
 062 sei Lá mas;
 063 °hhh (.) ÉH:;
 064 só não foi uma situação agradável.
 065 → (3.3)
 066 B2: hum.
 067 B3: não me recordo de mais Nada.
 068 → (8.3)
 069 B3: <<olha para B4, voz tensa> alguém mais (.) para contar
 alguma coisa?
 070 [estamos feitos.]
 071 B4: [<<rindo, p> estamos (.) É:;>]
 072 B3: °hhh hh°
 073 B4: <<rindo> acho que é[<<rindo> isso.]
 074 B3: [<<olhando para B1> então.>]

Conforme explicitado anteriormente, a narração do excerto (7) versa sobre um conflito do participante B3 com duas colegas de sala, alemãs, etiquetado pelo falante como a 'pior experiência que eu tive (linha 058) durante o período de intercâmbio. A sequência evidencia o impasse do participante: por um lado, B3 manifesta o desejo de emitir sua contribuição, explorando e detalhando sua história para atender ao tópico *fontes principais para mal entendidos* (ver tabela 5); no entanto, não há, por parte dos demais interactantes manifestações de alinhamento, afiliação, engajamento e retorno à narração em curso.

Mesmo sem receber, ou ainda, ignorando a ausência de sinais de retorno, B3 segue com sua sequência narrativa, cujo clímax ocorre na linha 020, ampliando os detalhes e até mesmo seu envolvimento afetivo com o relato até a linha 056. Cabe destacar que a única contribuição responsiva à narração – *Nossa* – feita por B2 na linha 057 é uma produção mais fraca, sem acentuação ou prolongamentos. Em consequência disso, ainda que *Nossa* (L057), em termos lexicais, remeta à noção de associação e alinhamento, sua manifestação prosódica revela dissensão e indisposição (SCHRÖDER, no prelo, p. 13) e, por isso, não pode ser considerada uma mostra de engajamento e afiliação por parte de B2.

Antes de passar ao silêncio e às pausas do trecho, é importante destacar que B3 recorre a várias explicações e justificativas para endossar sua atitude e avaliação sobre a situação (linhas 013, 017, 27-30, 38, 41). Por outro lado, a postura dos demais participantes revela que eles estão apenas aguardando a conclusão da narração de B3 para encerrarem a conversa, uma vez que já haviam respondido a todos os cartões de eliciação.

A primeira questão a ser levantada, como apontam Sacks e Schegloff (1973, p. 290), é que as conversas, claramente, não podem ser finalizadas em qualquer ponto da conversa. Para que isso ocorra é necessário que um contexto ou lugar bastante específico na interação sinalize para os falantes que a conversa está sendo conduzida para o encerramento. Esse entendimento é corroborado por Sidnell (2010, p. 447), que afirma que a atividade de encerramento da conversa precisa ser entendida como uma ação que é iniciada, gerida em seu curso e completada.⁴¹ Ora, o que se observa na construção narrativa de B3 são diversos pontos que poderiam funcionar como locais de completude, indicados por pistas prosódicas, como as entonações descendentes (linhas 034, 035, 051, 052) e os movimentos de respiração (linha 072); por sinais paraverbais, como as pausas (linhas 035, 037, 050, 052, 055, 058, 065, 068), as pausas preenchidas (linhas 021, 036, 063) e direcionamento de olhar (linhas 041, 069), mas que passam despercebidos ou são ignorados pelos demais participantes. Como é possível perceber, as atividades e pistas conversacionais que projetam o encerramento conversacional não representam uma garantia de que este, de fato, vá ocorrer.

Novamente, a questão de como os falantes se comportam e a quais expedientes conversacionais eles podem recorrer em uma conversa eliciada faz-se relevante, pois como mostra o excerto (7), a motivação e envolvimento emocional de B3 com sua narrativa e, sincronicamente, a ausência de ações responsivas dos demais participantes não permitiu a criação de um ambiente favorável para a saída da conversa. Ao contrário, conforme observa Schröder (no prelo, p. 12), a reação de B3 à falta de retorno e suporte dos demais é a recusa em encerrar sua narração, intensificando sua sequência e “demonstrando um envolvimento emocional, sua indignação com relação à situação reportada.”

Em consequência disso, surgem os silêncios significativos e prolongados, nas linhas 065 e 068, que não podem ser analisados apenas “em termos de uma estratégia de “polidez recusada” (*withheld politeness*, CULPEPER, 2005, p. 42 *apud* SCHRÖDER, no prelo, p. 12-13), mas mais como um “silêncio esmagador” (MARLANGEON, 2017, p. 99 *apud* SCHRÖDER, no prelo, p. 12).” Ademais, esses então ditos *silêncios esmagadores* servem à marcação abrupta da conversa, em sinal de que a interação deve ser interrompida.

Assim, após a ocorrência desse silêncio que é percebido pelos participantes com extrema tensão e constrangimento, B3 consegue finalmente a atenção de B4, endereçando-a com olhar e conferindo se há mais alguma contribuição a ser feita ou se naquele momento

⁴¹ Do original: “The “closing section” is perhaps best thought of not as a single action or as a single sequence but rather as an activity which is initiated, managed in its course and completed.” (Tradução livre).

eles deveriam encerrar a conversa alguém mAIs (.) para contar alguma COIsa? /
estamos FEItos. (linha 059, 060).

065 → (3.3)

066 B2: hum.

067 B3: não me recordo de mais NAdA.

067 B3: não me recordo de mais NAdA.

068 → (8.3)

069 B3: <<olha para B4, voz tensa> alguém mAIs (.) para contar
alguma COIsa?>

070 [estamos FEItos.]

071 B4: [<<rindo, p> esta:mos (.) É:;>]

Após os silêncios que ocorrem nas linhas 065 e 068 e que marcam a ruptura brusca da conversa entre os participantes, perceptível, inclusive pela entonação de B3 (linha 069), os interactantes, ao concordarem com a proposta de encerramento, estabelecem novamente conformidade e afiliação e passam a emitir contribuições de avaliação positiva da conversa, agradecimentos feitos em tom jocoso e a expressarem o desejo em assistir à primeira gravação. A retirada da sala, contudo, só ocorre após dois minutos e vinte e seis segundos de turnos apreciativos e recapituladores de ambas filmagens.

A noção de que concluir uma conversa nem sempre é uma tarefa simples (SCHEGLOF; SACKS, 1973; GAGO, 2007) é sustentada nesta breve análise. Conforme Sidnell (2010) descreve em suas análises, não é qualquer em ponto da interação que se pode encerrar uma conversa. Por isso, criar um local ou contexto específico em que se possa preparar a ação de finalização é fundamental para que o interlocutor entenda e também possa participar ou recusar as ações de término no curso da conversa, da forma mais suave e harmônica possível.

4.4.4. Categoria Afetiva

Como mencionado anteriormente, os participantes, durante as duas gravações, dão diversas pistas de interesse e engajamento ao conversarem sobre as questões propostas nos cartões de eliciação, a fim de estabelecer e manter um clima amistoso e harmônico. Cabe destacar que isso não significa que não existam momentos de dissensão, em que os interactantes assumam posturas que denotem ironia, distanciamento ou desafiação entre si. De todo modo, o fato de os estudantes compartilharem experiências e até mesmo muitos interesses comuns em relação a suas práticas e expectativas pré e pós-intercâmbio muito contribui para a simetria e o equilíbrio instaurados durante a conversa, em ambas interações.

Outro aspecto importante do *corpus* diz respeito à imagem que os participantes constroem de si durante estas interações – ninguém parece estar interessado em assumir uma posição de superioridade – seja com mostras de requinte ou de maior habilidade, tato e atitudes que denotem que sua experiência será/foi melhor que à dos demais. Além disso, não há, por parte de nenhum dos interactantes, o desejo de construir para si uma imagem de pessoa ‘polêmica’, ‘questionadora’ ou ‘excessivamente crítica’, ainda que muitas vezes o participante B4 (2013MuBr01) / B3 (2014MuBr)⁴² exponha opiniões mais controversas, em comparação aos demais participantes. Em vista disso, o que se observa nestas interações são indícios de um sistema de normas, regras e rituais de polidez são baseadas em princípios e valores culturais que os falantes aceitam e praticam em seu cotidiano e que são ajustadas no curso da fala eliciada.

Se por um lado os estudantes procuram atentar-se às estratégias que possam manter a conversa harmônica, fluída e ativa, seja exprimindo pistas de afiliação, sinais de atenção, cortesia e/ou identificação, por vezes, eles precisam recorrer ao silêncio para regular e/ou manter a conversa, suas faces e a dos demais, e a interação em si. Em alguns casos, os interactantes recorrem ao silêncio afetivo, que funciona como meio de controle, evitando que algumas pessoas mantenham interações ou não permitindo que determinados conteúdos verbais sejam expressos, a exemplo das respostas negativas e despreferidas a convites ou pedidos de ajuda.

A sequência abaixo, extraída da interação 2014MuBr, excerto (8), os participantes relatam quais foram suas experiências e observações sobre as relações que os estudantes alemães mantêm entre si e com seus colegas estrangeiros (ver tabela 5). De modo geral, todos apontam para o caráter competitivo dos alemães e algumas narrativas emergem para fins de exemplificação. Para um melhor entendimento de como o silêncio afetivo atua em relação ao contexto de sua ocorrência, a análise a seguir será dividida em dois passos: em primeiro lugar serão apresentadas as sequências que antecedem o silêncio, a partir da narração de B4 e, em seguida, apresentar-se-à o momento em que o silêncio afetivo surge na sequência de B2 seguido das sequências de colaboração e conclusivas, construídas pelos demais participantes.

Excerto (8): 2014MuBr02 ((16:25 – 17:45))

001 B2: [...]
 002 B4: [outra COI]sa também que (.) que acontecEu;
 003 (--) que: uma vez conheci um menino da medicina da mesma FEStA,
 004 o: (.) na casa da HElen,

⁴² Schröder (2017) apresenta um exemplo disso.

005 (.) e ele tava no último período;
006 (1.2) e: ele ia fazer uma PROva que eu ia fazer tam**↓**bém
<<dim> no fachmedizIn.>
007 °h e eu falei com Ele;=
008 =↑NOSsa mas;
009 e e IS:so já era o quê;=
010 =<<all, p> final de seMEStre;=né,>
011 (-) falei com Ele;=
012 =↑NOSsa mas eu não sei o que vou: estudAr;=
013 =não sei o QUÊ;;
014 aí: ele falou asSIM;=
015 = ↑AH;;
016 (.) é::;
017 (0.5) ?ah não é tranQUiLo;=
018 =é só cê LER:: (.) as dIcas e as questões antigas e não sei o quê;=
019 =<<all> aí eu faLEI;>=
020 =nos:sa mas questão an[TIga,=]
021 B2: [(ri)]
022 [(ri)]
023 B4: [=onde é que tem ISSo e tal;]
024 aí ele me passou SITE;
025 (-) que eles (--) eh tem TUDO;;
026 (0.7) <<acc> tem todas as provas anTIgas lá;=
027 =todos os slides de AUla e tal;=
028 =não sei o QUÊ;>
029 (0.7) o menino que conheci numa FESta?
030 (-) e que: (-) e que me faLOU e tal.
031 (0.6) agora d durante o semestre inTEIro convivi com
as pessoas nA faculda:de;=
032 =perguntando como é que eu posso estudAR;;=
033 =não sei o quê não sei o QUÊ;
034 (.) e nunca ninGUÉM me falou;=
035 =a?TÉ hoje.
036 SÓ esse menino me falou desse site;=
037 =nunca ninGUÉM mais com[partilhOu.]
038 B2: [hm HM,]
039 B4: se eu não tivesse encontrado com ele numa FESta,
040 eu não ia saber desse site até HOje.
041 B3: ((funga))
042 B4: (1.2)
043 B2: ((ri)) (-) <<rindo> biZARro.>

044 B3: [(biZARro) .]
 045 B4: (0.6) [SA:be.]
 046 (1.0) hm:: NOSsa;=
 047 =não SEI;
 048 e aí eu (-) agora compartilho com <<rindo> todos
 os e>[<<rindo> RAS:mus.>]
 049 B2: [((ri))]
 050 B4: [?gEn:te (-) entra ?LÁ;]
 051 B1: [((sorri))]
 052 B2: [((ri))]
 053 B4: [tem TU:do.]
 054 [((ri))]

B4 inicia sua sequência com uma narração para ilustrar sua percepção acerca da competitividade entre os alunos alemães. Suas unidades entonacionais são constantemente marcadas pela mudança e uso expressivo de entonação, expediente ao qual ela recorre para acentuar surpresa em relação ao episódio descrito, a saber, o fato de ela ter tomado conhecimento sobre um site com várias informações e provas que seriam de extrema importância em seus estudos e realização de provas, durante uma festa. O tópico é mantido por vários turnos de fala da participante e permeado por contribuições mínimas dos demais, que reconhecem e endossam o caráter surpreendente e inesperado da situação com risadas (linhas 022, 023, 049, 051, 052 e 054) e contribuições avaliativas mínimas, a exemplo do que ocorre nas linhas 043 e 044, em que os participantes qualificam o ocorrido como *biZARro*.

Em termos de distribuição da trajetória de fala, as risadas compartilhadas frequentemente são associadas a um padrão de terminação de tópico conversacional e/ou início de uma nova atividade ou sequência de turnos de fala (HOLT, 2010). Assim, B2 parece entender a risada compartilhada (linhas 049, 051, 052 e 054) como um lugar relevante de transição, em que ele pode se candidatar ao próximo turno, configurando assim o fim do tópico anterior mantido por B4.

O excerto (9) a seguir apresenta a sequência imediata da interação, quando B3 assume o piso conversacional. Após a conclusão da sequência de B4, o participante B3 inicia seu turno de modo hesitante, com movimentos que sinalizam um possível desejo de abandono ou desativação de uma estratégia já colocada em curso. Ademais, o excerto a seguir, também explora a ocorrência do silêncio afetivo, analisando como este serve à atividade interativa enquanto apoio para que determinados conteúdos, a saber, a contestação e a divergência, não sejam expressos.

Excerto (9): 2014MuBr02 ((17:46 – 18:08))

001 B2: mas eu acho que e os pró os ?prÓprios e?RAS (-) não sEi.
 002 → (1.0)
 003 B2: [<<p> enFIM.>]
 004 B4: [((ri))]
 005 B2: [deixa pra LÁ;]
 006 B3: [são mais reserVAdos também;]
 007 B2: <<assentindo com cabeça> os da MEDicina>;=
 008 =eles são eles são meio esquiSItos.
 009 B1: lá na FÍsica,
 010 B2: <<olhando para a câmera de relance, pp> eu não curti MUITo
 não>.
 011 B1: [vinte e cinco a]
 012 B3: [((ri))]
 013 B4: [((sorri))]
 014 B1: → [cinquenta por cento dos eRASmus sÃO;=né;]
 015 B2: → [((ri))]
 016 B3: [((sorri))]
 017 B1: [tem outros DOIS <<rindo> ((incompreensível, 1.2s))>]
 018 B2: → [((ri))]
 019 B1: → (.) um deles é super dediCAdo,
 020 e o outro super desleixAdo.
 021 (0.6)
 022 B3: HM.
 023 B1: [é: (.) É.]
 024 B2: [ex exTREmos;=né?]
 025 (1.0)

Uma vez que B2 parece não concordar com a postura acolhedora e simpática assumida por B4 em relação a outros estudantes do programa *Erasmus*, ele coloca em curso seu projeto de fala de tipo despreferido (MARCUSCHI 1983, 2009; POMERANTZ, 1984), dando pistas de contestação. O primeiro turno de fala de B2 exibido no excerto (9) é marcado por uma ruptura no fluxo conversacional os pró os ?prÓprios e?RAS (-) não sEi, que pode ser atribuída à dificuldade ou desistência de escolha das palavras e de completude da ideia, ocasionando um turno incompleto sob a ótica da organização sintática.

Com efeito, B2 inicia seu turno com uma ressalva às contribuições de B4, marcando sua fala com um atenuador *mas eu acho que* em um projeto de contra-argumentação em relação ao que parece sinalizar sua discordância em relação aos estudantes do programa

Erasmus Mundus (linha 001). Não é possível, contudo, afirmar que a refutação potencial aqui evidencie que B2 não considera os estudantes desse programa confiáveis, ou ainda, *competitivos* assim como os estudantes alemães o são. Tampouco há indícios substanciais nas primeiras unidades entonacionais para se afirmar que o projeto de fala de B2 sinaliza sua objeção em relação às atitudes acolhedoras de B4 com os demais estudantes *Erasmus*. Contudo, a constatação de desafiliação de B2 pode ser feita quando se considera as demais contribuições sequenciais que resultam na afirmação explícita de que os estudantes de medicina do programa *Erasmus Mundus* são meio esquisitos (linha 008).

Na sequência, uma pausa emerge (linha 002) e as unidades entonacionais seguintes demonstram que durante este período de silêncio B2 não está tentando *ganhar tempo* para reformular ou reparar seus turnos. Ao contrário, a posição assumida pelo participante na sequência sugere a abdicação a uma possível dissensão. Em outras palavras, a pausa seguida da contribuição marcada pela entonação baixa *enFIM* evidencia a percepção de que B2 pretende abdicar da trajetória de fala em curso e conseqüentemente evitar que o foco da conversa seja direcionado a críticas ou julgamentos a pessoas – os estudantes *Erasmus* – que talvez possam não interessar ao contexto *in situ* e de pesquisa já que estes não são alemães. Isso ocorre porque nem sempre os participantes podem evitar determinados conflitos ameaçadores de face quando fazem uso apenas de expressões verbais (JAWORSKI, 1993; SIFINAOU, 1995). Tem-se então não apenas o silêncio marcado e contabilizado na interação em si, mas a postura de silenciamento do falante.

No entanto, B2 tampouco expressa sua opinião abertamente, sendo vago, moderando seu ponto de vista e atrasando seu posicionamento. Sua formulação assertiva só ocorre, de fato, na linha 007, após B3 lançar um palpite sobre os estudantes *Erasmus* são mais reservados também (linha 006) numa tentativa de completude das ideias e turnos de B2. A investida de B3 em preencher a ideia do colega é bem sucedida e pode ser entendida, salva as devidas proporções, como um modo de se aumentar a eficácia conversacional (CONTRERAS FERNÁNDES, 2008). Isto é, B2 concorda com o comentário (linha 007), assentindo com a cabeça ao mesmo tempo em que esclarece sua produção sugerida anteriormente, etiquetando um determinado grupo ao qual ele se refere os da MEDicina na mesma linha (007).

A linha 010 exhibe o momento em que B2 encerra de fato sua contribuição, pouco antes de B1 tomar o turno de fala e dar mostras de afiliação/polidez, em relação à perspectiva de B2 sobre os *Erasmus*. Para a Análise da Conversa, a organização dos turnos de B2, em parceria com as investidas e anuências de B1 e B3, retomam à noção de categoria pertencimento (*membership categorization*, SCHEGLOFF, 2007; STOKOE, 2012). Desse

modo, a sequência conversacional apresentada no excerto (9) revela o alto grau de alinhamento, acordo e afiliação entre os participantes, em uma construção colaborativa do tópico, evidenciada pelos posicionamentos e opiniões compartilhadas pelos interactantes, e perceptíveis tanto nas manifestações verbais, quanto prosódicas e paraverbais.

Ao dar continuidade aos comentários de B2 sobre os *Erasmus*, acrescentando informações a respeito dos estudantes de física, B1 registra sua identificação e alinhamento entre as linhas 009 e 020, trazendo para a interação sua descrição e avaliação a fim de que estas possam ser reconhecidas, ratificadas e compartilhadas com os demais (STOKOE, 2012, p. 292). A ação de B1 remete à manutenção contínua do tópico em curso: as experiências compartilhadas e comuns à vida dos intercambistas.

Acrescente-se o fato de que neste momento B2 faz uma avaliação negativa com entonação mais baixa *eu não curti MUITO não* sobre os estudantes de medicina do *Erasmus*, enquanto olha de relance para a câmera (linha 010). Isso coloca em questão o endereçamento dos participantes (GOFFMAN, 1981 *apud* SCHRÖDER, no prelo) nos momentos em que eles se sentem compelidos ou constrangidos a emitirem comentários rotuladores e críticos acerca de outras pessoas e/ou culturas. Logo, o direcionamento do olhar para a câmera parece trazer à tona a consciência do participante em relação ao pesquisador-ouvinte (*eavesdropper*) que examinará a conversa após a filmagem. Desse modo, a pista pragmática sugere que estas contribuições são produzidas considerando antes a adequação ao receptor, traduzido no ambiente por trás da câmera (*bystander*) e que corresponde à pesquisadora, em lugar do endereçamento aos demais participantes.

Em vista disso, ratifica-se a ideia de que parece existir uma tendência dos participantes em não emitirem críticas, não assumirem uma postura negativa ou polêmica, bem como não fazerem juízo de valor, na medida do possível. Dessa forma, a suspensão da contribuição verbal conduz ao aparecimento de silêncios e pausas afetivas, que são fortemente governados por convenções situacionais, sociais e culturais, especialmente, nos casos em que os participantes querem se esquivar ou evitar que determinados conteúdos potencialmente socialmente sensíveis venham à tona.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de análise deste trabalho integra diferentes teorias e modelos, como a teoria de face de Goffman (1967), a teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), de Bravo (1996, 1999, 2004, 2006), de Kerbrat-Orecchioni (2004, 2006), a teoria de estilos conversacionais (Tannen, 2005 [1984]), os construtos da Análise da Conversa, de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), de Marcuschi (2003, 2015), de Sidnell (2010), entre outros. Essa perspectiva permitiu a análise de ocorrências, categorias e funções do silêncio de modo mais completo e significativo, uma vez que considerou diversos aspectos envolvidos nas interações. Além disso, a análise conjunta de elementos verbais e não verbais e do aspecto relacional da interação mostrou-se fundamental para a compreensão das categorias de silêncio e de outros processos conversacionais que muitas vezes não podem ser percebidos somente a partir da estrutura linguística.

Essa análise integrada que considerou diferentes momentos e configurações da estrutura da conversa também permitiu o delineamento de diversas ocorrências de pausas e silêncios. Em ambas filmagens, observou-se que os participantes buscaram manter o foco nas questões propostas pelos cartões de eliciação, demonstrando cuidado e preocupação em atender à tarefa comunicativa da pesquisa – ler e responder todos os cartões de perguntas disponíveis na mesa. Ademais, percebeu-se por exemplo que a interação com cinco participantes, 2013MuBr, apresentou um estilo mais dinâmico, com baixo índice de pausas e grande tendência à sobreposição de falas, preferência pelas pausas preenchidas como *hm hm*, *éh*, *ahn* em lugar de pausas não preenchidas, além do alto índice de risadas compartilhadas pelos participantes. Somado a isso, notou-se durante a primeira filmagem, 2013MuBr01, uma distribuição mais regular do tempo dedicado a cada pergunta, com variações entre 9% e 15% da duração total da filmagem, o que representa significativa diferença entre os valores encontrados na distribuição do tempo dedicado à cada questão de eliciação na segunda filmagem, cujos valores oscilam entre 4% e 21%.

Esses valores tornam-se mais significativos quando confrontados com outro dado característico da interação 2014MuBr, a maior ocorrência de sequências narrativas especialmente sustentadas pelo participante B3.

Além disso, a análise de ambas interações apontou que os participantes tendem a empregar mais repetições, marcadores conversacionais como *éh*, *hm*, *tipo*, *tipo assim*, pausas preenchidas por prolongamentos vocálicos do que permanecer em silêncio.

Em ambas gravações também observou-se a preferência por turnos curtos de fala, narração de histórias pessoais, interrupção e sobreposição de falas, em sinal de polidez e afiliação. Além disso, as análises das categorias de silêncio discursivo e cognitivo demonstraram que os dados de silêncio desta dissertação corroboram com os achados de Goldman-Eisler (2015 [1972]) sobre as diferentes percepções de pausas e silêncios que ocorrem durante narrativas e momentos descritivos, revelando que “os índices de pausa eram significativamente mais altos durante as interpretações do que durante as narrações” (GOLDMAN-EISLER 1972, p. 105 *apud* MARCUSCHI, 2015, p. 66).

Por outro lado, a análise da categoria social demonstrou que o emprego do silêncio imediatamente após a expressão de uma opinião ou sequência narrativa pode se converter em sinal de dissociação e falta de identificação com o grupo e ser percebido como um prefácio de despreferência. Já a categoria afetiva demonstrou que a tomada imediata ao turno de fala após a manifestação de uma percepção, avaliação ou opinião, tende a ser vista como mostra de atenção, compromisso com a interação e afiliação entre os participantes, principalmente se realizada em sinal de acordo. Desse modo, as sequências lateralizadas e de retroalimentação, que buscam dar mostras de atenção por parte dos interlocutores, são estratégias preferidas para a manifestação da polidez no português brasileiro.

A análise demonstrou ainda que durante a conversa eliciada, os participantes buscam manter um fluxo contínuo de turnos de fala. Uma vez que neste ambiente os interactantes possuem menos expedientes para lidar com possíveis conflitos, desentendimentos e falta de identificação entre os participantes, a manutenção da fala parece atuar como estratégia de compromisso com a atividade conversacional, e dessa forma, os estudantes dão mostras de preferência pela sobreposição e interrupção de fala, em vez de silêncio, que possivelmente poderia evidenciar uma dissensão e falta de harmonia entre os participantes das interações.

Contudo, é importante ressaltar que os resultados apresentados nesta dissertação não tem pretensões de serem entendidos como padrões universais ou de vasto alcance, estendidos a outros gêneros, contextos conversacionais e domínios. Do mesmo modo, a categorização proposta neste trabalho não representa ou assume que o silêncio apresente funções padronizadas e estáticas. Assim, embora haja regularidades nas manifestações de silêncio

observadas em ambas interações, as conclusões apresentadas nesta seção refletem apenas o comportamento dos participantes em dois momentos específicos, de duração e alcance limitados.

As análises empreendidas nesta dissertação, bem como o número limitado de interações e ocorrências de silêncio, assinalam a necessidade de maiores pesquisas nesse campo. Conforme demonstrado neste trabalho, os resultados aqui apresentados sugerem que, embora o silêncio possa ser empregado para demonstrar desacordo, ele também pode calibrar as relações sociais, tanto como estratégia de polidez negativa quanto de polidez positiva. Novas pesquisas sobre o silêncio podem permitir maior compreensão acerca do funcionamento das pausas e regularidades da conversa, e contribuir para um melhor entendimento dos aspectos socioculturais relacionados ao silêncio, especialmente em relação ao português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS

AIKEN, Suzan E. *Silence as a rhetor's tool: Rhetorical choices for and uses of silence*. Tese de doutorado. Bowling Green State University (BGSU), 2011.

ALVES DA SILVA, Diogo H. *A Construção do Conceito de Heimat (Alemanha)/Pátria (Brasil) em Âmbito Intercultural*. 2015. 235f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ATKINSON, J. Maxwell, HERITAGE, John. (1984). *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University Press.

BARROS, Kazué. Monteiro de; CRESCITELLI, M.F.C. Polidez e preservação da face em memoriais acadêmicos. In: SEARA, Isabel Roboredo. (Dir. e Org.). *Cortesia: olhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 457 – 476.

BENUS, S.; GRAVANO, A.; HIRSCHBERG, J. Pragmatic aspects of temporal accommodation in turn-taking. *Journal of Pragmatics*, 43(12). 2011. p. 3001-3027.

BORETTI, S. H. Aspectos de la cortesía lingüística en el español coloquial de Argentina. *Oralia*, 4, 2001. p. 75-102.

BOWERS, J. W.; METTS, S. M.; DUNCANSON, W. T. Emotional and interpersonal communication. In: KNAPP, M. L., MILLER, G. R. (Org.). *Handbook of interpersonal communication*. Beverly Hill: Sage. 1985. p. 500 – 550.

BRAVO, Diana. ¿Imagen positiva vs. Imagen negativa?: Pragmática social y componentes del face. *Oralia*, 2, 1999. p.155-184.

BRAVO, Diana. Hacia una semiótica de la identidad social: Gestos en la manifestación de ideales de la personalidad socio-cultural en discursos académicos. *Oralia* 3. 2000. p. 21-51.

BRAVO, Diana. Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales: Una introducción. *Actas del Primer Coloquio del programa EDICE. La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: Identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes*. Universidad de Estocolmo: www.edice.org., 2003. p. 98-108.

BRAVO, Diana. Tensión entre universalidad y relatividad en las teorías de la cortesía. In: BRAVO D.; BRIZ. A. (Org.), *Pragmática sociocultural: Estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 15-37.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BRUNEAU, Thomas J. Communicative silences: forms and functions. *The Journal of Communication* 23. 1973.

BULL, M. C.; AYLETT, M. P. An analysis of the timing of turn-taking in a corpus of goal-orientated dialogue. In: *Proceedings of the 5th International Conference on Spoken Language Processing*, 1998. p. 1175-1178.

BUTTERWORTH, Brian. Aportaciones del estudio de las pausas en el habla. In: *Valle et al, eds: Lecturas de Psicolingüística*, vol. I Madrid: Alianza, 1990. Traducción de F. Valle, F. Cuetos, J.M. Igoa e S. del Viso. 1980. p. 289-310.

BUTTERWORTH, Brian . Hesitation and semantic planning in speech. *J. Psycholing. Res.*, 4, 1975. p. 75-87.

CAMARGO FERNÁNDEZ, Laura; MÉNDEZ GUERRERO, Beatriz. La pragmática del silencio en la conversación en español. Propuesta taxonómica a partir de conversaciones coloquiales. *Sintagma* 26. 2014. p. 104-118.

CAMPOS, M. Género y expresión de desacuerdo. *Un estudio del habla juvenil en Palma de Mallorca*. Palma: Biblioteca Digital de la UIB. 2010. Disponible em: <http://ibdigital.uib.es/greenstone/collect/memoriesUIB/archives/Campos_P.dir/Campos_Prats_Mar.pdf> Acceso em: 30/12/2017.

CASTILHO, Ataliba T. de. Da Análise da conversação para a análise gramatical. *Estudos Linguísticos*, 17, 1989b. p. 219-226.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CESTERO, A. M.; ALBELDA, M. La atenuación lingüística como fenómeno Variable. *Oralia*. V. 15, 2012. p. 77-124.

CONTRERAS, Josefa. *El uso de la cortesía y las sobreposiciones en las conversaciones*. Un análisis contrastivo alemán-español. Valencia: Universidad de Valencia. 2005.

CONTRERAS, Josefa. Conversational silence and face in two sociocultural contexts. *Pragmatics: A quarterly journal of the international pragmatic association*, 18, 4, 2008. p. 707-728.

COULTHARD, Malcolm. *An introduction to discourse analysis*. Londres: Longman. 1977.

CROWN, C. L.; FELDSTEIN, S. Psychological correlates of silence and sound in conversational interaction. In: TANNEN, D, SAVVILLE-TROIKE, M. (Org.). *Perspectives on silence*. Norwood, NJ: Ablex. 1985. p. 31 – 54.

DUEZ, D. Silent and Non-Silent Pauses in Three Speech Styles, *Language and Speech*, 25(1), 1982. p.11-28.

EDWARDS, D.; EDWARDS, H.; STOKOE, E. No comment responses to questions in police investigative interviews. In: EHRLICH, Diana E.; AINSWORTH, Janet. (Org.). *Discursive constructions of consent in the legal process*, 2015. p. 289-318.

EDWARDS, D., STOKOE, E. *You don't have to answer*: Lawyers' contributions in police interrogations of suspects. *Research on Language and Social Interaction*, 44(1), 2011. p. 21-43.

- EPHRATT, M. The functions of silence. *Journal of Pragmatics*, v.40. 2008. p. 1909-1938.
- FANT, Lars. Cultural mismatch in conversation: Spanish and Scandinavian communicative behavior in negotiation settings. *Hermes* 3. 1989. p. 247-265.
- FENIK, Bernard. The nameless Stranger. In: *Studies in the Odyssey (Hermes – Einzelschriften, Heft 30)*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1974. p. 5–60.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Lições de texto: leitura e redação. Ática: São Paulo, 5ª ed. 2006.
- FERNÁNDEZ, Laura Camargo; GUERRERO Beatriz Méndez. La pragmática del silencio en la conversación en español. Propuesta taxonómica a partir de conversaciones coloquiales. *Sintagma* 26, 2014. p. 103-118.
- FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*. v.31, 1999, p.931- 952.
- GALLARDO PAÚLS, Beatriz. *Análisis conversacional y pragmática del receptor*. Valência: Episteme. 1996.
- GARCEZ, P (Orgs.). Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: Age, 1998. p. 70-97.
- GARCEZ, P.; OSTERMANN, A.C. Glossário conciso de Sociolinguística Interacional. In: RIBEIRO, B.; GARCEZ, P. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 257-264.
- GARCEZ, PEDRO. Formas institucionais de fala-em-interação e conversa cotidiana: elementos para distinção a partir da atividade de argumentar. *paLavra*, v. 8, 2002b. p. 54-73.
- GARCEZ, Pedro M. A Perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o Uso da Linguagem em Interação Social. In: LODER, Letícia L.; JUNG, Neiva M. (Org.). *Fala-em-Interação Social*. Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17–38.
- GOFFMAN, E. Footing [1979]. In: RIBEIRO, B.; GOFFMAN, E. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, Footing. P. M. *Sociolinguística Interacional*. Tradução Beatriz Fontana. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOFFMAN, Erving. On face-work: An analysis of ritual elements in social interaction. In: GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New Jersey: Transactions Publishers, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOLDBERG, J. A. Interrupting the discourse on interruptions: an analysis in terms of relationally neutral, power-oriented and rapport-oriented acts. *Journal of Pragmatics*, 14(6), 1990. p. 883-903.

GOLDMAN-EISLER, Frieda. Psycholinguistics. *Experiments in Spontaneous Speech*. New York, 1968.

GOLDMAN-EISLER, Frieda. Pauses, Clauses, Sentences. *Language and Speech*, v. 15, 1972. p. 103-113.

GOODWIN, Charles. *Conversational Organization: Interaction Between Speakers and Hearers*. New York: Academic Press. 1981.

GOODWIN, Charles. Audience diversity, participation and interpretation. *Text* 6(3), 1986. p. 283 – 316.

GROSJEAN, F.; L. GROSJEAN; H. LANE. The patterns of silence: performance structures in sentence production. *Cognitive Psychology* 11, 1979. p.58-81.

HAVERKATE, Henk. La cortesía Verbal. *Estudio pragmalinguístico*. Madrid: Gredos, 1994.

HAVERKATE, Henk. El análisis de la cortesía comunicativa: Categorización pragmalinguística de la cultura española. In: BRAVO D.; BRIZ, A. (eds.), *Pragmática sociocultural: Estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel. 2004. p. 55-65.

HELD, Gudrun. Politeness in linguistic research. In: WATTS, R.; EHLICH, S. Ide & K. (Org), *Politeness in Language*. Studies in its History, Theory and Practice. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 131-153.

HENNE, H.; REHBOCK, H. *Einführung in die Gesprächsanalyse*. 4. durchges. und bibliogr. erg. Aufl. Berlin; New York: de Gruyter, 2001 [1979].

HERNÁNDEZ-FLORES, Nieves. Cortesía y contextos socioculturales en la conversación española de familiares y amigos. Actas del Primer Coloquio del programa EDICE. La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: Identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes. Universidad de Estocolmo: www.edice.org., 2003. p. 121-127.

HERNÁNDEZ-FLORES, Nieves. Politeness as face enhancement. An analysis of Spanish conversations between friends and family. In MÁRQUEZ, R. Reiter; PLACENCIA, M.E. (Org), *Current Trends in the Pragmatics of Spanish*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. p. 265-284.

HERNÁNDEZ-FLORES, Nieves. La cortesía en la conversación española de familiares y amigos; la búsqueda del equilibrio entre la imagen del hablante y la imagen del destinatario. Aalborg: Institut for Sprog Internationale Kulturstudier, Aalborg Universitet, vol. 37, 2002. intersubjectivity in conversation. *American Journal of Sociology* 97(5), 1992. p. 1295–1345.

HILGERT, José Gaston. Atenuação e cortesía em intervenções metaenunciativas na conversa. *Filología Lingüística Portuguesa* 16(2), p. 365–379, 2014. HOEY, Elliott M. Sighing in interaction: somatic, semiotic, and social. *Res. Lang. Soc. Interact.* 47 (2), 2014. p. 175-200.

HOEY, Elliott M. Sighing in interaction: somatic, semiotic, and social. *Res. Lang. Soc. Interact.* 47 (2), 2014. p. 175-200.

HOEY, Elliott M. Lapses: how people arrive at, and deal with, discontinuities in talk. *Res. Lang. Soc. Interact.* 48 (4), 2015. p. 430-453.

HOEY, Elliott M. Sequence recompletion: A practice for managing lapses in conversation. *Journal of Pragmatics.* 109, 2017, p. 47-63.

HOLT, Elizabeth. The last laugh: shared laughter and topic termination. *Journal of Pragmatics.* 42 (6), 2010. p. 1513-1525.

JAWORSKI, Adam. Formulaic silence. *Glossologia* 7-8. 1988-89. p. 169-176.

JAWORSKI, Adam. Silence and small talk. In: Justine Coupland (ed.). *Small talk*, London: Pearson Education, 2000. p. 110-132.

JAWORSKI, Adam. *The Power of Silence: Social and Pragmatic Perspectives*. Print. Language and Behavior Series. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu (Org.), 2015. Construção do texto falado. Gramática do português culto falado no Brasil, v. I: São Paulo: Contexto. 2. ed. *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. 1, A construção do texto falado. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

KAFKA, F. O silêncio das sereias. In: _____. *Narrativas do Espólio*. Tradução. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 104-106.

KASHER, Asa (ed.). *Pragmatics: Critical concepts*. London/New York: Routledge. 1998.

KASPER, G.; ROSE, K.R. *Pragmatic development in a second language*. Michigan: Blackwell, 2002.

KASPER, Gabriele. Linguistic politeness: Current research issues. *Journal of Pragmatics* 14, 1990. p. 193-219.

KENDRICK, Kobin H. The intersection of turn-taking and repair: the timing of other-initiations of repair in conversation. *Front. Psychol.* 6, 250, 2015.

KENDRICK, Kobin H.; TORREIRA, Francisco. The timing and construction of preference: a quantitative study. *Discourse Process.* 52 (4), 2015. 255-289.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, Diana e BRIZ, Antonio (Org.). *Pragmática sociocultural: Estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 39-53.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

KURZON, Dennis. Towards a typology of silence. *Journal of Pragmatics* 39, 2007. p. 1673-1688.

LEVINSON, Stephen. (1983) *Pragmática*. Trad.: Luis Borges e Mari Anibal. São Paulo: Martins Fontes: 2007. p. 361- 475.

LOCHER, M. & WATTS, R. Politeness theory and relational work. *Journal of Politeness Research* 1, p. 9 – 33, 2005.

LODER, Letícia L.; SALIMEN, Paola G; MÜLLER, Marden. *Fala Em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MAAT, M. T., TRUONG, K. P., & HEYLEN, D. How turn-taking strategies influence users' impressions of an agent. In: *Intelligent Virtual Agents: Proceedings of the 10th International Conference, IVA*, 2010. p. 441-453.

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da Conversação*, São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, Luiz A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 281–319.

MARCUSCHI, Luiz A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de Língua Falada. Variações e Confrontos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 15–45.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita. Atividades de recontextualização. São Paulo: Cortez. MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Em: A. P. Dionísio; A. R. Machado; M. A. Bezerra (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. A Construção do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, v. I: São Paulo: Contexto. 2. ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2015. p. 207-240.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu (Org.). *A Construção do texto falado*. Gramática do português culto falado no Brasil, v. I: São Paulo: Contexto. 2. ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2015. p. 351-372.

MARLANGEON, Silvia Kaul de. Contribuições para o estudo da descortesia verbal. In: CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco (Org.). *Descortesia e Cortesia: Expressões de Cultura*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 93–108.

MEY, Jacob. *Pragmatics: an introduction*. Oxford e Cambridge: Blackwell. 2ª ed. 2001.

MILLS, Sara. *Gender and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. pp. 270.

MORRIS, Charles W. Foundation of theory os signs. In: *International Encyclopedia of Unified Science*, Vol. 2, N° 1. Chicago: University of Chicago Press, 1938.

NAKANE, Ikuko. *Silence in Intercultural Communication: Perceptions and Performance*. Print. Pragmatics and Beyond New Series. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

PASSIG MARTINS, Carolina, Barbosa. *Hyperbole in Brazilian and German Talk-in-Interaction: A Cross-Cultural Study*. 2017. 151f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

POMERANTZ, Anita, 1984. Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. In: ATKINSON, J.M., HERITAGE, J. (Eds.), *Structures of Social Action*. Cambridge University Press, Cambridge, p. 57-101.

POMERANTZ, Anita. Extreme case formulations: a way of legitimizing claims. *Human Studies*, Dordrecht, 9, p. 219-229, 1986.

POMERANTZ, Anita; FEHR, B.J. Conversation Analysis: An Approach to the Analysis of Social Interaction. In VAN DIJK, Teun A. (Org.). *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction* (2. edition). London: Sage Publications, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas* (1938). Rio de Janeiro/São Paulo: Record Martins, 1977.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas*, V. 7, N. 1-2, 2003. Trad. de SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, V. 50, 1974.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language* 50, 1974. p. 696–735.

SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication: An introduction*. (3rd ed.). Oxford, UK: Blackwell. 2003.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. The place of silence in an integrated theory of communication. In: TANNEN, Deborah, SAVILLE-TROIKE, Muriel (Eds.), *Perspectives on silence*. Ablex, Norwood, NJ, 1985. p. 3-18.

SCHEGLOFF, Emanuel A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. *American Journal of Sociology* 97(5), 1992. p. 1295–1345.

SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. The preference for selfcorrection in the organization of repair in conversation. *Language* 53(2), 1977. p. 361-382.

SCHEGLOFF, Emanuel A. A tutorial on membership categorization. *Journal of Pragmatics*. 39 (3), 2007. p. 462-482.

SCHRÖDER, Ulrike. Estilos comunicativos brasileiros e alemães: um estudo de campo intercultural. IN: *Vertentes*, 30, 2007. p. 166-177.

SCHRÖDER, Ulrike. *O ator e o espectador: sobre as diferentes funções da linguagem na apresentação de si mesmo no Brasil e na Alemanha* In: *Pandaemonium Germanicum*, 9, 2005. p. 293-310.

SCHRÖDER, Ulrike. Speech styles and functions of speech from a cross-cultural perspective. *Journal of Pragmatics* 42 (2), p. 466–476, 2010.

SCHRÖDER, Ulrike. The interplay of politeness, conflict styles, rapport management and metacommunication in Brazilian-German interaction. *Intercultural Pragmatics* 11, 57–82, 2014a.

SCHRÖDER, Ulrike. The interactive (self-)reflexive construction of culture-related key words. In: KECSKES, Istvan; ASSIMAKOPOULOS, Stavros (Org.). *Current Issues in Intercultural Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 182–205, 2017.

SCHRÖDER, Ulrike; VITERBO LAGE, Carolina de. Estratégias de polidez em momentos de dissensão: análise de uma interação entre estudantes brasileiros e alemães. *Revista de Estudos da Linguagem* 22 (1), p. 153–179, 2014.

SCHRÖDER, Ulrike. A questão do lócus da face e seu impacto conversacional e cultural. In: CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto (Org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face na constituição do discurso*. Belo Horizonte: Editora POSLIN/UFMG (ebook), no prelo.

SCHRÖDER, Ulrike. O que a metacomunicação revela sobre nossos processos cognitivos: um estudo sobre a coconstrução de alteridade, no prelo.

SCOLLON, R., SCHOLLON, S. *Responsive communication*. Haines, AK: Black Current Press. 1987.

SCOLLON, Ron; SCOLLON, Suzanne. *Intercultural communication: A discourse approach*. Cambridge, Oxford: Blackwell Publishers Ltd. 1995.

SEARA, Isabel R. Contributo para o estudo da (des)cortesia verbal: estratégias de atenuação e de intensificação nas interações. In: TINOCO, Ana Lúcia C.; SEARA, Isabel R.; GUARANHA, Manoel F. (Org) *Descortesia e cortesia - Expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 233-264.

SEARLE, J., KIEFER F.; BIERWISCH, M. (Orgs.). *Speech act theory and pragmatics*. Synthese Language Library, vol. 10. Dordrecht: D. Reidel.

SELTING, et al. *Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2*. Trad. Ulrike Schröder et al. *Veredas atemática*, V. 20, nº 2. 2016. p. 6-61.

SIDNELL, Jack. *Conversation Analysis: an introduction*. Malden, Oxford, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

SIFIANOU, Maria. Do we need to be silent to be extremely polite? Silence and FTAs. *International Journal of Applied Linguists* 5.1, 1980. 1995. p. 95-110.

SPENCER-OATEY, H. (Im)politeness, face and perceptions of rapport: Unpackaging their bases and interrelationships. *Journal of Politeness Research* 1, 2005. p. 95 – 119.

SPENCER-OATEY, Helen. Face, (Im)Politeness and Rapport. In: SPENCER-OATEY, Helen (Org.). *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. 2. ed. Londres: Continuum, 2008b.

STALNAKER, Robert C. Pragmatics. In: *Semantics of Natural Language*, Davidson Donald and Gilbert Harman (Org), Dordrecht/Boston: D. Reidel. 1972. p. 380- 397.

SWERTS, M. Filled pauses as markers of discourse structure. *Journal of Pragmatics*, Vol 30. 1982. p. 485-496.

STIVERS, T.; ENFIELD, N. J.; BROWN, P.; ENGLERT, C.; HAYASHI, M.; HEINEMANN, T.; LEVINSON, S. C. Universals and cultural variation in turn-taking in conversation. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 106(26), 2009. p. 10587-10592.

STIVERS, Tanya. ‘‘No no no’’ and other types of multiple sayings in social interaction. *Hum. Commun. Res.* 30 (2), 2004. p. 260-293.

STOKOE, E. Moving forward with membership categorization analysis: Methods for systematic analysis. *Discourse Studies*, 14 (3), 2012. p. 277-303.

TANNEN, Deborah. *Conversational style: analyzing talk among friends*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005.

TANNEN, Deborah; Saville-Troike, Muriel. The Place of Silence in an Integrated Theory of Communication. In: SAVILLE-TROIKE, Muriel (Org.). *Perspectives on Silence*. Eds. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation, 1985. Print. p. 3-20.

TECHTMEIER, Bärbel. Form und Funktion von Metakommunikation im Gespräch. In: Brinker, Klaus et al. (Org.). *Text- und Gesprächslinguistik: ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*. 2. Halbband. Gesprächslinguistik. Berlin, New York: de Gruyter, 2001. p. 1449–1463.

TOMAZ, Ana Paula de Oliveira. *Interpretações para o silêncio: Por uma Abordagem Pragmática dos Sinais Não-Verbais*. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

VERSCHUEREN, Jef. *Understanding Pragmatics*. London: Edward Arnold. 1999.

VERSCHUEREN, Jef. What People Say They Do with Words. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley. 1979.

VITERBO LAGE, Carolina. *Comunicação Interpessoal e Intercultural entre Brasileiros e Alemães: Análise dos Momentos de Conflito*. 2013. 208f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

WIERZBICKA, Anna. *Cross-cultural pragmatics: the Semantic of Human Interaction*. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2003.

WILSON, Deirdre. Relevance theory and lexical pragmatics. *Italian Journal of Linguistics/Rivista di Linguistica*, v. 15, 2003. p. 273 – 291.

ANEXO

ANEXO A: convenções de transcrição do GAT2⁴³

Transcrição mínima

Sequência estrutural

[] sobreposição e fala simultânea

[-]

Inspirações e expirações

°h/h° ins-/expiração de aprox. 0,2-0,5 seg de duração

°hh/hh° ins-/expiração de aprox. 0,5-0,8 seg de duração

°hhh/hhh° ins-/expiração de aprox. 0,8-1,0 seg de duração

Pausas

(.) micro pausa estimada em até 0,2 seg de duração aprox.

(-) pausa curta estimada em aprox. 0,2 – 0,5 seg de duração

(--) pausa intermediária estimada em aprox. 0,5 – 0,8 seg de duração

(---) pausa longa estimada em aprox. 0,8 – 1,0 seg de duração

(0.5)/(2.0) pausa mensurada em aprox. 0,5/2,0 seg de duração (até o décimo de segundo)

Outras convenções segmentais

e_ah cliticizações dentro de unidades

eh, ahm, uhm etc. marcadores de hesitação, assim chamados de “pausas preenchidas”

Risos e choros

haha }
hehe } risada silábica
hihi }

((ri)) }
((chora)) } descrição de risada ou choro

⁴³ Texto retirado de SELTING, AUER, BARTH-WEINGARTEN et. al. (2016, p. 47-50).

<<rindo> > partículas de riso acompanhando a fala com indicação de escopo

<<:-)> então> “smile voice”

Continuadores

hm, mm, sim, éh ocorrências monossilábicas

hm_hm, aham ocorrências bissilábicas

?hm?hm com fechamento glotal, frequentemente para negação

Outras convenções

((tosse)) ações e eventos vocais não verbais

<<tossindo> > descrição com indicação de escopo

() trecho incompreensível

(xxx), (xxx xxx) uma ou duas sílabas incompreensíveis

(posso) termo presumido

(posso/passo a falar) possíveis alternativas

((incompreensível, aprox. 3 seg)) trecho incompreensível com indicação de duração

((...)) omissão na transcrição

→ refere-se a uma linha de transcrição relevante na argumentação

Transcrição básica

Sequência estrutural

= continuação rápida e imediata com um novo turno ou segmento (*latching*)

Outras convenções de segmentação

: alongamento, de aprox. 0,2-0,5 seg.

:: alongamento, de aprox. 0,5-0,8 seg.

::: alongamento, de aprox. 0,8-1,0 seg.

? ruptura (*cut-off*) por fechamento glotal

Acentuação

Sílaba acento focal

!Sílaba acento focal extra forte

Movimentos entonacionais no final das unidades entonacionais

? alto ascendente

,	ascendente
–	nivelado
;	descendente
.	baixo descendente

Outras convenções

<<surpreso>> comentário interpretativo com indicação de escopo

Transcrição refinada

Acentuação

Sílaba	acento focal
sílaba	acento secundário
!Sílaba	acento extra focal

Pulos entonacionais

↑	pequeno pulo entonacional para cima
↓	pequeno pulo entonacional para baixo
↑↑	grande pulo entonacional para cima
↓↓	grande pulo entonacional para baixo

Mudanças na frequência do som

<<l>>	frequência mais baixa
<<h>>	frequência mais alta

Notação intralinear de movimentos entonacionais

en`TÃO	descendente
en˘TÃO	ascendente
en˘TÃO	nivelado
en^TÃO	ascendente-descendente
en˘TÃO	descendente-ascendente
↑˘	pequeno pulo entonacional para cima em direção ao pico da sílaba enfatizada
↓˘	pequeno pulo entonacional para baixo em direção ao vale da sílaba enfatizada
en↑˘TÃO ou en↓˘TÃO	pulos entonacionais para acentos perceptivelmente mais altos ou mais baixos com curva nivelada

en↑↑`TÃO ou ↓↓`TÃO pulos entonacionais perceptíveis em direção ao pico ou em direção ao vale da sílaba enfatizada

Mudanças de volume e velocidade, com escopo

<<f> >	forte, alto
<<ff> >	fortissimo, muito alto
<<p> >	piano, baixo
<<pp> >	pianissimo, muito baixo
<<all> >	allegro, rápido
<<len> >	lento, devagar
<<cresc> >	crescendo, aumentando o volume
<<dim> >	diminuendo, diminuindo o volume
<<acc> >	acelerando, aumentando a velocidade
<<rall> >	rallentando, diminuindo a velocidade

Mudanças na qualidade vocal e na articulação com escopo

<<crepitante> >	glotalizado
<<sussurrante> >	mudança de qualidade vocal como indicado